

ARNALDO ALVES DA MOTTA

PSICOLOGIA ANALÍTICA NO BRASIL:  
CONTRIBUIÇÕES PARA A SUA HISTÓRIA

Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia Social

Núcleo de História da Psicologia

PUC/SP

São Paulo

2005

ARNALDO ALVES DA MOTTA

PSICOLOGIA ANALÍTICA NO BRASIL:  
CONTRIBUIÇÕES PARA A SUA HISTÓRIA

Dissertação apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para obtenção do título de MESTRE em Psicologia Social, sob a orientação da Professora Doutora Maria do Carmo Guedes.<sup>1</sup>

Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia Social  
Núcleo de História da Psicologia  
PUC/SP

São Paulo  
2005

---

<sup>1</sup> Esta versão, pós-defesa, apresenta algumas correções de digitação, além de acréscimo de informações no anexo 5.

---

Profa. Doutora Laura Villares de Freitas

---

Profa. Doutora Mitsuko Aparecida Antunes

---

Profa. Doutora Maria do Carmo Guedes

---

Prof. Doutor Alberto Pereira Lima

## AGRADECIMENTOS

Um trabalho de pesquisa começa com uma idéia que brota da curiosidade de alguém. Só segue adiante, entretanto, se puder contar com a generosidade daqueles que se dispõem a compartilhar o que sabem. A esses que encontrei sou grato, alguns dos quais gostaria de nomear:

Maria do Carmo, orientadora que por vezes me desorientou e abriu diversas portas que facilitaram minha aproximação com a academia;

Os/as colegas do NEHPSI: Ana Karina Fachini, Carmem Silvia Taverna, Catarina Gewehr, Célia Vieira, Claudia de Paula, Fernanda Waeny, Janaína, Maria Fernanda Mascheretti, Marilda Castelar, Mônica Leopardi Bosco, Renato Ferreira de Souza, Thiago Endrigo e Vera Rita Ferreira, sempre receptivos e estimulantes.

Os meus "qualificadores(as)" Mitsuko Antunes e Laura Villares de Freitas a quem considero co-autoras deste trabalho e, Alberto Lima, de quem pude usufruir a paciência e o tato para aprimorar o "nosso" texto.

Marilena Dreyfus e João Bezinelli, parceiros junguianos, pela disponibilidade amiga.

Luiz Paulo Grinberg, companheiro de viagens pela história.

As pessoas que colaboraram gentilmente com depoimentos preciosos: Agnes Geöcze, Maria Luíza Simões e pessoas que tiveram/têm proximidade com Leon Bonaventure.

Os amigos do Museu de Imagens do Inconsciente Luis Carlos Mello e Eurípedes Junior, sempre prontos para ajudar.

Luis Valcazaras, pelos presentes.

Isabela de Santis, sempre uma referência.

Colegas da AJB, Candido Vallada e Glauco Ulson que participam de uma luta comum.

Os fundadores da SBPA pela iniciativa e perseverança

Os colegas da SBPA que contribuem para o lugar merecido que a psicologia analítica conquistou em nosso país.

A SEGRAC e o RH da PUC-SP que permitiram o acesso a informações para essa pesquisa.

A CAPES que contribuiu com inestimável apoio para essa pesquisa, através do recurso público.

Dedico este trabalho aos que chegaram aqui antes de mim, já que, graças a esses, tenho ao meu lado o que realmente importa: Jô, João Pedro e Luíza.

## Resumo

O objetivo deste trabalho é o estudo da constituição da psicologia analítica no Brasil. Para esse fim, utilizou-se a abordagem social em história da psicologia buscando situar personagens e fatos no contexto geral, na medida em que se entende que a história está inserida em determinado tempo e lugar.

Foram identificados três personagens considerados pioneiros da disciplina no país – Nise da Silveira, Pethö Sándor e Leon Bonaventure, cujos percursos pessoais e profissionais são abordados, ao mesmo tempo em que são apontados eventos e situações mais amplos que podem estar relacionadas ao processo que levou tais pessoas a assumirem o papel de pioneiros.

Ao mapear-se a contribuição desses profissionais, para o campo da psicologia analítica, percebe-se o desenvolvimento de um trabalho criativo que não se limita à disseminação, no país, dos conceitos de Carl Gustav Jung, propondo métodos e técnicas próprias. Além disso, particularmente na obra dos dois primeiros pioneiros pesquisados, observa-se a colaboração para a constituição de uma psicologia analítica brasileira.

### Palavras chave

História da psicologia no Brasil, psicologia analítica, psicologia junguiana, Carl Gustav Jung, Nise da Silveira, Pethö Sándor, Léon Bonaventure.

## Abstract

The purpose of this work is to study the formation of analytical psychology in Brazil. To this end, a social approach in the history of psychology was used seeking to place people and facts in a general context once history is inserted in a certain time and place.

Three figures considered pioneers in this field in the country were identified– Nise da Silveira, Pethö Sándor and Leon Bonaventure whose personal and professional paths are addressed. At the same time, also noted, are the possible related broader events and situations that may be related to their being responsible for their role as pioneers.

In mapping the contributions made by these professionals in the field of analytical psychology, one perceives the development of a creative work not limited to the dissemination of Carl Gustav Jung's concepts, but to the proposition of their own methods and techniques. Furthermore, particularly in the work of the two first pioneers researched, one observes the collaboration toward the birth of a Brazilian analytical psychology.

### Key words

History of psychology in Brazil, analytical psychology, Jungian psychology, Carl Gustav Jung, , Nise da Silveira, Pethö Sándor, Léon Bonaventure.

## Sumário

Introdução - Da origem do problema aos objetivos da pesquisa.....	9
- Origem do problema.....	9
- As pessoas.....	12
- O contexto.....	16
- História da psicologia?.....	18
- Objetivo da pesquisa.....	20
Capítulo 1 - Como fazer história da psicologia?.....	23
Capítulo 2 - Em busca dos pioneiros.....	29
- O surgimento da psicologia analítica.....	29
- Assistência psiquiátrica no Brasil: do Hospício D. Pedro II ao setor de terapêutica ocupacional em Engenho de Dentro.....	38
- Definindo os pioneiros.....	41
Capítulo 3 - Os pioneiros da PA no Brasil.....	52
- Nise da Silveira.....	52
- Pethö Sándor.....	76
- Léon Bonaventure.....	90
Capítulo 4 - Algumas considerações .....	95
Conclusão.....	116
Referências bibliográficas.....	118
Anexos.....	127
- Anexo 1 - Situando a psicologia analítica no Brasil, datas e fatos.....	127
- Anexo 2 - Produção e iniciativas ligadas a Nise da Silveira.....	135
- Anexo 3 - Produção e iniciativas ligadas a Pethö Sándor.....	141
- Anexo 4 - Produção e iniciativas ligadas a Léon Bonaventure.....	144
- Anexo 5 - Informações sobre o panorama atual da PA no Brasil.....	146



## Introdução

### Da origem do problema aos objetivos da pesquisa

Diz o ditado que os Deuses, quando querem se divertir, resolvem atender ao pedido dos homens.

#### Origem do problema

Eu comecei a pensar sobre a história da psicologia analítica no Brasil quando me dei conta de que a Sociedade Brasileira de Psicologia Analítica – SBPA, instituição da qual faço parte, completaria 25 anos de fundação. Esse marco é significativo em um país como o nosso, onde a tradição é volátil e a história é pouco valorizada. Um exemplo desse aspecto pode ser visto no próprio âmbito das instituições nacionais, que “se defrontam com problemas que ameaçam a sua sobrevivência em curto prazo” (Tenório, 1977), fazendo com que grande parte delas não ultrapasse a fase pioneira. Sabendo disso, decidi: essa data merece ser comemorada!

Naquela época, em 2001, eu era presidente da SBPA, condição que me permitia olhar a instituição de uma perspectiva particular. Eu fazia parte daquele coletivo desde 1989, mas percebi que conhecia pouco sobre a organização. Ao pensar nos seus anos de existência, várias questões surgiram-me de forma provocativa, afinal uma organização não existe por si, ela é fruto da iniciativa e ação de pessoas. Quem são as pessoas que fundaram a SBPA? O que as levou/motivou a essa empreitada? Quais eram as condições em que essa ação se deu? O que ajudou? O que atrapalhou? Como a instituição viveu o período compreendido desde a sua fundação até os dias atuais?

Além desse aspecto de minha vida profissional, outros elementos merecem atenção para melhor situar a concepção deste projeto de pesquisa. O tema da história da psicologia esteve particularmente em voga, na ocasião, em função das ações do Grupo de Trabalho “História e Memória da Psicologia” constituído em

1999 e que integrava a proposta “Memória da Psicologia Brasileira”, desencadeada, em nível nacional, pelo Conselho Federal de Psicologia.



Esse grupo ligado ao Conselho Regional de Psicologia, região São Paulo, vinha desenvolvendo um trabalho cujo objetivo era o de registrar a trajetória dos psicólogos paulistas pioneiros. Buscava, com isso, tanto preservar a memória da profissão quanto contribuir para a construção de uma identidade para a psicologia no Brasil.

Concomitantemente, iniciou-se, em São Paulo, um intenso movimento em torno das preparações para a comemoração dos 450 anos de fundação da cidade, que seriam festejados em 2004.



Impossível ficar alheio a todo o material produzido e divulgado sobre a história da metrópole paulista que, somado à iniciativa do CRP certamente incentivaram o meu interesse sobre história.

Em paralelo a tais fatores, outro episódio, de início aparentemente sem conexão com o movimento acima, acabou por convergir no rumo para um projeto em história da psicologia.

Certo dia, passei pela Pontifícia Universidade Católica - PUC-SP a fim de obter informações sobre cursos de pós-graduação, pois já vinha, há algum tempo, sentindo vontade de voltar a estudar de forma mais sistemática. Fui ao Programa de Psicologia Social (PSO), pois, naquele momento, avaliava que minha trajetória de participação em movimentos sociais e instituições merecia uma reflexão mais organizada. Minha intenção com essa visita não era outra além de tomar contato com o que o Programa poderia oferecer e de respirar novamente os ares daquele saudoso e importante espaço que é a PUC, para mim. Ao entrar na recepção da PSO, a primeira pessoa com quem me deparei foi a professora Maria do Carmo Guedes, que havia sido diretora da Faculdade de Psicologia na época em que fiz

minha graduação. Cumprimentei-a, com aquela dúvida que se coloca depois de um intervalo de mais de vinte anos desde o último encontro, e perguntei se poderíamos conversar um pouco. Fomos para a sua sala, falei de minha experiência com instituições e recebi indicações que poderiam ser úteis para conhecer o Programa. Perguntei o que ela estava fazendo e fiquei sabendo da existência do Núcleo de História da Psicologia – NEHPSI, criado em 1983, sob sua coordenação. Agradei a amável disponibilidade e nos despedimos sem que eu tivesse me dado conta do sentido desse encontro, já que minha ida à PUC não tinha nenhuma ligação intencional com a idéia de comemorar os 25 anos da SBPA.

Dias mais tarde fui fazendo as conexões, lembrando do que Jung chamou de sincronicidade<sup>2</sup>. Eu havia ido à PUC em busca de uma coisa e havia encontrado outra. O Núcleo de História da Psicologia (NEHPSI) era o lugar de confluência de diversos caminhos: era aí, por exemplo, que fazia seu doutorado a psicóloga Carmem Taverna, coordenadora do GT “História e Memória da Psicologia”, com a qual eu vinha tentando manter contato há tempos. Percebi que poderia estar ali a ajuda que eu vinha procurando para poder dar um formato mais consistente para a idéia de conhecer a história da SBPA. Retomei o contato com a professora Maria do Carmo, com um pedido mais bem formatado: eu queria sua ajuda para o meu projeto dos 25 anos da SBPA. Tive como resposta diversas indicações bibliográficas e um amável convite para participar do Núcleo.

Os fatos relatados até aqui dizem da minha condição pessoal - fazer parte de uma instituição da qual era o presidente e a minha passagem “acidental” pela PUC -, e do momento em que tal condição foi vivida, - quando aconteciam movimentos relacionados à pesquisa histórica no âmbito da minha profissão e da cidade em que vivo.

Esta forma de apresentar uma situação, enfocando o sujeito/pessoa e o momento/contexto, aparece também nas perguntas formuladas em relação à fundação da SBPA, demonstrando uma perspectiva particular de olhar para o

---

<sup>2</sup> Sincronicidade refere-se a correlações não causais significativas entre eventos psíquicos (ou internos) e físicos (ou externos).

mundo e que estará presente durante o desenvolvimento deste trabalho, motivo pelo qual merece um maior aprofundamento.

## As pessoas

No final de 2001, ao procurar referências para encaminhar este projeto, alguns aspectos do mesmo foram tomando forma. Como demonstram algumas das perguntas iniciais, a minha curiosidade voltou-se para a participação das pessoas na formação daquela instituição que me interessava em conhecer mais profundamente.

A SBPA completaria 25 anos, o que poderia ser tratado como um fenômeno em si. Desta forma, porém, sem levar em conta aqueles/as que participaram neste período, dificilmente meu trabalho seguiria adiante. Sabemos que o grupo social instituído tem vida própria, mas uma instituição desvinculada de pessoas não me desperta interesse. Uma organização constitui-se em determinado momento a partir de iniciativas e ações de pessoas, tal como uma criação depende do seu criador para se tornar criatura.

A idéia do homem como criador é antiga como pode ser visto em passagens na mitologia ou na ciência. Alguns mitos falam do surgimento do ser humano a partir de algum ato divino, para logo adquirir vida própria, não permanecendo por muito tempo submetido ao seu criador. Normalmente esse é um momento de ruptura a partir do qual o homem adquire autonomia, através da própria capacidade de ter iniciativas em função de seus desejos, vontades etc.

A passagem do Gênesis que descreve a cena do Primeiro Pecado (3. 1-24) pode ser um exemplo do que acabamos de afirmar. Estimulada pela serpente, Eva desrespeitou a proibição que Deus havia imposto. Experimentou e ofereceu a Adão o fruto da árvore da ciência do bem e do mal, que ficava o meio do jardim do Éden então, "subitamente abriram-se-lhes os olhos e ambos perceberam que estavam nus" (Gênesis, 3, 7). As conseqüências de tal ato foram várias, entre elas, a partir de então o homem passou a se alimentar do seu trabalho penoso e com o suor de

sua frente. A seguir “o senhor Deus disse: - Eis que o homem se tornou como um de nós, conhecendo o bem e o mal...” (Gênesis, 3, 22).

Sem entrar no caráter de penalidade que se coloca no texto bíblico, vemos nesta passagem que o homem adquire a consciência sobre si próprio e passa a realizar ações no mundo, coisa que até então não acontecia. Antes, Adão vivia simplesmente do que já existia, sem precisar de qualquer ação consciente de sua parte. Depois, ele passou a depender da sua ação para produzir alimentos, o que, apesar de ser uma punição, paradoxalmente o coloca apto a uma função divina que é a da criação. A diferença é que para este fim não lhe basta o verbo. São necessários o trabalho penoso e o suor de sua frente.



Interessa ainda pontuar o fato de a árvore do conhecimento estar localizada no meio do jardim, que podemos entender como uma referência ao Self, que para Jung é o centro regulador da personalidade e que contém todas as indicações para a individuação, processo pelo qual cada indivíduo se desenvolve em direção à realização de sua potencialidade.

Ao experimentar do fruto que lhe foi oferecido, Adão rompeu com uma condição anterior, passando a perceber a sua própria nudez, ou seja, olhar para si próprio e saber da sua condição. Nesta cena temos a descrição de um momento em que o homem emerge de um estado indiferenciado e adquire um novo patamar de consciência. O mito expressa, desta forma, uma íntima relação entre ação do indivíduo, criação e consciência, sem se colocar necessariamente nesta ordem.

Situação semelhante é descrita em um mito esquimó, relatado por Knud Rasmussen e citado por Von Franz (2003, p. 33-38). Nele, o Pai Corvo que

*não foi uma ave comum, mas um poder sagrado, criador da vida, que estava em tudo que existia neste mundo no qual hoje vivemos. Entretanto, ele também começou na forma de um ser humano (portanto não pense no Pai Corvo como um corvo; ele apenas se tornou um corvo) e ficava vagando no escuro e todos os seus feitos eram completamente erráticos, até que se tornou manifesto para ele quem era e o que deveria fazer. Sentava-se crocociando no escuro quando de repente despertou para a consciência e se descobriu. Ele não sabia onde estava ou como tinha começado a existir, mas respirou e teve vida, ele viveu. Tudo o mais à sua volta encontrava-se no escuro e ele não conseguia ver coisa alguma. Com as mãos, tateava seu caminho a esmo, tocando os objetos, e seus dedos tocavam a argila onde os abrisse (...). Ele deixou que seus dedos deslizassem sobre a argila, e então achou seu rosto e sentiu que tinha nariz, olhos e boca, e também que possuía braços e pernas, como nós. Ele era um ser humano, um homem. Em cima de sua testa, sentiu um pequeno nó duro, mas não sabia por que estava lá, ele não possuía idéia de que havia se tornado um corvo antes, e que esse pequeno nó iria crescer e se transformar no seu bico. Mergulhou em profunda meditação. Agora entendia, de repente, que era um ser livre, algo independente que não estava pregado no que o rodeava (op. Cit., pp. 34-5).*

A autora diz adiante que “essa é uma linda história que mostra que o processo de despertar para uma percepção de realidade é parecido com o estado de ânimo de quem sai de um estado de inconsciência” (op. Cit. Pp. 38-9). O que o mito refere no primeiro momento, quando os feitos do Pai Corvo eram erráticos, indica um estado em que não existe diferenciação de fronteiras entre um e outro e conseqüentemente o um não pode saber de si enquanto não delimitar seu contorno. Quando isso acontece com o Pai Corvo, ele se despreza, rompe com sua condição anterior e passa a ter consciência de si e de suas criações.

Não só os mitos retratam este tipo de situação, que fala da relação entre ação do homem e o desencadear de novos saberes ou aquisição de novos patamares para olhar o mundo. Podemos encontrar paralelos semelhantes em alguns fatos históricos, por exemplo, no surgimento do homem moderno quando se retrata o surgimento de uma nova possibilidade de produção de saber.

Nicolau Copérnico (1473-1543) foi um sacerdote ortodoxo, característica que não o impediu de trazer à luz uma hipótese que literalmente deslocou a posição do homem no mundo. A sua obra *De Revolutionibus Orbium Coelestium* apresenta a teoria heliocêntrica que destrona a Terra como centro do universo.



Segundo Russell (1957, p. 49), Copérnico possuiu dois méritos fundamentais para a ciência moderna: a imensa paciência na observação e grande audácia na formulação de hipóteses. Posterior a esse, Giordano Bruno (1548-1600), padre dominicano, “percebeu que o sistema de Copérnico, pelo qual optou, implicava o abandono definitivo da idéia de um universo estruturado e hierarquicamente ordenado” (Gioia, 2004, p. 183). A igreja já tinha acirrado sua postura em relação aos que confrontavam a doutrina oficial em função do que, diferentemente de Copérnico, Bruno não foi poupado da fogueira.

Galileu Galilei (1564-1642) também se colocou entre os que reafirmaram a teoria de Copérnico, tendo ainda se utilizado de instrumentos de observação para colocá-los a serviço do conhecimento. Por suas idéias também foi condenado duas vezes pela Inquisição. A primeira privadamente em 1616 e a segunda em 1633, quando fez a retratação pública de suas idéias livrando-o do destino usual dado aos hereges.

Esses três personagens surgem como porta-vozes de um saber que se desvinculava da supremacia da Igreja Católica na produção de conhecimento. Nesse período, particularmente interessante pois reflete uma dinâmica semelhante ao que acabamos de ver no Gênesis, temos uma mudança na forma de relacionamento com o saber, que passa da mera afirmação aos postulados de Deus para a produção de novas formas de olhar o mundo propostas pelo homem.

Assim como nos mitos, esses precursores da ciência moderna representaram a possibilidade do homem ser, ele próprio, um criador de saberes, não ficando restrito à mera reafirmação da verdade divina.

Descartes (1596-1650) pode ser tomado como outro exemplo, já que ele defende a autoria do indivíduo ao afirmar que “os edifícios projetados e concluídos por um só arquiteto costumam ser mais belos e mais bem estruturados do que aqueles que muitos quiseram reformar, utilizando-se de velhas paredes construídas para outras finalidades” (Descartes, 1637/1999, p. 43). A sua frase *Cogito ergo sum*, reafirma a relação entre tomada de consciência e produção de saber e está na base de um método que sistematiza uma nova maneira de cunhar novos conhecimentos, baseado inteiramente na atividade do indivíduo.

Assim, falar de determinados fatos e acontecimentos que possuem a característica de provocar transformações, traz junto a necessidade de apresentar seus atores, como forma de dar vida e humanidade à descrição de acontecimentos, mas também como maneira de fazer justiça aos que se arriscam em buscar o desconhecido. Porém, as ações das pessoas só podem dar-se desta forma em função da época e do lugar em que agem, daí a necessidade de situar as ações humanas em seu contexto<sup>3</sup>.

## O contexto

Alguns poderiam criticar a abordagem que privilegia seus atores, afirmando que o culto a determinadas personalidades seria uma perspectiva que estaria de acordo com uma vaidade do ser humano, que não suportaria a idéia de ser fruto do ato divino e gostaria de se colocar no centro do mundo. Freud (1915/1974) já fez considerações a esse respeito no início de século passado com a formulação do conceito do inconsciente. Para o pai da psicanálise, este seria o terceiro grande golpe na idéia narcísica do homem ser o centro do universo, ou senhor de suas

---

<sup>3</sup> A palavra “contexto” aplicada à escrita é atribuída ao encadeamento de idéias dum escrito ou aquilo que constitui o texto no seu todo. Refere-se também a conjunto; todo, totalidade expressando o uso que pretendemos neste trabalho. (Ferreira, 1988)



vontades<sup>4</sup>. Contemporâneo de Freud, Jung (1920/1976) formulou o conceito de individuação, que pressupõe o desenvolvimento das possibilidades individuais do ser em relação à respectiva coletividade historicamente situada.

Mesmo o suposto antropocentrismo, que poderia ser criticado nesta postura, não teria mais sentido em pleno século XXI, depois dos conceitos da psicologia social ou com os estudos sobre o caos e a complexidade.

Rodríguez (1997) delimita três vertentes daquela disciplina: a psicologia social psicológica, a sociológica e a marxista, com uma derivação freudiana-marxista. As linhas mencionadas abordam, com diferentes perspectivas, o campo onde se dá a interação do indivíduo com o meio, seja ele um pequeno grupo, o ambiente ou o meio visto sob o prisma das ideologias que o permeiam.

Henry Atlan, médico e biologista<sup>5</sup>, com sua teoria da auto-organização do vivo entende por relatividade do conhecimento "o fato de tomar em consideração os diferentes fatores que desempenham um papel na sua construção" (Pessis-Pasternak, 1993, p. 63), colocando desta forma a presença do indivíduo apenas como um dos tantos elementos que interferem nos acontecimentos.

As idéias da psicanálise, da psicologia social, assim como dos pesquisadores atuais da física e da biologia, entre outros, falam de um indivíduo que participa e está sob a contingência de um conjunto enorme de variáveis, das quais ele tem um controle bastante precário, se é que possui algum. Neste sentido, pensar o indivíduo em meio a uma série de fatores que o determinam em diversos aspectos, faz com que ele retome a sua condição de criatura.

Não falamos de uma criatura como um ser absolutamente passivo e impotente, ao sabor das insondáveis variáveis do universo. O seu inverso, por

---

<sup>4</sup> O primeiro golpe, o cosmogológico tirou do homem a ilusão da Terra como centro do universo. O seguinte foi o golpe biológico, dado pela teoria da evolução das espécies que propõe a ascendência animal do homem tirando-lhe a suposta superioridade em relação aos animais. O terceiro golpe chamado de psicológico diz que a proposta do conceito de inconsciente afirma que "o ego não é o senhor da sua própria casa" (Freud, 1917/1976, p. 178). (SE vol XVII)

<sup>5</sup> A obra de Henri Atlan que abarca diversos domínios científicos, como a biologia celular, biofísica, e inteligência artificial, encontra a sua unidade na procura de uma teoria da complexidade.

outro lado, é igualmente insatisfatório. Não se pretende apresentar o indivíduo como alguém onipotente fazendo o que bem quer.

O homem de que falamos é alguém que age no mundo, porém o faz de acordo com os recursos que lhe são propiciados pela época em que se encontra e pelo lugar em que vive. Ou seja, sua ação é fruto de uma conjugação de fatores que lhe são inerentes e que ao mesmo tempo o transcendem. Por isso o homem, além de criador, é também criatura, pois sua existência se dá em um momento e em um lugar que o determinam e que são fatores impossíveis de serem abstraídos, já que a existência humana é concreta.

Assim, entendemos que uma ação é sempre de alguém com motivações particulares e peculiares e que se dá em momento e lugar específicos, sendo, portanto, determinada por tais fatores. Buscar respostas sobre quem são os sujeitos de determinada ação, quais foram as suas motivações, em quais condições tal ação se deu e quais foram os seus desdobramentos, coloca a necessidade de instrumentos adequados para essa tarefa que tem todos os ingredientes para se inserir no campo da história. Mas surge, então, um questionamento: pode o psicólogo adentrar áreas que estão fora da sua formação profissional? Existem razões para se fazer história da psicologia?

## História da psicologia?

Existem vários autores na psicologia motivados por este tipo de questionamento, o que sugere que o mesmo não é peculiar do nosso país e nem se restringe ao momento atual.

Um psicólogo que não tem formação em história tenderia a escrever sobre história da psicologia de maneira classificada como internalista, ou seja, uma narrativa da progressão no tempo das idéias psicológicas como tal, sem se preocupar com eventuais outros fatores que pudessem estar relacionados com os processos dos conceitos enfocados. "Mas um historiador estaria muito mais propenso a examinar o pensamento psicológico no contexto dos desenvolvimentos

contemporâneos em outras ciências e, de fato, no meio social, cultural e político em que as idéias psicológicas foram formuladas – uma orientação mais externa” (Wertheimer, 1998, pp. 30/31).

A discussão sobre essas diferentes formas de fazer história vem sendo objeto de reflexão de diversos autores da história da psicologia (Campos, 1998; Hilgard, Leary & Mc Guirre, 1991/1998; Sokal, 1980/1998; Wertheimer, 1980/1998 e Woodward, 1980/1998). Todos são unânimes na conclusão de que o recomendável é uma superação desta polaridade através de uma combinação de ambas, quando a psicologia pode ser tratada como um campo específico, mas não pode ignorar que seus conceitos e idéias acompanham o momento e o lugar em que são produzidas. Esse debate feito entre diversos historiadores da psicologia não é novo, o que mostra que essa área vem amadurecendo seus procedimentos e se constituindo como um espaço para a atuação do psicólogo. Hilgard, Leary & Mc Guirre, (1991/1998) mencionam obras de história da psicologia de autores como Rand e Hall, datadas de 1912. Mesmo aquele que é considerado um dos principais textos de história da psicologia, de autoria de Boring, foi publicado em 1929. Ou seja, psicólogos escrevendo sobre a história da própria disciplina é uma atividade que pode ser considerada como um campo sedimentado e tradicional, o que todavia não encerra o debate sobre a importância e as razões para se fazer história da psicologia

Antonio Gomes Penna (2003) é um autor brasileiro que tem um artigo diretamente voltado para este foco. Antes deste, existe uma publicação de Michael Wertheimer (1980/1998) que discute razões para se estudar história da psicologia. Nesta podemos encontrar uma série de referências a outros autores que se dedicaram a esse tópico, e que apresentam variados argumentos favoráveis à pesquisa de história da psicologia. As obras citadas abrangem um período razoavelmente amplo, que vai desde 1921 com Griffith até 1980, data do original do artigo em questão. Nele, Wertheimer discute cerca de vinte diferentes motivos apresentados pelos diversos autores ao longo dessas seis décadas, e os classifica em três categorias: motivos pouco animadores, justificativas mais convincentes e

argumentos decisivos. Abordaremos alguns, omitindo aqueles que o autor agrupou na primeira categoria mencionada, que são os considerados pouco animadores para justificar o estudo de história da psicologia.

Entre as citações apresentadas como justificativas mais convincentes, temos: saber o que já foi feito evita repetições desnecessárias, assim como ter familiaridade com os erros cometidos no passado reduz a possibilidade de repeti-los. Ter consciência da história da área pode proporcionar uma dose saudável de humildade, podendo também ajudar a descartar afirmações inadequadas e excessivas e, igualmente, permite tolerância a diferentes pontos de vista.

A terceira categoria proposta por Wertheimer (1998) consta de argumentos considerados decisivos, alguns dos quais dizem que a história pode nos ajudar, pelo menos, a começar a nos libertarmos de nossas próprias limitações e cegueiras, deixando-nos menos sujeitos aos caprichos dos fatores contextuais externos (*Zeitgeist*). Ressalta de maneira contundente a frase de Watson, para quem “negligenciar a história não significa escapar de sua influência” (p.38).

Neste recente período de nosso contato com o estudo da história da psicologia podemos afirmar que os argumentos apresentados, para justificar o estudo nesta área de conhecimento, encontram ressonância nas motivações que nos levaram a desenvolver o presente projeto de pesquisa.

## Objetivo da pesquisa

A partir do interesse apresentado no início desta introdução, novas perguntas foram surgindo para mim:

Qual é a história da psicologia analítica (PA) no Brasil?

Existem estudos/pesquisas nessa área?

Como se deu a constituição dessa área em nosso país?

Quem são os seus pioneiros?

Como eles entraram em contato com a PA?

Quais foram suas contribuições para a constituição e o desenvolvimento da PA no Brasil?

Qual era o contexto em que tais contribuições se deram?

Qual é o panorama atual da psicologia analítica no Brasil?

Como o quadro atual da disciplina se relaciona com a contribuição dos seus pioneiros?

Para tentar respondê-las, nos deparamos com a necessidade de uma nova empreitada. Graças ao incentivo dos/as colegas do NEHPSI, o novo desafio se transformou no projeto desta dissertação, cujo objetivo é: o estudo sobre a constituição da Psicologia Analítica no Brasil, buscando nomear seus pioneiros e mapeando as contribuições dos mesmos, de modo a conectá-las ao panorama atual da disciplina no nosso país.

Para sermos mais rigorosos com a formulação do nosso objetivo, a frase acima deveria ser dividida em duas partes. A primeira delas explicita o objetivo propriamente dito: "O objetivo deste projeto é o estudo sobre a constituição da Psicologia Analítica no Brasil". O restante da frase "... buscando nomear seus pioneiros, mapeando as contribuições dos mesmos de modo a conectá-las ao panorama atual da disciplina no nosso país" delimita aspectos específicos, definidos por mim como forma de alcançar a meta proposta.

Vale a pena explicitar nossa referência para o que estamos chamando de pioneiro, definido por Ferreira (1995) como: "o primeiro que abre ou descobre caminho através de região mal conhecida (...). Diz-se da obra, serviço, iniciativa, idéia, etc., que se antecipa ou abre caminho a outros iguais ou similares" (p. 507). Pioneiro se refere, para efeitos desta pesquisa, à primeira pessoa que desenvolveu ações que resultaram na divulgação e disseminação dos conceitos da psicologia analítica no Brasil, sem que tivesse tomado contato com alguma iniciativa prévia, neste sentido, em nosso país. Assim poderemos ter mais de uma pessoa que seja considerada pioneira, desde que sua ação não seja decorrência ou continuidade de algo que tenha precedência no campo que delimitamos para este trabalho.

Com o nosso projeto de mestrado, o desejo inicial de comemoração de uma data se estendeu de tal forma que foi impossível viabilizar um esperado afastamento das instituições da psicologia analítica, depois de um período de intenso envolvimento com essa área. Alguém poderia dizer que a vinculação não prevista com essa face da psicologia analítica seria o momento de diversão dos deuses, provando a veracidade do dito popular mencionado no início desta apresentação. Não podemos afirmar. No entanto queremos retomar mais uma vez o artigo de Michael Wertheimer (1998) onde se lê: “a melhor razão para lidar com ela (história) talvez seja a simples curiosidade (...) Todo mundo gosta de uma boa história. E a história da psicologia possui alguns homens e idéias bem interessantes...E pode ser, ela mesma, de grande interesse.” O autor reforça esse tipo de argumentação com Henle (apud Wertheimer, 1998) para quem o estudo da história da psicologia “é algo fascinante (...). É um prato sofisticado a ser degustado por seu próprio valor. É uma grande aventura, como a história de todos os empreendimentos intelectuais (humanos) – talvez a maior de todas as aventuras, porque é a história da (própria humanidade)” (p. 30). Apesar de nossa recente entrada no campo da história da psicologia, podemos avaliar a citação acima sobre a satisfação que essa área proporciona ao seu pesquisador. Assim, se não temos condições de confirmar o ditado mencionado sobre o suposto lazer dos deuses, podemos afirmar que, no mundo humano, existe a possibilidade de usufruirmos nossa prática criadora.

## Capítulo 1

### Como fazer história da psicologia?

Já foi mencionado na introdução, como a procura de repostas para as nossas questões iniciais despertou a necessidade de buscar instrumentos adequados para esta tarefa, movimento que encontrou um ponto de apoio fundamental no NEHPSI. A partir das discussões com colegas e do contato com a literatura da área, nos deparamos com a discussão acerca das abordagens internalista e externalista, onde encontramos indicações para algumas das nossas preocupações que já estavam presentes no jeito de olhar o mundo. As questões levantadas, como foi visto, diziam respeito às pessoas e ao contexto no qual se deram as ações daquelas pessoas. Ficou claro, assim, que a abordagem internalista não seria satisfatória para as preocupações surgidas. A nossa postura inicial estava de acordo com o encaminhamento dos historiadores da psicologia que apontaram a combinação das duas correntes como sendo a mais apropriada para abordar este campo de pesquisa, que vem se desenvolvendo, porém, de forma acentuada nas últimas décadas. Tal processo reflete o movimento da história que tem passado por diversas transformações, incorporando novas possibilidades e recursos para abordar seu objeto de estudo. Por isso, outras questões que vêm sendo debatidas entre os historiadores devem ser trazidas para nossa reflexão, já que se referem a aspectos que estão presentes neste projeto de pesquisa.

É possível se fazer história sobre acontecimentos tão recentes (50 anos) dentro de uma área de conhecimento (a psicologia), em um universo limitado a uma disciplina (a psicologia analítica), em um espaço geográfico específico (o Brasil)?

Adeptos da história oral responderiam afirmativamente. Mais ainda, diriam que o recurso da história oral se encaixa perfeitamente nesses quesitos, na medida em que uma das suas especificidades "é o fato de a história oral apenas poder ser empregada em pesquisas sobre temas contemporâneos, ocorridos em um passado não muito remoto, isto é, que a memória dos seres humanos alcance, para que se

possa entrevistar pessoas que dele participaram, seja como atores, seja como testemunhas” (Alberti, 1990, p. 4). O universo delimitado que nossa pesquisa pretende abordar não seria incompatível com a história oral, pois ela está justamente “associada com a ‘micro-história’” (Portelli, 2001, p. 27). Além disso, diante da escassa documentação existente sobre o nosso tema, a história oral poderia servir como uma importante fonte de material, já que “o que é falado numa entrevista de história oral, usualmente nunca foi contado *dessa forma* antes” (op.cit. p. 11), de modo que esse recurso permite que diversas histórias contadas de maneira dispersa e esporádica possam adquirir um formato agrupado, sintético e linear, tendo em vista as intenções do entrevistador.

Os depoimentos orais foram bastante utilizados nesta pesquisa, como por exemplo o material coletado no “Encontro com os Fundadores” (Motta, 2003 b) , que reuniu os membros fundadores da SBPA que permaneciam vinculados à instituição. Além dessa entrevista grupal, utilizamos entrevistas individuais para colher informações que não estavam disponíveis em outro lugar e que apenas poderiam ser encontradas com determinadas pessoas que foram atores ou testemunhas de episódios concernentes ao nosso objeto.

Temos, desta forma, inúmeras indicações de que a história oral poderia ser uma abordagem adequada para esta pesquisa. É preciso, no entanto, observar algumas distinções sobre esse recurso que “ora se constitui *método* de investigação científica, ora *fonte* de pesquisa, ora ainda *técnica* de produção e tratamento de depoimentos gravados” (Alberti, 1990, p. 1). Assim, utilizar o depoimento oral para a coleta de dados não implica optar por essa abordagem enquanto método de investigação. Nosso interesse não está voltado para a análise do discurso, nem pretendemos dar voz a minorias que carecem de outras possibilidades de expressão de suas culturas. Além do material advindo dos depoimentos, dispomos de outras fontes como textos, artigos, documentos impressos ou virtuais/digitais. Por isso consideramos que “a história oral não pode ser suficiente para tudo”, como diz Perrot (1998, p. 358) em resposta a uma pergunta sobre os limites da história oral, em entrevista para Denise Bernuzzi de



Sant'Anna. Esta, logo adiante, fornece uma pista para o nosso objetivo dizendo: "Se pudéssemos, seria interessante, então, fazer as duas coisas: recorrer aos arquivos, às fontes escritas e, também, às fontes orais" (op. cit., p. 359). O que poderia corresponder a tal indicação, de maneira que pudesse contemplar todos os aspectos abarcados pela história oral, sem se restringir a algumas limitações desta abordagem?

Iniciando pela ressalva que fizemos sobre a história oral em relação a esta pesquisa, vejamos o que têm a nos dizer alguns representantes da história do presente sobre as fontes utilizadas por essa modalidade de fazer história. Sem dúvida, a fonte oral está entre elas, sendo inclusive considerada por Frank (1999) "privilégio do historiador do presente" (p. 107). Apesar disso, não deve ser sacralizada e considerada como a única válida, como o fizeram alguns historiadores da história oral militante, ressalta esse mesmo autor (op. cit., p. 109). A história do presente, "de fato, pode ser feita com testemunhas vivas e fontes proteiformes" diz Rioux (1999, p. 49), aliviando-nos assim do que seria uma restrição da história oral para este projeto, sem no entanto impedir o uso do rico e imprescindível material obtido através daquele recurso. Tal constatação nos impele a prosseguir na consideração da história do presente como uma alternativa que converge para a indicação mencionada no parágrafo anterior, feita pela entrevistadora de Perrot.

A história do presente se define pela temporalidade, no caso, referido-se "ao campo do 'muito contemporâneo', o do século XX amputado de seu primeiro terço" (Chauveau e Tétart, 1999, p. 20) e tem seu desenvolvimento na França, marcado pelo surgimento dos Institut d'Histoire du Temps Présent e Institut d'Histoire Moderne et Contemporaine em 1978. A constituição desse campo é considerada um fenômeno de geração, tendo como fator "o impacto dos acontecimentos deste último século sobre os homens e sobre sua vontade de 'reagir', isto é, de tentar explicar o presente" (op. Cit., p. 15). Para Rioux (1999), essa reação estaria relacionada a um "desejo de identidade [do qual] nasce essa ambição de uma história atenta ao presente" (p. 43), como uma forma de "lutar

contra uma massificação de efemérides que mantém uma temerária amnésia nas nossas sociedades” (p. 44).

A afirmação deste ramo da história só foi possível devido à “germinação de um pressuposto metodológico maior: a história não é somente o estudo do passado, ela também pode ser, com um menor recuo e métodos particulares, o estudo do presente” (Chauveau e Tétart: 1999, p. 15). Tal pressuposto, aliado à constatação de que a afirmação da história do presente é um fenômeno de geração, como foi dito acima, traz, no entanto, algumas discussões que precisam ser consideradas.

Pode o presente ser objeto da história?

A presença física do historiador em seu tempo e em seu tema permite um distanciamento necessário para a investigação histórica?

De certa forma tais provocações estão na raiz da história do presente, por isso não devem ser negligenciadas. Ainda, na medida em que tais questões falam dos esteios desta abordagem, elas devem ser consideradas aspectos de sua identidade. Assim, vimos que a história do presente pode ampliar algumas limitações que encontramos ao considerarmos a história oral como método de investigação para esta pesquisa. No entanto, parece que chegamos a um lugar semelhante. Parece-nos que tanto a história oral como a história do presente se definem por um determinado aspecto bastante característico expresso em sua própria designação: a primeira pelo tipo de fonte; a segunda, em função de sua cronologia. São justamente tais aspectos que acabam por colocar suas respectivas limitações, ainda que a história do presente possa utilizar as fontes orais sem se restringir a elas, permitindo, desta forma, um universo de maior abrangência para os nossos propósitos. Mesmo tendo clareza de que as possibilidades apresentadas até aqui não devem ser desprezadas, permanece uma insatisfação. Então perguntamos: não existiria alguma forma de se fazer história que evitasse um tipo de postura defensiva que precisa fazer parte do seu próprio método, não por opção afirmativa da abordagem mas, em função da fragilidade que a sua perspectiva traz em sua essência?

Para tentar responder a essa pergunta, gostaríamos de apresentar a abordagem social em história da psicologia, que se baseia no “pressuposto de que a compreensão histórica dessa área de conhecimento implica captá-la no bojo das relações que estabelece com o todo do qual faz parte, na dinâmica do movimento realizado no fluxo do tempo” (Antunes, 1998, p. 363). Essa abordagem está relacionada a uma concepção de que o homem atua no mundo, transformando a natureza e o seu meio em função de suas necessidades, a partir dos recursos que lhe são disponíveis. O homem é, portanto, influenciado pelo seu tempo e pelo seu lugar, ou seja, um ser histórico. Essa condição tem caráter dinâmico e encontra-se em contínua transformação, característica da própria história que “é vista como construção humana coletiva, pois o homem, seu sujeito primordial, é histórico na medida em que é social. Assim, compreender a história humana e, sobretudo, as idéias produzidas historicamente pelos homens, exige a busca de compreensão das relações sociais que permeiam, determinam e são determinadas por suas ações” (op.cit. p. 365). Desta forma, a abordagem social leva a pensar a psicologia como algo produzido por pessoas que existem em determinado tempo e espaço, que estabelecem relações e são por elas influenciadas de forma característica àquela época e lugar. Por isso, refletir historicamente sobre essa disciplina implica levar em conta as pessoas envolvidas na sua produção, seus antecedentes e seu contexto. Tal preocupação se estende igualmente para aquele que produz história, já que este é um ato intencional e deve, portanto, ser considerado um ato histórico.

Percebe-se assim o historiador e seu objeto em meio a uma complexidade que deve ser levada em conta, pois essa é a característica dessa abordagem, que não se restringe a um tipo de fonte ou a uma cronologia determinada, tal como a fonte oral ou o tempo presente, apesar de ambos poderem estar contemplados. Mais do que isso, preconiza uma perspectiva, não de limitação, como se concluiu sobre a história oral e sobre a história do presente. Diferente disto, a abordagem social propõe uma perspectiva ampliada sobre seu objeto - aqui incluído o historiador - de tal forma que se pode cair em um universo infinito, transformando

qualquer projeto baseado nesta proposta como algo inexecutável. Como garantir então alguma factibilidade para um projeto baseado na abordagem social? A possibilidade de ampliação, que nos levou a considerar a abordagem social para nossos propósitos, corre o risco de inviabilizar a sua efetivação. Da mesma forma que as outras abordagens analisadas possuem características que podem ser limitadoras, esta última também tem suas restrições. Essa questão surge depois de avaliarmos que o método social permite que algumas limitações encontradas nas propostas anteriores fossem contempladas, além de nos oferecer uma outra possibilidade que é a de trazer em sua essência a postura de inserir objeto e pesquisador em suas respectivas complexidades.

A ponderação sobre o perigo da ampliação desmesurada, que pode estar presente na abordagem social, poderia nos impulsionar a novas buscas, porém devemos ter em mente que vários componentes de nossa pesquisa podem ser atendidos com o que temos até aqui. Impõe-se portanto a necessidade de uma escolha para que possamos prosseguir adiante com nossa dissertação. Tal escolha não deve ser feita sem ressalvas pois, assim como a própria história é algo inacabado e em contínua transformação, a tentativa de refletirmos sobre a história da psicologia analítica no Brasil deve ser encarada da mesma forma. O produto de tal propósito deve ser compreendido como história e, igualmente, pode ser tomado como material histórico, fonte de renovadas reflexões sobre o tema. Na medida em que a abordagem social parece ser a que melhor condiz com o que buscamos neste trabalho, será ela a escolhida para servir como referencial de método de nossa investigação, tendo em vista os objetivos deste projeto, sendo os mesmos os nossos parâmetros delimitadores, para evitar os riscos que existem nesta opção.

## Capítulo 2

### Em busca dos pioneiros

#### O surgimento da Psicologia Analítica

A proposta deste projeto é o estudo da história de uma disciplina em nosso país. A Psicologia Analítica, no entanto, tem origem em outro continente. Seus primeiros conceitos foram formulados no início do século passado pelo psiquiatra suíço Carl Gustav Jung (1875-1961), quando ainda trabalhava no hospital psiquiátrico de Burgholzli, ligado à Universidade de Zurique, sob a chefia de Eugen Bleuler.

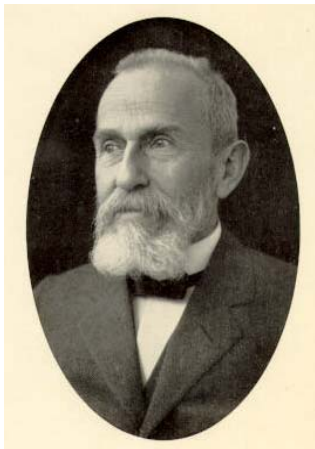


A psiquiatria europeia no final do século XIX vivia uma fase de intensos investimentos, após o entusiasmo vivido pela sua vertente organicista, a partir da descoberta da origem sífilítica em quadros demenciais. Os estudos articulando a doença mental com sua origem orgânica seguiam dentro da perspectiva predominante nas ciências naturais baseada na observação e classificação. O quadro nosográfico, proposto por Kraepelin em 1889<sup>6</sup>, é um exemplo desse tipo de abordagem presente nos estudos da escola alemã, com a qual os médicos suíços mantinham estreito contato.

Alguns anos antes da publicação do seu manual de psiquiatria, Kraepelin trabalhou no laboratório de pesquisa psicológica, o *Psychologische Institut*, em

Leipzig, coordenado por Wundt, considerado uma figura central no estabelecimento da psicologia experimental como disciplina autônoma e ciência independente. Sua psicologia foi influenciada pela sua formação médica e por suas pesquisas iniciais no laboratório de fisiologia de Heidelberg, onde foi assistente de Helmholtz.

Wundt definiu a psicologia como a ciência da consciência, cujo objeto é a experiência imediata. A atenção e a associação foram alguns dos principais focos de seus estudos e são considerados, ao lado do trabalho de Kraepelin, importantes fatores de influência na produção científica de Burgholzi<sup>7</sup>.



Na clínica psiquiátrica da Universidade de Zurique, Eugen Bleuler comandava as pesquisas sobre associacionismo, procurando explicar a vida psíquica pelas combinações e re-combinações dos elementos mentais. Afirmava que toda existência do passado e do presente, com suas experiências e lutas, reflete-se na atividade associativa.

Através desses estudos, Bleuler chegou ao denominador comum dos quadros de demência precoce, como eram até então denominados por Kraepelin, que é a dissociação. Tal caracterização permitiu a Bleuler<sup>8</sup> formular o conceito de esquizofrenia, alterando a nosografia psiquiátrica utilizada até então.

Em dezembro de 1900, Jung assumiu o lugar de assistente na equipe chefiada por Bleuler. Participou intensamente das atividades clínicas e de pesquisa e em 1905 tornou-se professor de psiquiatria, assumindo pouco depois o cargo de médico chefe na clínica de Burgholzi. Organizou um laboratório de psicologia

---

<sup>6</sup> Emil Kraepelin, psiquiatra e autor do *Lehrbuch der Psychiatrie (Manual de Psiquiatria)*.

<sup>7</sup> Segundo Wertheimer (1970/1976, p. 80-81), em 1874 Wilhelm Wundt obteve sua primeira posição docente regular como professor de filosofia em lógica indutiva em Zurique - o que, ao nosso ver, poderia ter contribuído para o intercâmbio com Burgholzi.

<sup>8</sup> Em 1911, Bleuler publicou *Dementia praecox oder Gruppe der Schizophrenien (A demência precoce ou o grupo das esquizofrenias)*.

experimental onde realizou, entre outras, experiências sobre associações, utilizando-se do teste desenvolvido por Wundt.

Nessas pesquisas, Jung estava interessado em investigar as perturbações nas reações dos pacientes, relacionando-as a palavras que podiam ser vinculadas a conteúdos afetivos. Esses estudos o levaram a formular o conceito de complexo e à demonstração objetiva da existência do inconsciente.

Os conceitos formulados por Jung tinham a herança da escola alemã hegemônica na época, através das influências de Kraepelin e Wundt. Porém seu direcionamento era bastante distinto. Jung criticava a postura de seus colegas que se ocupavam com a catalogação de sintomas e diagnósticos e ignoravam o doente como um ser humano individual. A questão que ocupava o primeiro plano do seu interesse "era o seguinte: o que se passa no espírito do doente mental?" (Jung, 1961/1988, p.108).

Além disso, um dos instrumentos desenvolvidos por Wundt para suas pesquisas sobre a consciência, paradoxalmente, contribuiu para Jung comprovar experimentalmente a existência do inconsciente.

O panorama europeu no final do século XIX pode ser descrito como rico, conturbado e criativo. As relações políticas, econômicas e sociais estavam passando por profundas transformações e a produção intelectual acompanhava esse movimento nas diferentes áreas da cultura e da ciência.

O intercâmbio entre suíços e alemães era intenso, porém um centro de excelência como Burgholzli mantinha-se aberto para outras contribuições. Jung esteve em Paris durante o inverno de 1902-3 "para estudar com Pierre Janet" (Hannah, 2003, p. 83) que, como Charcot, representava um nome importante da escola francesa, de larga influência na psiquiatria européia.

Durante esse período, as preocupações iniciais de Jung com os seus pacientes encontraram eco nos escritos sobre histeria e sonhos de um neurologista de Viena. Tais estudos, entretanto, eram motivo de controvérsias, como vemos em depoimento do próprio Jung (1961/1988): "[Esse livro] revolucionava sua época" e "era a tentativa mais audaciosa jamais empreendida com vista a dominar os

enigmas da psique inconsciente no terreno aparentemente sólido da empiria...Para nós, que na época éramos jovens psiquiatras, esse livro foi uma fonte de iluminações, ao passo que para nossos colegas mais idosos era objeto de escárnio” (p. 133).

O livro a que se refere o comentário acima é *A Interpretação de Sonhos*, publicado por Freud com data de 1900. Neste mesmo ano Jung teve acesso ao texto pela primeira vez, mas na ocasião, diz ele, “pusera o livro de lado, pois ainda não o compreendia. Com vinte e cinco anos minha experiência era insuficiente para examinar as teorias de Freud; só mais tarde isto foi possível. Em 1903, retomei a *Interpretação de Sonhos* e descobri a relação entre esta obra e minhas próprias idéias” (op. cit., p. 133). As palavras de Jung relatam o marco do seu contato com a obra daquele que introduziu “a questão psicológica na psiquiatria” (Jung, 1961/1988, p. 108).

A aproximação de Jung com os conceitos freudianos pode ser notada nas referências à obra de Freud presentes nas suas primeiras publicações, *Sobre a Psicologia e a Patologia dos assim chamados Fenômenos Ocultos* e *Estudos sobre Associações para fins Diagnósticos*, surgidas em 1902 e 1906 respectivamente. Esta última, enviada a Freud, deu início a correspondência entre ambos, como se pode ver na primeira carta de Freud:

*11 de abril de 1906, XI. Berggasse 19*

*Caro colega,*

*Muito grato pelo envio de seus Estudos de Diagnóstico de Associação, que a impaciência já me levava a adquirir. Naturalmente seu último estudo, Psicanálise e Experimentos de Associação, foi o que mais me agradou, pois nele o senhor demonstra, com base em sua própria experiência, que tudo o que já pude dizer sobre os campos ainda inexplorados de nossa disciplina é verdade. Confio em que o senhor venha a estar, muitas vezes, em condição de me apoiar, mas aceitarei também, de bom grado, quaisquer retificações de sua parte.*

*Atenciosamente,*

*DR. FREUD (McGuirre, 1993, p.41).*



Sabemos, no entanto, que algumas das 'retificações' propostas por Jung não seriam aceitas de bom grado. Porém o ânimo receptivo presente na relação de ambos, como consta na carta inicial de Freud, só se alterou anos mais tarde. Até 1913 os dois pesquisadores mantiveram uma relação intensa e produtiva, apesar das ressalvas feitas por Jung à questão da sexualidade já estarem presentes muito antes. Vejamos o prefácio datado de 1906 de *A Psicologia da Dementia Praecox: Um Ensaio*:

*Fazer justiça a Freud não significa como muitos temem, sujeitar-se incondicionalmente a um dogma; é bastante possível manter um julgamento independente. Se admito, por exemplo, os mecanismos complexos dos sonhos e da histeria, não significa, de forma alguma, que atribuo ao trauma sexual da juventude uma significação exclusiva, como Freud parece fazer; muito menos que eu coloque a sexualidade em primeiro plano, acima de tudo, ou lhe confira universalidade psicológica que, como parece, é postulada por Freud, pela impressão do papel poderoso que a sexualidade desempenha na psique.(1906/1986a, p.xiv)*

O tema da sexualidade, fortemente reprimido pela religião e pela moral vigentes, não poderia ficar imune a tantos questionamentos presentes nos séculos XVIII e XIX. Tal fato pode ser verificado através das diversas publicações produzidas na época. Algumas delas serviram como fonte de pesquisa para Freud, fornecendo subsídios para suas reflexões sobre o tema, conforme pode ser visto em seu relato que diz que "a informação contida neste primeiro ensaio baseia-se nos conhecidos trabalhos de Krafft-Ebing, Moll, Moebius, Havelock Ellis, Shrenck-Notzing, Löwenfeld, Eulenburg, Bloch e Hirschfeld..." (Freud, 1905/1972, p.135).

Destes, temos Krafft-Ebing com a *Psychopathia Sexualis* de 1886, além de textos de Havelock Ellis, que eram compilações de relatos sobre variedades do comportamento sexual. Além disso, alguns dos autores já evidenciavam a manifestação sexual na infância, como o psiquiatra inglês Henry Maudsley em 1867. Freud (1920/1972b) cita ainda que "já faz muito tempo que Arthur

Schopenhauer, o filósofo, mostrou à humanidade o quanto suas atividades são determinadas pelos impulsos sexuais...” (Freud, 1905/1972a, p.134).

A elaboração que Freud fez de todo esse material, acrescido de suas observações clínicas e pessoais, aparece em diversos de seus escritos iniciais; porém, o mais completo deles é apresentado em 1905 nos *Três Ensaio Sobre a Teoria da Sexualidade* - considerado, juntamente com *A Interpretação de Sonhos*, a sua contribuição mais importante e original para o conhecimento humano.

Apesar da sexualidade ser um assunto que esteve na pauta de diversas pesquisas naquele início de século, Jung buscava se colocar de modo afirmativo e independente, relativizando a importância do tema. Em 1906, porém, seus conceitos estavam em formação e seu posicionamento sobre a questão sexual ainda não estava maduro, como podemos ver em um outro trecho do prefácio de 1906: “Num caso em que a simbologia do complexo é tão ricamente elaborada, o complexo sexual não pode faltar.” (Jung, 1906/1986a, parag. 277).

Em 1908, a convite de C.G. Jung, realizou-se uma primeira reunião em Salzburg com a presença “de adeptos da psicanálise de Viena, Zurique e outros lugares. Um dos primeiros resultados deste primeiro Congresso Psicanalítico foi a fundação de um periódico intitulado *Jahrbuch für psychoanalytische und psychopathologische Forschungen* sob a direção de Bleuler e Freud e editado por Jung” (Freud, 1914/1974, p. 38). Dois anos mais tarde, em Nuremberg foi realizado o segundo Congresso quando foi fundada a Associação Psicanalítica Internacional – IPA. Freud diz que “já não era jovem; [viu] que havia uma longa estrada pela frente, e [o] oprimia a idéia de que o dever de ser um líder tivesse recaído [nele] tão tarde na vida<sup>9</sup>” (op. cit., p. 56). Freud achava que a sua posição de liderança do movimento psicanalítico deveria ser transferida para alguém mais jovem que ocuparia o seu lugar após a sua morte. “esse homem só poderia ser C.G. Jung, uma vez que ... tinha a seu favor dotes excepcionais, as contribuições que prestara à psicanálise, sua posição independente e a impressão de firme

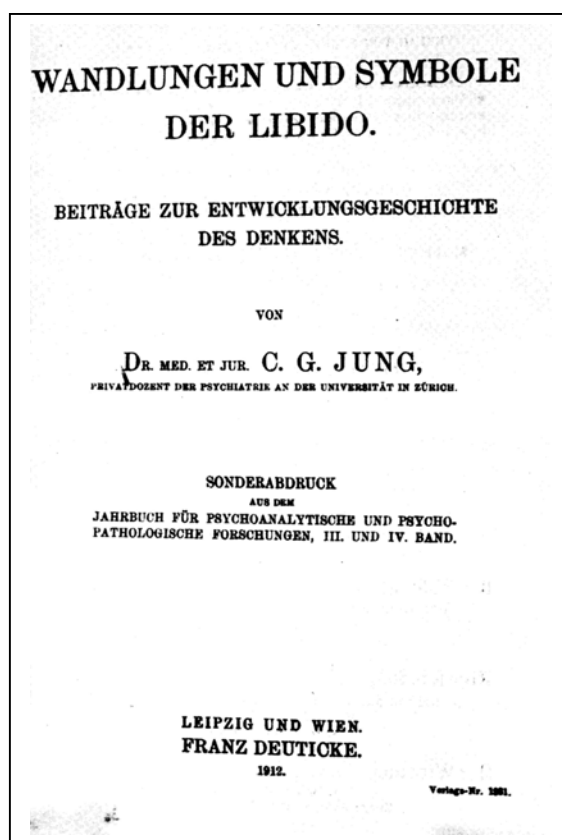
---

<sup>9</sup> Em 1910 Freud tinha 54 anos.

energia que sua personalidade transmitia” (op. cit., p. 65), justificando assim a escolha de Jung para ser o primeiro presidente da IPA.



Jung trabalhou com bastante envolvimento na produção e difusão da psicanálise até 1911. Naquele ano suas divergências tornaram-se insustentáveis com a publicação de *Transformações e Símbolos da Libido*, que teve uma segunda parte publicada no ano seguinte<sup>10</sup>. Seu conteúdo apresenta o conceito junguiano de libido como energia psíquica e marca o início do processo de afastamento, de Jung, em relação à psicanálise<sup>11</sup>. Pouco depois, após o quarto Congresso Psicanalítico que aconteceu em Munique em 1913, Jung renunciou à presidência da Sociedade Internacional de Psicanálise, rompendo com Freud.



<sup>10</sup> Esses dois textos foram apresentados, conjuntamente, mais tarde, em 1952, como *Símbolos da transformação, análise dos prelúdios de uma esquizofrenia*.

<sup>11</sup> Para maiores detalhes sobre essa discussão vide Motta (2003a).

A partir de então Jung seguiu seu próprio caminho, com o desenvolvimento de conceitos dentro do que denominou psicologia complexa ou psicologia analítica.

Vale a pena ressaltar que, diferentemente de Freud, o percurso profissional inicial de Jung se deu no contato com pacientes esquizofrênicos. Sua prática clínica foi fonte importante de subsídios para o desenvolvimento do conceito de libido como podemos ver na citação a seguir:

*Na neurose o produto substitutivo é uma fantasia de procedência e alcance individual, faltando aqueles traços arcaicos característicos da esquizofrenia. Nas neuroses nunca ocorre uma verdadeira perda da realidade, mas apenas uma falsificação da realidade. Na esquizofrenia esta realmente se perde em grande parte (...). Assim, pela perda da função do real na esquizofrenia, não ocorre um aumento da sexualidade, mas um mundo de fantasias que apresenta traços arcaicos nítidos. (1912/1986b, parag. 200)*

Além de elementos de sua prática clínica, Jung foi buscar subsídios para suas formulações em outras áreas do conhecimento: "...desde Robert Mayer<sup>12</sup> o conceito de libido no campo da psicologia funcionalmente tem o mesmo significado que o conceito de energia no campo da física" (1912/1986b, parag. 189). Entretanto, mais tarde é que podemos encontrar maior consistência deste tipo de material nas suas objeções à maneira como Freud apresentava a questão sexual. O texto onde podemos conferir tal afirmação é *A Energia Psíquica*, publicado em 1928. Nele, são apresentadas duas maneiras de se considerar os fenômenos físicos: a mecanicista e a energética. O ponto de vista mecanicista compreende o fenômeno como sendo o efeito resultante de uma causa e, segundo o texto, a psicanálise se afina com tal preceito. A consideração energética é essencialmente finalista, e entende os fenômenos partindo do efeito para a causa. Jung coloca a sua proposta nessa perspectiva.

---

<sup>12</sup> Físico citado por Jung.

No entanto, Jung delimitou o campo no qual pretendia se dedicar, buscando evitar a mera e simples transposição de conhecimentos de uma área da ciência para outra, com os inevitáveis riscos de generalizações simplistas:

*Propus que a energia vital, hipoteticamente admitida, fosse chamada de 'libido', tendo em vista o emprego que tencionamos fazer dela em psicologia, diferenciando-a, assim, de um conceito de energia universal e conservando-lhe, por consequência, o direito de formar seus próprios conceitos.* (Jung, 1928/1984a, parag. 32)

Um outro conceito importante da psicologia analítica coerente com a perspectiva finalista é o da individuação, que quer dizer tornar-se um ser único, na medida em que por individualidade entendermos nossa singularidade mais íntima, última e incomparável. É diferente de individualismo, que significa acentuar e dar ênfase deliberada a supostas peculiaridades, em oposição a considerações e obrigações coletivas. A individuação, no entanto, significa precisamente a realização melhor e mais completa das qualidades coletivas do ser humano; é a consideração adequada e não o esquecimento das peculiaridades individuais, o fator determinante de um melhor rendimento social. "A individuação, portanto, só pode significar um processo de desenvolvimento psicológico que faculte a realização das qualidades individuais dadas...[tendo] por meta a cooperação viva de todos os fatores." (Jung, 1928/1981, parag. 267-8)

Segundo Jung, a individuação é regida pelo Self, o centro regulador da personalidade a partir do qual atuam os arquétipos. Esses se constituem em uma predisposição psíquica funcional para produzir idéias semelhantes cujo conteúdo é determinado em função do arquétipo constelado, cuja expressão se dá a partir de elementos que o individuo possui, imprimindo variações peculiares em temas semelhantes que aparecem em locais diversos assim como em épocas por vezes distantes. Jung relata uma passagem significativa de sua vida profissional, que contribuiu para a formulação deste conceito. Ele conta que, ainda nos tempos do Burgholzli, um paciente chamou sua atenção: ele olhava pela janela e chamou Jung, descrevendo-lhe o que via – o sol com um pênis que balançava de um lado para o outro, produzindo o vento (Jung, 1911/1986b, parag. 151). Tal imagem

corresponde a uma passagem da mitologia, conforme Jung compreendeu mais tarde ao entrar em contato com a liturgia mitraica.

Essas descobertas permitiram a Jung fazer uma diferenciação de duas camadas do inconsciente. A camada pessoal contém lembranças perdidas, reprimidas, ou conteúdos que, por falta de intensidade, não ultrapassaram o limiar da consciência. Além dessa, existe outra que recebeu o nome de inconsciente coletivo, que é universal e cujos conteúdos, os arquétipos, podem ser encontrados em toda parte. (Jung, 1928/1981, parags. 103 e 203-5).

Jung seguiu aprimorando e desenvolvendo esses e outros novos conceitos para a psicologia analítica<sup>13</sup>. Quando já havia conquistado lugar de renome na psiquiatria internacional, Jung recebeu um material proveniente de um país distante. Como seus conceitos haviam chegado a um lugar do qual se tinha pouca notícia? O que se fazia em psiquiatria e psicologia em um país do continente sul-americano chamado Brasil?

## Assistência psiquiátrica no Brasil: do Hospício D. Pedro II à Seção de Terapêutica Ocupacional em Engenho de Dentro



“As opiniões são unânimes em situar o marco institucional da assistência psiquiátrica brasileira em 1852” (Resende, 1990, p. 37). Nesse ano foi inaugurado, no Rio de Janeiro, pelo próprio imperador D. Pedro II, o hospício que recebeu seu

---

<sup>13</sup> As Obras Completas de C.G. Jung se compõem de 18 volumes e se encontram disponíveis em tradução para o português, publicadas pela Vozes.

nome. Seu surgimento se deu em função de transformações pelas quais o Brasil vinha passando na economia e nas configurações política e social.

A crescente migração para as cidades trouxe consigo vários problemas, entre eles os de saúde pública e segurança. A retirada dos desocupados, mendigos, prostitutas e loucos passou a ser vista como uma questão de saúde, um fenômeno que teve semelhanças com o quadro de urbanização ocorrido na Europa a partir do século XVII, embora as origens de tal panorama fossem bastante distintas nos dois continentes.

A perspectiva inicial do Hospício Pedro II, de atender a necessidade de todo o território brasileiro, logo se mostrou inviável. A sua capacidade para 350 pacientes se esgotou pouco mais de um ano após a sua inauguração. Para atender a crescente demanda, observou-se um período marcado pelo surgimento de diversas instituições destinadas aos que não encontravam possibilidade de pertencimento na configuração urbana capitalista. De acordo com lista compilada por Tácito Medeiros (Em Resende, 1990, pp. 48-9), a exemplo do Rio de Janeiro, seguiram-se construções de hospícios em São Paulo (Hospício Provisório de Alienados – 1852), Pernambuco (Hospício da Visitação de Santa Isabel – 1864), Pará (Enfermaria do Hospital de Caridade – 1865), Bahia (Asilo São João de Deus – 1874), Rio Grande do Sul (Hospício São Pedro – 1884), Alagoas (Asilo Santa Leopoldina- 1891), Amazonas (Hospício Eduardo Ribeiro – 1894), Ceará (Asilo de Alienados São Vicente de Paula – 1886), Paraíba (Asilo do Hospital Santa Ana – 1893) e Minas Gerais (Hospital Colônia – 1903), de modo que na virada do século XIX a doença mental contava com perto de vinte instituições, tendência que teve prosseguimento até tempos recentes na assistência psiquiátrica brasileira. A psiquiatria, no entanto, ainda não havia se firmado como um campo de atuação em nosso país.

O Brasil viveu, naquele final de século, fatos importantes da sua história, entre os quais, a abolição da escravatura (1888) e a proclamação da república (1889), que trouxeram conseqüências importantes para o modelo assistencial de então.

Os hospícios existentes não conseguiam absorver a demanda surgida em função dos ex-escravos que ficaram em situação extremamente precária, dada a forma como receberam a sua 'liberdade', já que tal ato não foi acompanhado de alternativas para a inserção daquele contingente populacional nas relações de trabalho pós-escravatura. Além disso, deve-se lembrar que, para substituir a mão de obra escrava, o país recebeu 1.300.000 imigrantes entre 1887 e 1897, sem no entanto propiciar condições adequadas para a adaptação de tão grande contingente de estrangeiros, parte do qual passou a engrossar as estatísticas dos hospícios brasileiros. Ao mesmo tempo em que se construíram novas instituições para abrigar alienados, houve uma substituição na administração das existentes, como por exemplo no Hospício Pedro II, que passou a ser denominado Hospital Nacional dos Alienados. Marcando uma alteração na proposta assistencial, sua administração, que estava sob os cuidados da Santa Casa de Misericórdia, foi encampada pelo governo republicano, substituindo a caridade pela higienização, com a afirmação da cultura médica no interior das instituições para alienados. Com isso, em 1903, Juliano Moreira assumiu a direção da Assistência a Alienados e a gestão do Hospital Nacional, seguindo a mesma tendência que já se fazia presente em São Paulo. No Hospício do Juquery, em São Paulo, Franco da Rocha empreendeu mudanças nas práticas asilares, tendo como base os princípios científicos da psiquiatria européia, mais especificamente os da escola alemã, buscando descrever, comparar e classificar os quadros a partir da teoria da degenerescência, referência da gênese organicista dos distúrbios mentais.

Entre as práticas empregadas por Franco da Rocha, havia as colônias agrícolas, nas quais o trabalho era utilizado como recurso de tratamento. Pinel já havia concluído sobre o valor terapêutico dessa alternativa, em observações feitas em diferentes hospícios da Europa, quando criou o Tratamento Moral. Tais idéias ganharam maior ênfase no Brasil nas primeiras duas décadas do século XX, com o surgimento de diversas colônias agrícolas, algumas das quais em complemento aos hospitais tradicionais existentes e outras exclusivas para esse tipo de abordagem. Nesse contexto surgiu, em 1910, no Rio de Janeiro, a Colônia de Engenho de



Dentro. Em 1923 seu diretor Gustavo Riedel fundou a Liga Brasileira de Higiene Mental. A meta de Riedel era a melhoria da assistência ao doente mental. O Laboratório de Psicologia que criou na Colônia “contribuiu com uma das primeiras referências, no Brasil, da perspectiva psicoterápica, num momento em que tal campo de ação, quando existia, limitava-se à Psiquiatria.” (Antunes, 2001, p. 48).

A Colônia de Engenho de Dentro buscou acompanhar alguns desenvolvimentos da assistência à doença mental ocorridos após a sua fundação. Criou um ambulatório, possivelmente em sintonia com a iniciativa de Ulisses Pernambucano, que na década de 30 preconizava uma assistência mais abrangente aos pacientes psiquiátricos. Tal iniciativa, no entanto, era exceção no panorama da psiquiatria nacional, cujo recurso usual era - e continua sendo - a reclusão. As novas terapias biológicas, do final dos anos 30, como o coma insulínico e os métodos convulsivantes, surgidos na década seguinte com o uso do cardiasol e da eletricidade, também chegaram a Engenho de Dentro. Ali aportaram, igualmente, algumas das propostas surgidas a partir do aprimoramento do Tratamento Moral de Pinel. “Nos Estados Unidos, Adolph Meyer criou, a partir de 1900, o método que também denominou de Tratamento Moral. Na Alemanha, Herman Simon sistematizou a sua Terapia Ativa na obra de 1929, *Tratamento ocupacional dos enfermos mentais*” (Benetton, 1991, p. 21). A Terapia Ocupacional foi introduzida em meados de 1940 em Engenho de Dentro e passaria por profundas transformações até produzir o material que foi enviado à Suíça, em 1954, despertando o interesse de Jung pelo Brasil.

O vértice do encontro entre o movimento junguiano internacional e a assistência psiquiátrica brasileira pode ser considerado o marco inicial do desenvolvimento da psicologia analítica no Brasil. Desde então, até os dias de hoje, temos uma caminhada de 50 anos.

Em busca dos pioneiros

Sobre a história da psiquiatria e da psicologia no Brasil, inúmeros trabalhos podem ser encontrados, entre os quais alguns dos utilizados como base para as considerações até aqui. Sobre a história da psicologia analítica em nosso país, no entanto, as referências conhecidas são menos freqüentes. Para tentar localizá-las usamos os seguintes procedimentos:

- pedimos informações a colegas das diversas instituições com os quais temos contato, inclusive pessoas que têm orientado teses e dissertações em psicologia analítica;
- buscamos nas bibliotecas da PUC-SP e da USP, através dos seus respectivos sistemas de busca "Lumem" e "Dédalus", pelos termos "psicologia analítica no Brasil", "psicologia junguiana no Brasil" "Carl Gustav Jung no Brasil", "C.G. Jung no Brasil" e "Jung no Brasil",
- procuramos informações na internet, utilizando a ferramenta de busca "Google", a partir das mesmas expressões acima;
- consultamos o banco de teses e dissertações do portal da CAPES;
- examinamos sumários das revistas publicadas no Brasil, voltadas para a psicologia analítica, das quais temos conhecimento (a saber: *Quatérnio – Revista do Grupo de Estudos C.G. Jung*, fundado por Nise da Silveira, *Junguiana – Revista da Sociedade Brasileira de Psicologia Analítica*; *Jung e Corpo – Revista do Curso de Psicoterapia de Orientação Junguiana Coligada a Técnicas Corporais*; e *Hermes* - publicação do curso de Cinesiologia Psicológica, sendo que as duas últimas referências são ligadas ao Instituto Sedes Sapientiae); e
- Coletamos depoimentos orais de pessoas que tiveram participação em diferentes momentos da PA no Brasil, alguns obtidos anteriormente a esta pesquisa e outros no transcorrer da mesma.

Para seguirmos adiante, entretanto, cabe considerar o eventual questionamento sobre o estabelecimento do marco inicial da PA no Brasil, como

sendo a confluência mencionada entre o movimento junguiano internacional e a Seção de Terapêutica Ocupacional de Engenho de Dentro. Todos os registros pesquisados através dos recursos que acabamos de elencar afirmam esse dado. No entanto, sem deixar de levar em conta a questão levantada e tendo em vista o objetivo desta pesquisa, iremos direcionar nosso foco para as menções existentes a personagens que poderiam ser considerados pioneiros da PA no Brasil. Assim, nada mais adequado do que seguir apresentando nossas considerações enfocando referências que encontramos no material pesquisado, sobre quem protagonizou esse momento que consideramos o marco inicial da PA em nosso país. Melhor ainda, é o caso de apresentarmos o fato concreto sobre o qual estamos nos referindo, trazendo-o nas palavras de quem o vivenciou.

O livro *Imagens do Inconsciente* (Silveira, 1982) apresenta o trabalho com imagens produzidas por freqüentadores do atelier de pintura do setor de terapia ocupacional do Centro Psiquiátrico Pedro II. O capítulo inicial traz um breve relato sobre a transformação pela qual passou o atelier, que era inicialmente “apenas um setor de atividade entre vários outros setores da Terapêutica Ocupacional” (p. 13), até a fundação do Museu de Imagens do Inconsciente, em 1952. O livro segue discutindo conceitualmente as imagens produzidas pelos pacientes, relatando alguns casos cujas pinturas, produzidas no atelier, são usadas para se fazer paralelos com temas míticos. Esse recurso, que Jung denominava de amplificação, é uma base importante do trabalho terapêutico proposto por Nise da Silveira, por permitir a expressão de conteúdos de camadas primitivas da psique que estariam na esfera do inconsciente coletivo, outro conceito junguiano. Não podemos, todavia, considerar aquele capítulo, e nem mesmo os seguintes, como sendo dedicados à história da PA no Brasil. Por não ser esse um livro de história, as menções ao assunto se encontram diluídas no seu conteúdo, dentre as quais destaco duas passagens.

Na primeira, Silveira (1982) conta quando ousou “então escrever uma carta ao próprio C.G. Jung, enviando algumas fotografias de mandalas (?) brasileiras. Minha carta teve a data de 12 de novembro de 1954 e a resposta, escrita pela

secretária e colaboradora de Jung, Sra. Aniela Jaffé, é de 15 de dezembro de 1954". O texto segue com a reprodução desta resposta, na qual Jung pede alguns dados sobre as imagens recebidas do Brasil, e remete para 1957, quando aconteceu o II Congresso Internacional de Psiquiatria em Zurique, durante o qual Nise da Silveira apresentou a exposição "A Esquizofrenia em Imagens", inaugurada por Jung, na manhã de 2 de setembro.

O outro momento que destacamos em *Imagens do Inconsciente* (op. cit.) fala do período de estadia de Nise em Zurique<sup>14</sup>, quando ela conta que teve "a feliz oportunidade de ser recebida por C.G. Jung, na sua residência de Kusnacht" (p. 98). Tal encontro se deu em 14 de Junho de 1957, durante o qual Jung recomendou o estudo de mitologia para que Nise pudesse entender melhor os delírios de seus pacientes.

Na medida em que, como já dissemos, a publicação mencionada não tem pretensão de fazer história, devemos verificar como o restante do material levantado inicialmente para essa pesquisa aborda os fatos descritos nos parágrafos anteriores.

O primeiro artigo que localizamos com uma intenção histórica é "Um pouco da história e do espírito da Sociedade Brasileira de Psicologia Analítica" (Sociedade Brasileira de psicologia Analítica, 1983), que diz que "a grande responsável pela introdução das idéias de Jung no Brasil foi Nise da Silveira" (p. 4). Tal afirmação encontra similaridade em diversos autores como: Motta (1997), em capítulo destinado a situar historicamente um projeto de saúde mental; Kirsch (2000), que apresenta um histórico do movimento junguiano internacional vinculado à International Association for Analytical Psychology-IAAP; e Sant'Anna (2001), no único trabalho acadêmico que encontramos, que traz material específico voltado para a história da PA no Brasil, com um subitem de capítulo, cujo objetivo é "traçar um breve panorama dos desenvolvimentos mais significativos da psicologia analítica no Brasil" (p. 123). Temos, ainda, o livro "Nise da Silveira" (Melo, 2001)

---

<sup>14</sup> Nise da Silveira esteve em Zurique de abril a setembro de 1957 estudando no Instituto C.G. Jung, com bolsa do CNPq.

da Coleção Pioneiros da Psicologia Brasileira, co-editado pelo Conselho Federal de Psicologia, que reafirma o que foi dito pelos diversos autores citados. Sem deixar de mencionar, ainda, diversos sítios na internet, todos eles em sintonia com o que apresentamos até aqui para validar aquele que estamos considerando o marco inicial da PA no Brasil como sendo a correspondência de 1954, entre Nise e Jung. Como consequência desta posição, será que podemos nomear Nise da Silveira como uma pioneira da PA no Brasil?

O capítulo sobre a psicologia analítica na América Latina (Kirsch, 2000, pp. 194-201) poderia gerar dúvidas quanto a uma resposta afirmativa à pergunta acima, pois ele apresenta a história da PA no Brasil, inicialmente, a partir do que o autor classifica como sendo a “história institucional”, categoria que não contempla Nise da Silveira. Esta só aparece no tópico seguinte classificado como “não institucional”. No entanto, temos que ter em vista que o seu livro chamado *The Junguians, A Comparative and Historical Perspective*<sup>15</sup> apresenta um histórico do movimento junguiano internacional vinculado à International Association for Analytical Psychology-IAAP, da qual o autor foi presidente por duas vezes. Apesar do viés de sua perspectiva presente nas categorias propostas, típico do que os historiadores classificam como abordagem internalista, Kirsch também relata a correspondência entre Jung e Silveira, reafirmando o seu caráter pioneiro ao lembrar, ainda, que foi ela quem publicou o primeiro livro sobre Jung no Brasil, provavelmente se referindo ao *Jung, Vida e Obra*, publicado por José Álvaro Editor em 1968.

O vídeo que produzimos para a SBPA, com o apoio do NEHPSI, *Encontro com os fundadores*<sup>16</sup> (Motta, 2003b), igualmente vem afirmar o papel pioneiro de Nise. Este material traz, porém, algumas informações que nos levam a olhar para outra região do Brasil, onde o pioneirismo de Nise ainda não havia marcado

---

<sup>15</sup> “Junguianos, uma perspectiva comparativa e histórica”, ainda não traduzido para o português.

<sup>16</sup> Participaram do depoimento grupal que deu origem ao vídeo *Encontro com os fundadores*, os membros que participaram da fundação da SBPA e que permanecem ligados à instituição: Carlos Amadeu Botelho Byington, Carlos Roberto Martins Lacaz, Iraci Galiás, José James de Castro Barros, Mery Rosembli e Nairo de Souza Vargas.

presença. Um dado que chama a atenção é a menção ao panorama do início dos anos 60 da psiquiatria nas universidades paulistas. As cátedras da Faculdade de Medicina da USP e da Escola Paulista de Medicina eram ocupadas pelo Dr. Pacheco e Silva, determinando a hegemonia do enfoque organicista. Esse quadro só se alterou alguns anos mais tarde<sup>17</sup> quando o Prof. Darcy Uchoa, ex-presidente da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo, assumiu a cadeira de psiquiatria da Escola Paulista de Medicina.

*Ele [prof. Uchoa] vai introduzir toda a perspectiva psicodinâmica com ênfase nas idéias da Psicanálise...e ele traz um grupo de assistentes (que) começaram a se fazer presentes desde o segundo ano, ao propor discussões de caso e a introduzir questões sobre a relação médico-paciente, coisas que eram completamente fora do modelo médico (op. cit.),*

diz um participante do *Encontro com os fundadores*. Apesar da possibilidade de arejamento proporcionada pela chegada da psicanálise em uma cátedra de psiquiatria, alguns dos estudantes desta especialidade buscaram outras possibilidades para embasar teoricamente sua prática clínica. Encontramos nos depoimentos do vídeo referência a três pessoas que contribuíram para o estudo dos conceitos junguianos. Havia na época apenas dois livros de Jung recém traduzidos para o português<sup>18</sup>, sendo que apenas um deles, *Tipos Psicológicos*, era de conhecimento deste grupo. Das pessoas citadas, uma é Ângelo Gaiarsa. As outras duas são estrangeiros que viviam em São Paulo: Pethö Sándor e Léon Bonaventure. Eles poderiam, ao lado de Nise da Silveira, serem considerados pioneiros da PA no Brasil? Vejamos o que diz, a respeito destes personagens, o material que levantamos até aqui.

Gaiarsa, citado por um dos participantes do vídeo, é um psiquiatra estudioso de diversos teóricos, entre eles Jung. Este autor, no entanto, não pode ser considerado como sendo a principal referência teórica de Gaiarsa. Alguns de seus

---

<sup>17</sup> Uma fala no vídeo refere 1965, como sendo o ano de chegada de Darcy Uchoa à Faculdade Paulista de Medicina. Já Montagna (1994, p. 34) menciona tal fato como tendo ocorrido em 1964.

<sup>18</sup> *Psicologia e Religião* de 1965 e *Tipos Psicológicos* de 1966, ambos da Zahar Editores, traduzidos por Fausto Guimarães e Álvaro Cabral respectivamente.

livros<sup>19</sup> são criativos, refletindo a diversidade de sua formação teórica, em meio às quais se explicita sua preferência por Wilhelm Reich, no qual também esteve baseada boa parte de seu trabalho clínico na época, como por exemplo a atividade denominada “Grupo sem palavras”. Existe ainda, em depoimentos informais, menção a este psiquiatra como alguém que contribuiu para a disseminação dos conceitos junguianos, informação que não se confirma em nenhuma das demais fontes consultadas. Sem desmerecer a sua sólida formação geral e a sua contribuição específica para alguns junguianos atuais, as informações acima parecem não permitir considerá-lo como pioneiro da PA no Brasil.

Voltada para a linha corporal temos outra pessoa, entre as citadas, com atuação no campo da psicologia analítica, que poderia ser considerada pioneira.

Dr. Pethö Sándor, médico ginecologista húngaro, diferentemente de Gaiarsa, tem o seu trabalho claramente embasado na psicologia de Jung. O editorial da *Junguiana* (Sociedade Brasileira de Psicologia Analítica, 1983) situa a PUC-SP como sendo o local onde a psicologia analítica vinha se desenvolvendo durante os anos 60. Apesar do artigo não fazer menção ao médico húngaro, ex-alunas das primeiras turmas de psicologia da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo afirmam que a presença de Sándor, nesta Universidade, foi decisiva para a divulgação dos conceitos junguianos. Algumas destas alunas participaram dos diversos grupos de estudo que se formaram em torno de Sándor, que fez traduções particulares e coordenou discussões sobre as *Obras Completas* de Jung, ainda não traduzidas para o português na ocasião, informação também confirmada por Kirsch (2000, p. 197). Na mesma citação lemos, ainda, que Sándor desenvolveu a sua “terapia de toques sutis”, uma espécie de tratamento psicossomático e, apesar de não ser aceito pelos “janguianos teóricos”<sup>20</sup>, ele continuou seu trabalho de forma independente, no seu caminho individual próprio. Kirsch não explicita quem seriam os “janguianos teóricos”, no entanto, dada a

---

<sup>19</sup> Alguns livros do autor: *O Espelho Mágico* (1976), *Tratado Geral sobre a Fofoca* (1978) e *Futebol 2001* (1979)

<sup>20</sup> no original: “theoretical Junguians”.

característica já apontada desta publicação, é provável que estes sejam aqueles que fazem parte do que o autor classifica como sendo a “história institucional” da psicologia analítica no Brasil. O chamado “caminho individual próprio” de Sándor talvez não devesse ser qualificado desta forma, pois existem menções em outras fontes que apontam para a constituição de um grupo significativo em torno deste personagem.

Sant’Anna (2001), assim como Kirsch, menciona algumas ressalvas ao método de Sándor conhecido como calatonia. Aponta, no entanto, que o mesmo “encontra bastante aceitação entre os psicoterapeutas junguianos de São Paulo bem como fundamenta o curso de especialização em psicologia analítica oferecido pelo Instituto Sedes Sapientiae” (p.128). Um destes cursos chamado Psicoterapia de Orientação Junguiana Coligada a Técnicas Corporais, vem publicando anualmente, desde 2001, uma revista chamada *Jung e Corpo*. O seu primeiro número contém um artigo de Bittencourt (2001), uma ex-aluna de Sándor da PUC-SP, que faz um breve histórico da constituição desse curso. Relata a passagem de Sándor pela PUC, seguida de sua ida para o Sedes em 1981 dando início ao que tornaria este lugar uma importante referencia do pensamento junguiano no Brasil.

O percurso feito por Sándor, iniciado em 1949 quando da sua chegada ao nosso país, apresenta algumas passagens que podem ser caracterizadas como de alguém que plantou os conceitos junguianos na PUC-SP onde, mesmo após a sua saída, existe menção sobre a sua contribuição neste que ainda é um dos principais centros de psicologia junguiana, seja no Núcleo de linha de pesquisa em psicologia junguiana do Programa de Psicologia Clínica, seja na graduação. Além disso o curso de especialização e a revista, que mencionamos no parágrafo anterior, possuem vínculo de origem com o médico húngaro. Essas credenciais permitem, sem dúvida, considera-lo como mais um pioneiro da PA no Brasil.

Um outro nome já apontado anteriormente é de Léon Bonaventure. Vejamos o que o material de que dispomos fala sobre este outro possível pioneiro. O editorial da *Junguiana* (Sociedade Brasileira de Psicologia Analítica, 1983) conta que este psicólogo belga havia feito análise junguiana na Europa, tendo-se



radicado no Brasil em 1968. Segue informando que “Em fins de 1970<sup>21</sup>(...) médicos psiquiatras formados pela Escola Paulista de Medicina (...) procuraram Léon Bonaventure com quem passaram a se analisar.” (pp. 4/5). Esse grupo, ao qual se incorporaram outros analisandos de Léon, passou a se reunir para estudar a obra de Jung. Pouco mais tarde, a convite de Bonaventure, o seu grupo de analisandos recebeu a visita de analistas estrangeiros, entre eles “o próprio Presidente da Sociedade Internacional de Psicologia Analítica, Adolph Guggenbuhl-Graig, de Zurique, que pronunciaram palestras e coordenaram seminários e supervisões” (p.6). Um resultado destas visitas foi a sugestão para que o grupo brasileiro fundasse uma sociedade, encaminhamento que foi aprovado no VII Congresso Internacional de Psicologia Analítica, que teve lugar em Roma em 1977. Léon Bonaventure, no entanto, não está relacionado entre os fundadores da instituição brasileira. Este dado poderia parecer contraditório com a afirmação de Kirsch (2000), para quem Bonaventure é tido como a primeira pessoa a praticar análise junguiana no Brasil, fazendo tal menção ao iniciar o que ele considera a “história institucional” da psicologia analítica na América Latina. Temos, todavia, uma pista sobre o que Kirsh denomina de “institucional”. Esta categoria se refere ao movimento junguiano ligado diretamente à IAAP, já que menciona que Bonaventure havia feito análise e treinamento em Zurique antes de sua chegada ao Brasil embora, nesta ocasião, não tivesse ainda finalizado sua formação.

Outro ponto que o livro de Kirsch esclarece é sobre a possível contradição referida há pouco. O texto relata que, apesar de Bonaventure ter sido o responsável pela formação do grupo que fundou a SBPA, ele não foi um fundador desta instituição em função de divergências com outro personagem citado nesta “história institucional” chamado Carlos Byington, brasileiro também com formação em Zurique. Byington atuava no Rio de Janeiro e veio a conhecer o grupo de São Paulo, ligado a Léon, por ocasião do centenário do nascimento de Jung, quando

---

<sup>21</sup> É possível que exista um equívoco nesta data, já que adiante o mesmo artigo relata fatos anteriores a este período que tiveram a presença do dr. Bonaventure. Assim a data correta seria em fins de 1960.

houve eventos no Rio e em São Paulo. A partir de então, Byington passou a vir para a capital paulista coordenar seminários teóricos para aqueles analisando de Léon, conforme consta na *Junguiana* (Editorial, 1983). Este dado não está de acordo com a visão de Kirsch (2000), para quem Byington e Léon teriam grupos diferentes, sendo que o grupo ligado a Byington é que teria prevalecido na disputa para a institucionalização do primeiro grupo brasileiro ligado à IAAP.

Sant'Anna (2001) também se refere a estes dois personagens em sua tese porém, para ele, o grupo fundador da SBPA teve origem mesclada, sendo composto por médicos e psiquiatras que se analisavam com Léon, além de Carlos Byington e outros membros da Casa das Palmeiras, uma instituição do Rio de Janeiro, fundada por Nise da Silveira.

Assim, temos versões semelhantes com algumas dissonâncias nestas três referências a respeito dos dois personagens que acabamos de abordar. Mesmo assim, será que temos condições de colocá-los na categoria de pioneiros? Sabemos que Léon chegou a São Paulo quando Sándor já desenvolvia atividades de divulgação e disseminação do pensamento junguiano nesta cidade, o que poderia invalidar a sua condição de pioneiro. Porém, fica claro no decorrer do que vimos até aqui que Bonaventure se inseriu em um campo totalmente distinto daquele em que Sándor vinha atuando, criando inclusive um grupo que foi fundador da primeira instituição junguiana filiada a Zurique, com a finalidade de formar analistas a partir daquele referencial. Coordenou, ainda, a tradução para o português das *Obras Completas* de Jung, publicadas pela Editora Vozes. Apesar dos dois psicólogos estrangeiros estarem atuando na mesma cidade, o percurso de cada um foi bastante distinto e independente. Assim, consideramos que as características da contribuição de Léon Bonaventure permitem nomeá-lo como o terceiro pioneiro desta disciplina em nosso país.

Dito desta forma, o nome de Byington poderia ser considerado para a categoria pioneiro, mesmo ele tendo atuado no Rio de Janeiro onde Nise da Silveira já havia desbravado o espaço para as idéias de Jung. Afinal a sua liderança na fundação da SBPA, além do papel de coordenador dos seminários

teóricos de um grupo paulista formado por alguns analisandos de Bonaventure e sua condição de analista formado em Zurique, não podem deixar de ser devidamente valorizados para a história da PA no Brasil. Um dado porém não permite colocá-lo como pioneiro, dentro do que conceituamos para tal. Retomando, ali esclarecemos que se encaixariam nesta categoria as primeiras pessoas que desenvolveram ações que resultaram na divulgação e disseminação dos conceitos da psicologia analítica no Brasil, sem que tivessem tomado contato com alguma iniciativa prévia, neste sentido, em nosso país. O que não se aplica a Carlos Byington, na medida que este “terminava uma análise com o Dr. Ewald Soares Mourão, quando foi por ele convidado para fazer parte do grupo de estudos de Dra. Nise da Silveira” (Sociedade Brasileira da Psicologia Analítica, 1983, p. 5). No ano seguinte, em 1960, Byington foi para Suíça fazer sua formação, onde permaneceu até 1965. Ou seja, apesar da sua importante contribuição, o fato de ter participado previamente de atividades de estudo de psicologia analítica já estabelecidas em nosso país, não permite que possamos classificá-lo como pioneiro.

As considerações acerca dos nomes mencionados no material histórico disponível, sobre aqueles que poderiam ser considerados pioneiros, permitiram, pois, que seleccionássemos três personagens: Nise da Silveira, Pethö Sándor e Léon Bonaventure. Sobre estes iremos discorrer no próximo capítulo, com a finalidade de aprofundar nossos conhecimentos acerca de algumas das perguntas que foram levantadas e que deram base para o objetivo de nossa pesquisa.

## Capítulo 3 Os pioneiros

Nise da Silveira



(1905 – 1999)

“Nise da Silveira é um arquétipo” disse uma colega, para se referir ao quanto a imagem de Nise está sedimentada como uma referência da psicologia analítica em nosso país. Nise, no entanto, comentava que seu trabalho não recebeu o devido reconhecimento dos psiquiatras brasileiros, citando, para embasar a sua afirmação, o baixo número de colegas de profissão que visitaram o Museu de Imagens do Inconsciente. Ali estão reunidas milhares de obras produzidas pelos frequentadores do ateliê de pintura da Seção de Terapia Ocupacional e Reabilitação – STOR, do Centro Psiquiátrico Pedro II em Engenho de Dentro, hoje denominado Instituto Nise da Silveira.

De fato, o trabalho de Nise se destaca pelo questionamento que provoca ao modelo da psiquiatria organicista, um confronto que Nise teve que viver em condições bastante desfavoráveis para uma médica psiquiatra formada em 1926. Naquela época a polarização entre psique e matéria estava muito mais acirrada, fazendo com que as tentativas de atribuir alguma significação de valor ao “bizarrismo” dos doentes mentais fosse considerado, por muitos, como algo

desprovido de sanidade. Apesar da pouca aceitação que Nise refere ter recebido de seus colegas psiquiatras ela não iria estar sozinha em sua caminhada. O seu principal aliado na psiquiatria, no entanto, só apareceria de forma consistente ao seu lado, quase trinta anos depois de seus primeiros contatos com pacientes psiquiátricos no antigo Hospício Pedro II na Praia Vermelha. Foi para lá que se mudou, em 1933, a fim de se preparar para um concurso de psiquiatria do Serviço de Assistência a Psicopatas e Profilaxia. Quase vinte anos mais tarde, Nise se correspondeu com o psiquiatra suíço Carl Gustav Jung, a fim de elucidar o conteúdo de pinturas produzidas por doentes internos no então Centro Psiquiátrico D. Pedro II em Engenho de Dentro. Mais tarde, Nise declarou que o encontro com a psicologia junguiana, foi “o mais importante acontecimento ocorrido nas minhas buscas de curiosa dos dinamismos da psique” (Silveira, 1982, p. 11).

Tentar esclarecer o que motivou esse encontro e quais os elementos que contribuíram e interferiram para que, através dele, a psicologia junguiana pudesse se fazer presente de maneira mais consistente no Brasil através do trabalho desenvolvido por Nise da Silveira, é o que pretendemos com as linhas a seguir. Para tal, iremos tentar conhecer não só a Nise psiquiatra mas buscaremos, também, entender o percurso que a levou a afirmar que Jung chegou ao Brasil através das pinturas dos doentes (Passetti, 1992).

## **De Maceió ao Rio de Janeiro**

Cláudio Manuel da Costa (1729-89), um dos principais poetas brasileiros do período colonial, envolveu-se com a Inconfidência Mineira e foi encontrado morto em função de suicídio ou assassinato, dependendo da versão sobre o fato. Sua musa Nise foi homenageada no início do século XX por Faustino Magalhães da Silveira e Maria Lydia, que assim chamaram a sua primeira e única filha, nascida na rua Boa Vista, em Maceió, no dia 15 de fevereiro de 1905 (Calaça, 2001 e Sant’ana, 2001).

O casal Magalhães da Silveira participava ativamente da vida cultural de Maceió, tendo o costume de receber “em concorridos saraus, artistas e intelectuais” nos quais Maria Lydia, “exímia pianista, executava composições musicais” (Sant’ana, 2004 p. 209). Nise não herdaria o dom musical da mãe, apesar do desejo dos pais em formá-la pianista. “Eu era desafinadíssima”, reconhece. (Gullar, 1996, p. 34)

Faustino era professor de matemática e jornalista. Trabalhava no jornal do irmão, o *Jornal de Alagoas*, que era oposição ao governo de Euclides Malta, razão de seu envolvimento em conflitos políticos que o obrigou a andar armado por determinado período. Nise gostava de visitar o jornal com o pai, “especialmente ir à oficina ver o pessoal trabalhando, compondo os textos na mão, com aqueles tipos móveis de antigamente. Ficava fascinada com a habilidade deles” (op. cit., p. 32). O trabalho manual já chamava a atenção de quem iria se voltar para a terapêutica ocupacional.

Nise acompanhava o pai também em alguns colégios onde ele lecionava, e dos quais alguns dos melhores alunos eram convidados para estudar na casa do professor. A convivência com alguns desses alunos que freqüentavam sua casa, e que iriam prestar exames para a Faculdade de Medicina da Bahia, é que parece ter influenciado na sua opção para medicina. Sabe-se que vocação para tal atividade Nise não possuía. Ela dizia que “quando vejo sangue, fico tonta” (op. cit., p.35). Pode-se conjecturar que entre esses rapazes estaria seu primo Mario Magalhães, que partilhava da convivência com Nise desde a infância e que iria se tornar um importante médico sanitário, com quem Nise viria a se casar anos mais tarde.

O gosto pela leitura foi estimulado desde cedo, seja na biblioteca do pai, seja nas livrarias, onde Nise tinha conta para suprir suas constantes aquisições. Nise apreciava a literatura brasileira, particularmente Machado de Assis, de quem vamos encontrar referências em seus escritos posteriores. Adolescente, já lia filosofia e se interessava pela cultura francesa em função de sua formação escolar no Colégio do Santíssimo Sacramento, dirigido por freiras francesas. Ao terminar o colégio, Nise fez o curso preparatório no Liceu Alagoano.

Em final de 1920, Nise foi para Salvador a fim de realizar os exames para a Faculdade e juntamente com outros colegas alagoanos foi aprovada para iniciar o curso superior. Neste início de 1921, porém, ainda não tinha completado 16 anos, idade mínima para ingressar na Faculdade. “Mas em Maceió tudo se arruma. E assim deram lá um jeito e eu entrei para a faculdade com quinze anos, como se tivesse dezesseis” conta em depoimento a Gullar (op. cit., p. 35).

Apesar das poucas informações disponíveis sobre esse período da vida de Nise, podemos encontrar, aí, vários indícios que marcariam sua trajetória futura: a condição de opositorista à política dominante presente na escolha do seu nome e na atividade jornalística do pai; a proximidade com o ambiente artístico e cultural vivido na casas dos pais. Ainda o afeto, que se colocou como um critério de direcionamento e escolhas, evidente na opção pela carreira médica; e a atenção ao trabalho manual, já aparecendo no fascínio pela manipulação dos tipos na gráfica do jornal onde o pai trabalhava.

O início do curso médico reservava à estudante alagoana duas peculiaridades: além de ser a caçula do curso, era a única mulher em uma turma de 157 alunos. A situação por si era desafiadora, porém seu professor de parasitologia resolveu testar as possibilidades de sua aluna. Nos primeiros dias de aula o austero professor entrou no grande salão lotado por estudantes recém-admitidos na faculdade e ofereceu à única jovem presente uma serpente para que ela a segurasse. Sentindo a pressão dos olhares que se dirigiam para a sua pessoa, Nise respirou fundo e aceitou o desafio. Recolheu a oferta do professor, para em seguida repassá-la ao colega que estava ao seu lado (Bezerra, 1995, p. 136/7).

Nem todos os seus professores tiveram essa atitude provocativa com a jovem estudante. Um dos que tiveram uma postura mais condizente com a função pedagógica foi o professor Prado Valadares que acompanhou a turma de Nise da Silveira nos três últimos anos de faculdade. A presença do professor nas visitas de atendimento aos internos do setor de clínica médica do Hospital Santa Isabel permitiu que seus alunos pudessem ter uma aproximação aos pacientes que não

ficava restrita à fragmentação em peças ou órgãos. Melo considera essa vivência como tendo possibilitado a Nise uma visão mais integrada do ser humano, já que Valladares “não era um cartesiano, posição filosófica que cada vez mais domina a medicina contemporânea.” (Silveira, 1992. Em Melo, 2001, p. 135)

Outro fator que pode ser atribuído aos tempos de faculdade e que norteiam o trabalho de conclusão do curso médico de Nise, é a perspectiva social na medicina. O seu trabalho de final de curso, *Ensaio sobre a Criminalidade da Mulher no Brasil* “gira em torno da preponderância de fatores intrínsecos ao indivíduo ou de fatores sociais na determinação de um crime” (op. cit., p. 135). Entre os fatores sociais considerados mais relevantes estão os econômicos e educacionais e “em meio a essas teorizações, Nise da Silveira cria dois argumentos: o de que existe uma mistura de criminosos com doentes mentais; a idéia de que a medicina deve contribuir no sentido de que se tomem medidas no campo social” (op. cit. p. 136). As medidas propostas no trabalho da doutora recém-formada refletiam de um lado as idéias da eugenia sobre a degeneração das raças além das concepções higienistas presentes na época<sup>22</sup>.

Podemos afirmar que um fator de influência neste direcionamento que levou Nise para longe da clínica médica foi a sua aversão ao sangue. Outro ponto que confluuiu para esta área e pode ter contribuído neste sentido é a opção de seu primo Mário, que se formou na mesma turma de 1926 e que se dirigiu para a saúde pública, vindo a se tornar um respeitado sanitarista. Consta que, durante o curso de medicina, Nise já vivia com seu futuro marido, união que não tinha a aprovação da família “pelo fato de serem primos e de não terem se casado” (Melo, 2001, p. 144).

Não existe menção à presença de Jung, entre as leituras de Nise, nesta época da faculdade. No entanto, cabe lembrar que um conterrâneo e contemporâneo seu, de faculdade, foi Arthur Ramos (1903-1949), também aluno

---

<sup>22</sup> Como já vimos anteriormente (p. 40), Gustavo Riedel, diretor da Colônia de Engenho de Dentro, fundou a Liga Brasileira de Higiene Mental em 1923, cuja meta era “a melhoria da assistência ao doente mental” (Antunes, 2001, p. 50).



do professor Faustino Magalhães no Colégio São João em Maceió. Ramos obteve seu doutorado com a tese "Primitivo e Loucura", publicada em 1926 pela Imprensa Oficial do Estado da Bahia, onde "reflete um belo conhecimento da obra de Freud e Jung" (Penna, 1992, p. 24). Dada a proximidade anterior entre esses dois alagoanos, é possível especular sobre um contato de Nise com as idéias junguianas já durante a faculdade, embora tais enunciados não se fizessem presentes em seu trabalho de conclusão de curso.

O doutoramento de Nise era uma grande aspiração de seu pai, que esteve em Salvador para assistir a apresentação da tese de sua filha. Voltaram a seguir para Maceió, quando Faustino poderia prosseguir rumo a outra grande aspiração sua. Ele era um sonhador, diz Nise, "nunca pensou em comprar uma casa para a família. E quando minha mãe falava nisso, ele dizia: 'Não, quando a Nise se formar a gente vai morar em Paris'" (Gullar, 1996, p. 35). Este projeto não teve seguimento, pois em 10 de fevereiro de 1927 Faustino faleceu aos 44 anos de idade.

Fazia um mês que Nise havia voltado para sua terra natal e, de repente, se viu em uma situação inesperada. Segundo ela, "acabaram-se as mordomias. Minha mãe foi morar com o pai dela e a irmã mais moça (...). E adoidadamente vendeu-se tudo de casa. Imagine que tínhamos dois pianos de cauda. Vendeu-se tudo, jóias de minha mãe, tudo." (op. cit., 1996, p. 36). A jovem alagoana não aceitou aquela condição e se posicionou dizendo: "Eu não fico aqui (...) ai eu tomei um navio e me toquei para o Rio de Janeiro (...). É aí que começa a segunda etapa de minha vida" (op. cit., p. 36).

No Rio de Janeiro, Nise foi morar em uma pensão no Catete, onde ficou por pouco tempo. O dinheiro que trouxera ia se consumindo e o que se oferecia de trabalho era em casas de saúde, que não interessavam à médica que não podia ver sangue. "Antes que o dinheiro acabasse, busquei no jornal um lugar mais barato para morar. Encontrei um em Santa Tereza, no Curvelo" conta Nise sobre sua chegada ao local onde iria fazer novas e importantes amizades. (Gullar, 1996, p. 36)



Nise na Rua do Curvelo

No novo endereço, em cuja rua habitava também Manuel Bandeira, Nise procurou seu conterrâneo, Otávio Brandão, que era um importante membro do Partido Comunista Brasileiro. Sua esposa, Laura, recebeu a nova vizinha “na pequena sala que servia de quarto para as três meninas, filhas do casal” (Bezerra, 1995, p. 138).

Segundo Bezerra (op. cit.), Laura Brandão foi uma pessoa marcante na vida de Nise. Convidava-a para almoçar com frequência em sua casa dominada pela alegria, apesar da simplicidade e poucos recursos financeiros do casal e das prisões constantes de Otávio, pois o seu partido foi colocado na ilegalidade em agosto de 1927. Sobre seu relacionamento com Otávio Brandão, Nise conta que ambos discutiam “sobre o Cristo, Nietzsche, sobre Tolstoi...Em 1930, houve a revolução de Getúlio<sup>23</sup> e os comunistas, inclusive Brandão, foram presos e depois tiveram que ir embora...para a Alemanha e depois para a União soviética” (Gullar, 1996, p. 37).

Apesar de sua ligação com o líder comunista, a sua aproximação com a esquerda se deu através de um amigo cearense, Hyder Correa Lima. Na época havia dois grupos entre os estudantes: os católicos, liderados por Tristão de Athaíde e os de esquerda, ligados a Castro Rebelo, professor da Faculdade de Direito. Certa noite, esse professor iria dar uma palestra sobre direito marítimo, a qual, graças a insistência de Correa Lima, Nise foi assistir. Em depoimento a Gullar (1996, p. 41), ela descreve Castro Rebelo como alguém muito convincente em sua

---

<sup>23</sup> A Revolução de 30 marca a tomada do poder por Getúlio Vargas, com a suspensão da Constituição e a proclamação, pelo chefe militar do golpe, de um governo provisório. Marca também o refluxo da oligarquia cafeeira que dominava a política da Primeira República, também conhecida como “café com leite”, em função do acordo pela alternância de poder entre paulistas e mineiros.

argumentação, de tal forma que se tornou uma adepta em defesa do direito marítimo. Seu movimento em direção à esquerda foi reforçado quando soube que um conhecido, Santa Rosa, pintor e chargista de *O Jornal*, havia sido demitido por pressão de Tristão de Athaíde.

Neste período começou a ler Marx e frequentou algumas reuniões do Partido Comunista Brasileiro ao qual se filiou, permanecendo por pouco tempo nesta agremiação. Fora dela, Nise participou, como médica voluntária, da União Feminina do Brasil (UFB), um grupo “em defesa dos interesses da mulher no Brasil, especialmente daquelas que estão submetidas às mais precárias condições de existência e trabalho”, conforme citação de panfleto da UFB (Em, Melo, 2001, p. 139).

Em meio a essa época, Nise já trabalhava junto ao professor Antônio Austragésilo que era catedrático de neurologia e possuía uma clínica, freqüentada por estudantes interessados no aprendizado prático que, assim como Nise, não recebiam remuneração. O interesse pela psiquiatria já havia despertado para a jovem médica estagiária. Ela conta que lia “pelo prazer de conhecer o assunto e até ganhei algum dinheiro fazendo teses para psiquiatras, a fim de conseguirem ingressar na carreira...Uma imoralidade horrível” (Gullar, 1996, p. 38). A possibilidade de se sustentar financeiramente com a sua profissão viria em 1933, graças ao incentivo do professor Austragésilo, que inscreveu Nise em um concurso para psiquiatra, na antiga Assistência a Psicopatas e Profilaxia. Devido à proximidade das provas, Nise mudou-se da rua do Curvelo para o Hospício Pedro II, na Praia Vermelha, a fim de se preparar para os exames e lá ficou lotada como médica psiquiatra, após a aprovação no concurso.

Em 1935, Nise disse ter ouvido o barulho de tiros. Era a Intentona Comunista, um movimento liderado por Luís Carlos Prestes em reação a Lei de Segurança Nacional, aprovada pelo Congresso em 4 de abril daquele ano<sup>24</sup>.

---

<sup>24</sup> Vencidos os paulistas na Revolução de 32, que queria a volta da legalidade ao país, Vargas decidiu convocar uma Assembléia Nacional Constituinte. Esta se formou em 1933, cujo trabalho terminou em 16 de julho do ano seguinte, com a promulgação da Constituição de 1934. Neste

Seguiu-se um período intenso de prisões que culminou com a detenção de Prestes junto com sua companheira Olga, em uma casa no bairro do Méier (RJ). Era início de março de 1936. Foi também quando Nise foi chamada pelo diretor do hospital, doutor Valdomiro Pires. “Veio imediatamente atendê-lo. Não imaginava encontrar ao lado do diretor a polícia de Getúlio Vargas, que viera prendê-la, e ouvir, perplexa, as palavras de Valdomiro Pires: - É esta.” (Bezerra, 1995, p. 146). Nise havia sido denunciada pela enfermeira que fazia a limpeza de seu quarto quando essa encontrou, entre as diversas leituras às quais a médica se dedicava, alguns livros de cunho marxista.

Nise chegara ao Rio durante a transição política no Brasil que culminou com o fim da República Velha. O debate político era intenso, ao mesmo tempo em que no campo das artes vivia-se ainda um clima de produção nacional criativo com os reflexos da Semana de 22. Esses dois aspectos, política e arte, já eram familiares à Nise, porém esse foi um período marcado por rupturas com modelos anteriores, o que fez desse um tempo bastante peculiar no qual Nise teve um lugar privilegiado. Não tanto pela sua produção pessoal ou profissional, mas certamente pela sua convivência próxima com personagens importantes das áreas da política e das artes, como os vizinhos da rua do Curvelo, por exemplo. Nesta época, com Nise tendo chegado aos trinta anos de idade, o seu percurso profissional ainda estava se definindo. Suas opções mantiveram a influência prioritária dos grupos afetivos com os quais convivia, como vemos na adesão ao grupo de estudantes de esquerda e no fato de ter prestado o concurso para psiquiatra, em função de o professor Austragésilo ter feito a inscrição da estagiária de sua clínica. É certo que a vinda para o Rio marcou a sua autonomia em relação à família, o que foi, possivelmente, precipitado pelo falecimento prematuro de seu pai.

A saída de sua moradia no hospital psiquiátrico, para ficar confinada na cela de uma prisão, trouxe novos desafios para serem confrontados por Nise da Silveira.

---

mesmo dia os constituintes elegeram Vargas presidente do Brasil, dando um caráter legalista ao seu governo.

## **A prisão e anos turvos**

Após receber voz de prisão, Nise foi levada para o DOPS, na rua da Relação, onde permaneceu por uma semana, sendo transferida, em seguida, para o presídio da rua Frei Caneca e alojada no Pavilhão dos Primários, em uma cela destinada às prisioneiras políticas, chamada Sala 4. Ali havia dezesseis camas e uma mesa sem cadeiras em um espaço compartilhado por mulheres que haviam se destacado na militância política de esquerda, como Olga Benário, Maria Werneck e Elisa Berger, que ocupava a cama ao lado da de Nise. Entre as duas estabeleceu-se uma relação de amizade e solidariedade mútua, conforme Nise conta em depoimentos a Bezerra (1995) e Gullar (1996). A tortura era um método usual, na prisão, para obter informações confidenciais e Nise, apesar de não ter sido submetida diretamente a este tipo de prática, não deixou de ser marcada pela violência de que suas companheiras foram alvo. Elisa teve seu marido, Harry Berger, torturado até enlouquecer. Ela, além de ter presenciado algumas torturas aplicadas ao marido, foi também vítima das práticas violentas de interrogatório e depois “ela me mostrava as queimaduras nos seios...Eu ficava nervosíssima vendo aquilo” relata Nise (Gullar, 1996, p. 42).

Graciliano Ramos (1946/2004) fornece uma versão primorosa de sua vivência deste período, em *Memórias do Cárcere*, no qual descreve momentos compartilhados com Nise da Silveira. A amizade entre esses dois alagoanos transcendeu os muros da prisão e, depois da libertação do escritor, ambos costumavam se encontrar na livraria José Olympio. Depois da efervescência dos anos 1920 e no início dos anos 30<sup>25</sup>, esses tempos sob a ditadura Vargas, que Ramos (op. cit.) se refere como “fascismo tupinambá” (p. 15), marcaram uma involução na produção cultural de alguns setores do mundo artístico, conforme o

---

<sup>25</sup> Em 1929 aparecera Cecília Meireles. No ano seguinte temos os primeiros livros de Carlos Drummond de Andrade e Manuel Bandeira. Em 1933, surgem publicações importantes que possibilitam um novo olhar ao Brasil como *Casa Grande e Senzala* de Gylberto Freire e *Evolução Política do Brasil* de Caio Prado Júnior, somadas a *Raízes do Brasil* de Sérgio Buarque de Holanda de 1936 (Bueno, 1997, p. 234).

mesmo assinala: "de fato ele [o fascismo tupinambá] não nos impediu de escrever. Apenas nos suprimiu o desejo de entregar-nos a esse exercício" (p. 34). Outro exemplo da pouca tolerância ao exercício intelectual, característico dessa época, aparece na ocasião em que Maria Lydia veio ao Rio, interceder pela libertação da filha. O responsável pelo processo de Nise disse que sua prisão iria se prolongar pois "se há duas pessoas que têm me dado muito trabalho são ela e o Francisco Mangabeira Filho. Eles parecem malucos, tomavam nota de tudo o que liam, e eu estou sendo obrigado pela lei a ler e analisar todas essas anotações. São folhas e folhas de anotações sobre marxismo, sobre literatura, etc." (Gullar, 1996, p. 44).

Além do relacionamento com intelectuais vítimas de regime de exceção que perdurava, Nise manteve contato com presos comuns, dos quais trouxe algumas vivências marcantes. O ladrão Nestor chamou a atenção de Nise quando ela afastava as formigas do açucareiro; disse ele em tom de repreensão para a doutora: "elas são viventes como nós" (Gullar, 1996, p. 43). Na opinião deste prisioneiro, a Malandrinha, gata que habitava o presídio, é que "sabia tirar cadeia", ao vê-la se espichar ao sol entre longos bocejos (Bezerra, 1995, p. 153). Outra peculiaridade observada por Nise, neste contato com presos comuns, era como eles inventavam atividades "que serviam de antídoto contra o massacrante e repetitivo dia-a-dia" (Melo, 2001, p. 140). Este tipo de subterfúgio não era utilizado apenas por eles. Os presos políticos também lançavam mão de sua criatividade. Bezerra (1995) conta sobre a "Rádio Libertadora", uma invenção que servia para troca de informações e para o lazer, com a leitura de textos literários e canções cantadas pelos detentos políticos. Ramos (1946/2004) relata suas "idas" ao cinema, na imaginação compartilhada com Nise, justificando que "ociosos e ausentes do mundo, precisávamos fazer esforços para não nos deixarmos vencer por doidos pensamentos" (vol II, p. 240)

Em junho de 1937 foi nomeado para a pasta da Justiça o ministro José Carlos de Macedo Soares, que protagonizou um episódio conhecido como "macedada", quando mandou soltar os presos políticos que não tinham condenação ou processo. Bezerra (1995) conta que Nise saiu da prisão na noite de

São João, com os balões subindo ao céu, sob o seu olhar. No dia seguinte compareceu ao café Chave de Ouro que funcionava na rua São José, seu ponto de encontro onde lhe anotavam recados e encontrava amigos. Foi abraçada pelo garçom que costumava atendê-la, porém notara o receio de algumas pessoas em se aproximarem da ex-prisioneira. Mesmo assim recebeu outras expressões de solidariedade como o convite do antigo vizinho da rua do Curvelo, Manuel Bandeira, para um almoço na Confeitaria Colombo, lugar de destaque da cidade carioca. Alguns meses depois, porém, a situação política voltaria a se tensionar.



10 de novembro de 1937. Vargas, em pronunciamento radiofônico à nação diz que “nos períodos de crise, como o que atravessamos, a democracia de partidos (...) subverte a hierarquia, ameaça a unidade pátria e põe em perigo a existência da nação” (em Bueno, 1997, p. 229).

Os partidos e o Parlamento foram abolidos e uma nova Constituição passou a vigorar. Estava instaurado o Estado Novo, que deu reinício a uma nova onda de prisões. Nise então teria deixado o Rio de Janeiro ao ouvir os boatos de que poderia ser presa novamente.

Esse ano e meio de prisão pode ser considerado período marcante para Nise da Silveira, como foram para o Brasil, na medida em que se afigura como um tempo de transformações. Nele, Nise manteve um contato cotidiano e próximo com pessoas significativas do panorama intelectual brasileiro. Vivenciou, igualmente, o impacto do regime de reclusão e da violência decorrente do abuso do poder, cujos efeitos se fazem presentes no sofrimento de todos. Alguns, entretanto, conseguem lidar com esse tipo de situação de forma criativa e inusitada, mesmo em condições de cerceamento e humilhação. Neste tempo, não passou despercebido de Nise o quanto as atividades criadas espontaneamente se colocam como uma alternativa poderosa para o suplício do cotidiano da prisão. Não há como deixar de perceber, nestes meses, a formação de bases importantes

do trabalho que viria a se desenvolver por uma psiquiatra que acabava de aprender de maneira contundente sobre a similaridade entre a reclusão e a arbitrariedade da prisão e do hospício.

Ainda um fato veio marcar sua futura trajetória na psiquiatria. Quando Nise trabalhava no Hospício Pedro II, na Praia Vermelha, ela recebia todas as manhãs uma paciente, chamada Luíza, que vinha lhe servir o café. Nise tinha muita dificuldade para entender o que era dito por aquela que a servia, devido ao quadro de esquizofrenia, caracterizado pela indiferença e embotamento afetivo, segundo os manuais da psiquiatria descritiva. Luíza ao saber da prisão da doutora para quem levava café todas as manhãs, deu uma surra na enfermeira que havia feito a denúncia contra Nise, demonstrando sua capacidade de discernimento e manifestação de afeto, que contrariavam a nosologia psiquiátrica tradicional. "Assim aprendi outra lição, que desmentia o que afirmavam os livros de psiquiatria sobre os doentes mentais...os esquizofrênicos eram indiferentes e sem afeto...Eu não entendia nada do que ela falava, mas ela estava entendendo o que se passava" disse Nise sobre esse episódio (Gullar, 1996, p. 41).

Saindo do Rio, Nise foi levada por um primo para a Bahia. Porém não se sentia bem na pensão onde ficou hospedada. Em visita a parentes do amigo e companheiro de prisão, Francisco Mangabeira Filho, foi muito bem acolhida. Havia, entretanto, recebido um telegrama de seu advogado dizendo que se apresentasse no Rio, garantindo que quando seria presa novamente, para ser solta em seguida. Nise não aceitou a proposta. Ao invés disso, após conversa com as anfitriãs que a acolheram, aceitou a oferta que lhe fizeram de esconde-la em um lugar onde não seria achada (Gullar, 1996, p. 45). A contrapartida exigida foi a palavra de honra de Nise de nunca revelar o local do esconderijo para ninguém, em função do que temos poucas informações sobre o que se passou então. Sabe-se que Nise esteve em Pernambuco, Alagoas e foi então para Manaus encontrar-se com seu companheiro, Mário Magalhães, onde ele servia como delegado federal da saúde. Freitas (2001) relata que o doutor Mário já era um sanitarista muito respeitado, em função do que, apesar de pertencer ao Partido Comunista Brasileiro, não foi



preso nos anos 30. "Ele teve que ir para o Amazonas e, depois que a dra.Nise saiu da prisão, foi para o Norte ao encontro dele" (p. 188).

Deste período, do qual existem poucos dados sobre a vida de Nise, sabe-se que boa parte dele foi dedicado ao estudo de Baruch Spinoza (1632-1677), filósofo de origem judaica que viveu e trabalhou na Holanda. Considerado um dos maiores pensadores racionalistas, possuía uma visão monística, que permitiu a formulação filosófica para o enfoque que considera o mental e o físico como diferentes atributos da mesma realidade. Apesar de Spinoza ter sofrido forte influência de Descartes a sua perspectiva unitária oferecia uma alternativa consistente e interessante para as divergências que Nise tinha com a visão cartesiana que, na sua opinião, separava "o que lhe aparecia inextricavelmente unido" (Melo, 2001, p 126). Será com Spinoza que Nise construirá a base para o desenvolvimento conceitual do seu futuro trabalho profissional.

### **Engenho de Dentro e C. G. Jung**

Voltando de Manaus, Nise e Mário moraram inicialmente "na casa do irmão de Mário Magalhães, Carlyle Magalhães e, depois, em um quarto na rua da Glória número 60" (Bezerra, 1995, p. 155). Nise foi readmitida no serviço público em abril de 1944 no Hospital Pedro II, do antigo Centro Psiquiátrico Nacional, no Engenho de Dentro.

Muita coisa se passou nestes anos de auto-exílio de Nise da Silveira. O Estado Novo ainda perdurava e a mão de Vargas se fazia presente em diversas áreas do panorama brasileiro. O Brasil consolidava as bases para a mudança da economia agrícola, que perdeu poder com o fim da República Velha. Foram criados o Conselho Nacional do Petróleo (1938), a Companhia Siderúrgica Nacional (1941) e a Mineradora Vale do Rio Doce (1943), todas vinculadas ao Estado.

O Departamento de Imprensa e Propaganda, se encarregava de ditar as diretrizes de modo a "centralizar, coordenar, orientar e superintender a propaganda nacional interna ou externa...fazer censura do teatro, do cinema de

funções recreativas e esportivas, ... da radiodifusão, da literatura...e da imprensa.” (Bueno, 1997, p. 231).

Um exemplo da “presença” do ditador no mundo artístico foi a sua eleição, como candidato único, para a Academia Brasileira de Letras, em 1941, apesar de não ser escritor.



Pouco antes, em 1937, criara a Universidade do Brasil que, entre outras coisas, incorporou o Instituto de Psicologia nascido em 1932 no Laboratório de Psicologia da Colônia de Psicopatas no Engenho de Dentro (Penna, 1992, pp 20-1). Engenho de Dentro é considerada “uma das mais importantes instituições que geraram condições para o estabelecimento da Psicologia no Brasil” (Antunes, 2001, p. 49) em função de se constituir em um centro de pesquisas com uma produção científica relevante nas áreas da psicologia e psiquiatria.

O mundo vivia a 2ª Guerra Mundial, tempo durante o qual, em meio a toda a devastação causada pelo conflito, buscava-se o aprimoramento de novas técnicas de destruição mas também de assistência para as vítimas da guerra. Algumas das novas descobertas ganharam aplicação na psicologia e na psiquiatria e chegaram a Engenho de Dentro. Os novos procedimentos alinhados com a psiquiatria biológica ganharam maior destaque naquele centro de pesquisas e de assistência a pacientes psiquiátricos e foi com esse panorama que Nise da Silveira se deparou ao voltar a exercer suas funções como psiquiatra no serviço público.

Em depoimento a este autor Nise conta que, durante seu afastamento do serviço público,

*algumas coisas tinham se modificado e nesse meio tempo surgiu o que se dizia como a grande descoberta no tratamento para doenças mentais, o eletrochoque. Prontamente o doutor a quem eu acompanhava em visita ao hospital disse, com muita disposição, que iria me ensinar a grande novidade. Chamou um paciente e, dizendo que eu aprenderia com facilidade aquela simples e revolucionária operação, acionou o aparelho. Eu não havia sido torturada nos meus tempos de cárcere, mas pude ouvir os gritos de sofrimento de vários*

*companheiros. O médico chamou então outro paciente e disse para mim:*

*- Viu Nise como é fácil! É só apertar o botão.*

*Eu havia visto o sofrimento do paciente na primeira demonstração. Olhei para o psiquiatra e disse que não faria aquilo. Ele ainda tentou me convencer das maravilhas daquela engenhoca, mas firmemente eu recusei. (Motta, 1995)*

Nise chegou a fazer uso de um dos novos recursos da psiquiatria, quando aplicou um choque de insulina em uma paciente e relata que “a mulher não acordava. Aflita, apliquei-lhe soro glicosado na veia e nada da mulher acordar. Tentei de novo, até que consegui. Aí disse - Nunca mais.” (Gullar, 1996, p. 46)

A postura contrária aos métodos que Nise classificava como violentos, levou-a a uma conversa com o diretor do Centro Psiquiátrico Pedro II, Paulo Elejalde, que perguntou o que poderia fazer com sua funcionária. Nise conta que não estava preocupada com cargos ou hierarquias, por isso respondeu ao diretor que fizesse qualquer coisa, quando ele sugeriu o Setor de Terapêutica Ocupacional. Nise pensou consigo : por que não?. “Aceitei a indicação do doutor Elejalde, mas antes que ele saísse, interrompendo no ar o seu movimento de meia volta, disse-lhe com o dedo em riste e um brilho maroto nos olhos: - Eu irei para o Setor de Terapêutica Ocupacional mas...ele vai mudar!” (Motta, 1995).

Engenho de Dentro, na condição de um centro de pesquisa, abrigava também outras possibilidades que vinham sendo pesquisadas na área da doença mental. A terapêutica ocupacional (TO) ganhou aprimoramentos entre os estudos aplicados na recuperação e tratamento de vítimas da guerra que estava em andamento, e fora implantada naquela instituição psiquiátrica em meados de 1940. Em reunião da Sociedade de Psiquiatria, Neurologia e Medicina Legal, o doutor Fábio Sodré<sup>26</sup> apresentou suas idéias sobre a iniciativa que havia introduzido em uma enfermaria sob sua responsabilidade (Melo, 2001 p. 59). O fato de ter recebido muitas críticas de colegas deve ter influenciado no pequeno espaço institucional que a TO, inicialmente, ocupou em Engenho de Dentro. Foi no lugar

---

<sup>26</sup> Médico que teria introduzido a TO em Engenho de Dentro.

montado por Sodré, para servir como sala de estar para os pacientes de sua enfermaria, que Nise implantou a primeira atividade de TO: costura e bordado. (Bezerra, 1995, p. 156).

A Seção de Terapêutica Ocupacional (STO) recebeu apoio de Paulo Elejalde, que colocou à disposição de Nise a pequena verba destinada, até então, para pagar internos que prestavam serviços no hospital. Foram, então, montadas outras oficinas e ateliês, entre eles o de desenho e pintura, inaugurado em setembro de 1946. Para lá foi transferido um funcionário da administração, totalmente inadaptado para a função burocrática. Almir Mavignier era, na ocasião, estudante de pintura e se surpreendeu com o trabalho dos doentes que freqüentavam o ateliê. A produção dos internos crescia e logo se organizou uma exposição, em fevereiro de 1947 no primeiro andar do Ministério da Educação com 245 pinturas dos pacientes de Engenho de Dentro, como uma "tentativa para entrar em contato com pessoas talvez interessadas pelo apaixonamento que nos empolgava" justifica Nise (Silveira, 1982, p. 14). Mário Pedrosa, crítico de arte, começou a frequentar a STO, que "trouxe nada menos que o primeiro diretor do Museu de Arte Moderna de São Paulo, um francês chamado Leon Degand...Ele se deslumbrou", conta Nise em depoimento a Gullar (1996, p. 47).

A segunda exposição com obras produzidas nos ateliês de Engenho de Dentro foi montada com material selecionado por Legand, que regressaria para Paris pouco antes da inauguração da mostra, que teve sua abertura em 12 de outubro de 1949 (Sant'ana, 2001, p. 212). O catálogo de "9 Artistas de Engenho de Dentro" tem texto de apresentação de Nise da Silveira, onde se observa uma maturidade conceitual, com embasamento de diversos teóricos. Cita Bleuler, Freud e comenta a experiência de Herbert Head<sup>27</sup> com meninas que pintam imagens semelhantes a mandalas, símbolos eternos da humanidade que "aparecem também pintados por doentes mentais europeus (Jung) e por esquizofrênicos brasileiros" (Silveira, 1949, em Gullar, 1996, p. 94). Esta exposição teve

---

<sup>27</sup> Citado por Nise, a respeito da experiência realizada em uma escola secundária feminina com jovens inglesas sadias, que pintam imagens surgidas em estado de rebaixamento de consciência.

repercussão no meio artístico e médico sendo, em seguida, transferida para o salão nobre da Câmara Municipal do Rio de Janeiro, graças ao empenho de Jorge Lima, intelectual alagoano, vereador e, na ocasião, presidente da Câmara.

Os desdobramentos do evento não pararam aí. Obras de “9 Artistas de Engenho de Dentro”, juntamente com produções feitas no Juquery – SP e na Colônia Juliano Moreira – RJ, foram enviadas para o 1º Congresso Mundial de Psiquiatria, realizado em Paris em 1950 (Melo, 2001, p. 68).

O trabalho de Nise já ganhara visibilidade, em parte, em função da produção artística dos freqüentadores dos ateliês da STO. Sobre esse ponto, Nise relata que “tudo isso me alegrava profundamente. Mas sempre me mantive discreta quanto a pronunciamentos sobre a qualidade das criações plásticas dos doentes. Isso competia aos conhecedores de arte. O que me cabia era estudar os problemas científicos levantados por essas criações” (Silveira, 1982, p. 16). Ao se posicionar desta forma, Nise reafirma sua condição de pesquisadora da psique, ainda que incluísse, em seus estudos, textos de áreas diversas. Alguns autores que podem ser considerados como sendo marcantes para a obra de Nise, são: Machado de Assis, Baruch Spinoza, Antonin Artaud, Gaston Bachelard e Carl Gustav Jung. No início dos anos cinquenta, este último citado já era conhecido de Nise, como vemos na citação do catálogo da exposição de 1949, porém Jung ainda não tinha o lugar que iria adquirir no trabalho de Nise da Silveira.

No início dos anos oitenta, em *Imagens do Inconsciente*, uma de suas mais importantes publicações, Silveira (1982) declara que “o mais importante acontecimento ocorrido nas minhas buscas de curiosa dos dinamismos da psique foi o encontro com a psicologia junguiana. Jung oferecia novos instrumentos de trabalho, chaves, rotas para distantes circunavegações. Delírios, alucinações, gestos, estranhíssimas imagens pintadas ou modeladas por esquizofrênicos tornavam-se menos herméticas se estudadas segundo seu método de investigação. E também não lhe faltava o calor humano de ordinário ausente nos tratados de psiquiatria.” (p. 11).

O evento que levou Nise a colocar Jung neste lugar privilegiado de seu trabalho foi, primeiramente, a leitura de *Psicologia e Alquimia* publicado, originalmente, em 1943. Em entrevista a Horta, Nise conta que já havia alguns textos esparsos de C.G. Jung publicados, mas não se encontrava no Brasil

*um livro de sua autoria, a não ser uma tradução francesa que reunia temas diversos. A psicologia Junguiana logo me atraiu, achei interessante. Então apareceu o primeiro livro das obras completas de Jung (...). Assim que pude, adquiri imediatamente o Psicologia e Alquimia, traduzido para o inglês. Mas tive dificuldade na leitura, não só por ser um livro difícil, mas também porque o meu inglês na época era muito fraco. Certo dia encontrei um amigo, que tinha um inglês forte, e lhe perguntei: - Você por acaso adquiriu o Psicologia e Alquimia, de C.G. Jung, que acabou de sair? Ele me respondeu: - Sim, estou às voltas com ele. - Então vamos ler juntos, eu propus. (in Ramos, 2001, p. 30/1).*

Era o germe do futuro Grupo de Estudos C.G. Jung, formado em abril de 1955, ao qual se juntaram outras pessoas interessadas em psicologia analítica.

Jung (1944/1991) apresenta nesse livro estudos baseados no material de que dispunha: “mais de mil sonhos e impressões visuais de um homem ainda jovem cuja formação científica deve ser sublinhada<sup>28</sup>” (parag. 45); e adiante revela o método que utiliza para buscar uma aproximação ao material dizendo que “devemos obrigatoriamente aplicar o mesmo método usado para a leitura de um texto fragmentário, ou que contenha palavras desconhecidas, isto é, a consideração do contexto. Pode ocorrer que o significado da palavra desconhecida seja descoberto quando comparado com uma série de passagens que a contém” (op. Cit., parag. 48); e mais adiante diz, relativamente ao objeto de sua pesquisa, que “não se trata de sonhos isolados, mas de *séries* conectadas entre si, em cujo decorrer o sentido se explica pouco a pouco por si mesmo” (op. Cit., parag. 50). Entre os sonhos estudados, Jung seleciona em ordem cronológica os que se referem especialmente à mandala. Tais imagens apresentavam semelhança a

---

<sup>28</sup> Jung diz em nota de rodapé que o sonhador não possui formação em História, Filologia, Arqueologia ou Etnologia, sendo que as referências a tais áreas são inconscientes. O sonhador, soube-se após a publicação de correspondência entre ambos, é Wolfgang Pauli (1900-58) que ganharia o Prêmio Nobel de Física em 1945.

pinturas produzidas pelos freqüentadores da STO de Engenho de Dentro e que já haviam chamado a atenção de sua coordenadora quando as reuniu formando o primeiro álbum de trabalhos do ateliê de pintura, montado antes ainda da primeira exposição de 47. A questão é que naquele tempo Nise, apesar de intrigada com a recorrência daquelas imagens, ainda não tinha clareza do seu significado. Nesse sentido, com o texto *Psicologia e Alquimia*, Jung ofereceu a primeira chave para o trabalho de Nise, que consiste no método de análise em série que Jung aplica aos sonhos, o que passa a se fazer em Engenho de Dentro analisando-se, todavia, não sonhos, mas as imagens expressas no material produzido nos ateliês da STO. A segunda chave, decisiva para ampliar a possibilidade de entendimento do conteúdo das imagens expressas pelos internos naquele hospital, viria mais tarde.

Além da oficina de costura e do ateliê de desenho e pintura, várias outras atividades foram gradativamente sendo implantadas, de modo que “a Seção de Terapêutica Ocupacional desenvolveu-se progressivamente até instalar dezessete núcleos de atividade” (Silveira, 1992, p. 17). Tais núcleos eram divididos em quatro grupos : “trabalho (marcenaria, sapataria, encadernação, cestaria, costura e jardinagem etc.), expressivas (pintura, modelagem, gravura, música, dança, mímica, teatro etc.), recreativas (jogos, festas, cinema, rádio, televisão, esportes, passeios etc) e culturais (escola, biblioteca etc.)” (Melo, 2001, p. 71). Ou seja, a STO se ampliou e ganhou um espaço considerável dentro da instituição, fato que parecia pouco provável para uma modalidade de tratamento considerada, pela psiquiatria biológica da época, como subalterna e de pouca ou nenhuma efetividade terapêutica. Do ateliê de desenho e pintura não paravam de sair produções, fruto da atividade incessante de muitos dos seus freqüentadores. “Começou-se a falar em museu, como um órgão que reunisse todo esse volumoso material de importância científica e artística. E, assim, foi inaugurado no dia 20 de maio de 1952 o Museu de Imagens do Inconsciente” (Silveira, 1982, p. 16).

Durante todo os anos em que esteve às voltas com as imagens expressas pelos pacientes de Engenho de Dentro, Nise já havia afirmado que o foco do seu trabalho na STO era a pesquisa científica. Da mesma forma, desde o início, ela se

posicionou firmemente em relação a outro princípio, o do mercado. Nise defendeu com tenacidade contra todas as tentativas de aquisição de pinturas do Museu. Um exemplo disso se deu ainda durante a mostra “9 Artistas de Engenho de Dentro”, quando o patrocinador do evento, Cicilo Matarazzo se interessou por uma pintura de Emygdio<sup>29</sup>. Apesar da insistência e das, cada vez maiores, ofertas recebidas, Nise recusou todas categoricamente, pois considera que as imagens só podem ser estudadas na sua seqüência, e a falta de uma delas seria como arrancar um trecho de um texto antigo, colocando a perder todo o trabalho em busca de sua decifração.

Em 1954, às voltas com *Psicologia e Alquimia*, Nise tomou a iniciativa de remeter, para Jung, algumas das pinturas com formato circular característico, perguntando se elas corresponderiam a mandalas. Jung respondeu afirmativamente, manifestando interesse sobre o conteúdo e sobre os autores do material recebido. A receptividade obtida pela sua carta foi estimulante, e pouco mais tarde Jung receberia mais notícias do Brasil, desta vez para comunicar-lhe a constituição do Grupo de Estudos que levava seu nome. Esse canal constituído entre os dois psiquiatras não parou de se ampliar. Em 1956, após Nise investigar a possibilidade de freqüentar cursos e seminários em Zurique, Jung enviou a seguinte mensagem:

*Senhores, O professor C.G. Jung convida a doutora Nise da Silveira a fazer parte, no semestre de verão de 1957, do Instituto C.G. Jung de Zurique. Os cursos, os seminários e o contato com meus colaboradores serão de grande importância para a preparação da exposição de arte psicopatológica, que deverá ser organizada em ocasião do Congresso Internacional de psiquiatria que se realizará em Zurique no ano de 1957. Eu ficaria contente se através da visita da doutora Nise da Silveira, o contato entre os profissionais do Brasil e da Suíça pudesse se aprofundar. Certamente esse encontro será importante par ao futuro da psicologia e da psiquiatria. (em Mello, 2001, p. 14).*

---

<sup>29</sup> Emygdio (1895-1986), teve sua primeira internação em 1924 no antigo Hospital da Praia Vermelha e começou a frequentar o ateliê de Engenho de Dentro em 1947.





Nise chegou em Zurique em 1957 para os cursos no Instituto e levou consigo centenas de pinturas produzidas no ateliê de Engenho de Dentro. Esse material foi apresentado sob o título "A esquizofrenia em Imagens", exposição que ocupou cinco salas do II Congresso Internacional de Psiquiatria que aconteceu naquela cidade. Jung abriu a mostra na manhã de 2 de setembro percorrendo cada uma das salas em companhia de Nise da Silveira.

Poucos dias antes, em 14 de junho, recebida por Jung em sua casa, Nise conta que,

*sentada diante do mestre no seu gabinete de trabalho, junto á larga janela com vista sobre o lago, falei-lhe do desejo de aprofundar meu trabalho no hospital psiquiátrico, de minhas dificuldades de autodidata. Ele me ouvia muito atento. Perguntou-me de repente:*

- *Você estuda mitologia?*

*Não, eu não estudava mitologia.*

- *Pois se você não conhecer mitologia nunca entenderá os delírios de seus doentes, nem penetrará na significação das imagens que eles desenhem ou pintem. Os mitos são manifestações originais da estrutura básica da psique. Por isso seu estudo deveria ser matéria fundamental para a prática psiquiátrica.* (Silveira, 1982, p. 98).

Nesse encontro, Nise recebeu de Jung a segunda chave. Com ela, Nise passou a aplicar o conhecimento do material mitológico ao estudo em série das imagens produzidas na STO, formando assim, uma base conceitual e metodológica mais consistente, que permitiu um salto qualitativo na sua prática profissional, conforme atesta o crescimento de sua produção teórica.

Em 1965 surgiu a *Quatérnio*, revista publicada pelo Grupo de Estudos C.G. Jung, que teve números subsequentes, embora não regulares, sendo o número 8, de 2001, o mais recente.

Foi instituído, em Julho de 1968, o Grupo de Estudos do Museu de Imagens do Inconsciente, que organizou diversos simpósios como: *A árvore* em maio de 68, *O mito de Dionysios* no ano seguinte, *A grande mãe* entre 20 e 28 de agosto de 1970 e *A esquizofrenia em imagens* em 1971.

Seu primeiro livro surgido em 1968 não poderia ser outro senão *Jung: vida e obra*, no qual Nise apresenta o autor e seus conceitos de forma criativa e acessível ao público em geral, sem perder o cuidado e a profundidade que a caracterizava.

Aos 70 anos, em 1975, Nise teve a sua aposentadoria compulsória no serviço público. Apesar da idade mantinha o espírito alerta de modo que, no dia seguinte, apareceu no Museu apresentando-se como a mais nova estagiária. Receosa com as ameaças que o acervo do Museu vinha sofrendo, organizou a Sociedade de Amigos do Museu de Imagens do Inconsciente, que em sua primeira iniciativa apoiou o evento do centenário do nascimento de Jung, que foi amplamente comemorado no Rio de Janeiro, em São Paulo e em Belo Horizonte. O nome de Nise da Silveira já estava consagrado como a principal divulgadora da psicologia analítica no Brasil.

A carreira profissional da psiquiatra alagoana não parou aí. Nise seguiu dando vazão a sua energia e criatividade. Continuou produzindo e incitando os que viviam a sua volta a participarem de seus projetos que não foram poucos e que não tivemos a pretensão de esgotar neste trabalho.

Nise foi alguém que sempre conseguiu aglutinar pessoas em torno de si, possivelmente em função de seu posicionamento claro e firme em relação aos seus princípios e pela possibilidade de ter no afeto o seu principal canal de relação com o mundo. Além dos muitos amigos e colaboradores que Nise teve para ajudar na sua empreitada, ela obteve outras formas de reconhecimento pelo seu trabalho, como por exemplo os muitos prêmios, títulos e homenagens que recebeu dos mais diversos setores da sociedade<sup>30</sup>. Políticos, artistas e acadêmicos souberam perceber o valor que esta pequena-grande mulher tem para o nosso país. O

mesmo pode se falar dos psiquiatras. Apesar disso, Nise comentava sobre a falta de reconhecimento que ela sentia em relação aos seus pares, como mencionamos no início de nossas considerações. Ela dizia: “Nunca me fizeram a pergunta o que eu desejaria: Onde estão os homens e as mulheres que pintam essas obras?”

Em 15 de fevereiro de 2005, data em que Nise completaria cem anos de seu nascimento, em fase de finalização deste texto eu me pergunto: onde está Nise da Silveira?

Uma resposta possível vem da lembrança de uma conversa com Luiz Valcazaras<sup>31</sup>: ela foi levar as cartas a Spinoza...

Enquanto isso, diversos colaboradores continuam por aqui envolvidos em atividades que seguem os caminhos abertos por Nise da Silveira<sup>32</sup>.

---

<sup>30</sup> Vide relação de homenagens no anexo 2.

<sup>31</sup> Luiz Valcazaras é diretor de teatro e autor da peça “Anjo Duro”, sobre Nise da Silveira.

<sup>32</sup> Para os interessados em conhecer mais sobre Nise da Silveira, vide relação de suas publicações, assim como de textos escritos sobre a sua pessoa, que consta no anexo 2.

Pethö Sándor<sup>33</sup>



(1916 – 1992)

O Instituto Sedes Sapientiae, de São Paulo, é uma importante referência para pessoas que buscam conhecer a psicologia analítica de Carl Gustav Jung. Entre uma variedade de cursos que oferece, abordando diversos pontos de vista teóricos, temos, em 2004, pelo menos sete nesta perspectiva, destacando-se dois deles em nível de especialização. Além disso, o grupo do Sedes, responsável pelas atividades ligadas a essa disciplina, vem realizando encontros anuais para discutir temas relacionados à Psicologia Analítica e edita duas revistas, *Hermes* e *Jung e Corpo*, ambas de frequência anual.

O Instituto Sedes Sapientiae tem uma longa história. A sua origem pode ser localizada em 1933, quando as Irmãs da Congregação de Nossa Senhora – Cônegas de Santo Agostinho decidiram fundar o Instituto Superior de Pedagogia, Ciências e Letras. Entre os anos de 1944/5, já com o nome de Sedes Sapientiae, o Instituto se estruturou como Faculdade de Filosofia Ciências e Letras e em 1947 foi anexada, como faculdade agregada, à Pontifícia Universidade Católica - PUC-SP. A

---

<sup>33</sup> Em húngaro coloca-se o sobrenome em primeiro lugar, assim Pethö é o nome de família e Sándor o nome próprio, que no Brasil se traduz como Alexandre.

integração da Faculdade Sedes Sapientiae à PUC-SP, só ocorreu em 1971 após a reforma universitária proposta, em 1968, pelo governo militar em meio às lutas do movimento estudantil contrárias à ditadura. A Clínica Psicológica Sedes Sapientiae foi excluída desse processo de integração e permaneceu desenvolvendo suas atividades tendo Madre Cristina Sodré Dória como diretora. Em 1977 a Clínica ganhou novas instalações, com a construção do atual Instituto Sedes Sapientiae que surgiu, neste ano, segundo discurso de inauguração proferido por Madre Cristina, como “um espaço aberto aos que quiserem estudar e praticar um projeto para a transformação da sociedade, visado atingir um mundo onde a Justiça Social seja a grande lei” (Arantes, 1998).

Em 1981, a convite de Madre Cristina, o doutor Pethö Sándor iniciou suas atividades no Instituto Sedes Sapientiae e, segundo Agnes Geöcze<sup>34</sup>, foi aí que Sándor “estourou totalmente”. A sua ida para o Sedes foi um marco importante para a difusão do seu trabalho, tanto que o grupo que se formou em seu redor continua a desenvolver suas atividades nesta instituição.

Esse movimento, porém, foi fruto de uma trajetória que vale a pena ser conhecida, pois o trabalho de Sándor tinha características peculiares que devem ser vistas a partir do percurso deste médico húngaro que chegou ao Brasil em 1949.

Nascido em 1916, filho de um juiz de direito, viveu em um ambiente cultural estimulante. “A formação dele era para ser cantor de ópera” relata Maria Luiza Simões<sup>35</sup>, tentando lembrar o nome do professor de canto de Sándor, de quem possui um long-play. Em 1943, formou-se médico obstetra e ginecologista pela Faculdade de Medicina de Budapeste, época em que a 2ª Grande Guerra assolava a Europa.

---

<sup>34</sup> Em depoimento ao autor, em 21/05/2004. Agnes Geöcze é filha de criação e importante colaboradora de Sándor, que conheceu desde os 13 anos, quando suas respectivas famílias se retiraram, em fuga, da Hungria com a chegada das tropas Russas, em 1945.

<sup>35</sup> Em depoimento para o autor em 30/04/2004. Maria Luíza Simões foi esposa de Sándor.



A chegada das tropas russas na Hungria, em 1945<sup>36</sup>, fez com que muitos moradores deixassem seus locais de origem, em função “dos russos que estavam maltratando muito, principalmente as mulheres” conta Agnes Geöcze, filha de uma das numerosas famílias que embarcaram em um trem em busca de um lugar mais seguro naquele final de abril, véspera do final da guerra. Agnes, na ocasião com 13 anos de idade, relembra que “para escapar disso, a gente foi na primeira vez para a Áustria, depois fomos para a Tchecoslováquia, onde ficamos durante mais ou menos duas a três semanas, ...foi muito tumultuado, várias vezes quase fomos capturados, vários vezes quase fomos bombardeados... quando chegamos na Alemanha, os exércitos abriam e roubavam tudo... a gente ficou sem um monte de coisas...”. O trem em que estavam, já na Alemanha, ficou parado em uma estação por não ter ninguém para tirá-lo dali. Com dois ou três dias sem ter o que comer, resolveram cozinhar em um dos vagões. Sándor e sua família faziam parte daquele grupo que embarcou no trem fugindo da Hungria. Enquanto alguns acendiam o fogo para preparar a comida, ele desembarcou para pegar água. A fumaça desprendida do vagão onde se cozinava chamou a atenção dos aviões americanos que já operavam praticamente vitoriosos na Alemanha. O trem foi metralhado. Sándor, o único médico presente, voltou para acudir os inúmeros mortos e feridos, entre eles seu pai e sua mãe. Agnes conta que, quando Sándor viu a gravidade dos ferimentos de seus pais, teria dito “quanto a estes não posso fazer mais nada, tragam-me os outros”. Só após ter trabalhado exaustivamente naquele dia, é que se permitiu um momento de retiro.

---

<sup>36</sup> Durante a 2ª Guerra a Hungria, juntamente com a Romênia, Bulgária e Eslováquia, se alinhou aos países do Eixo – Alemanha, Itália e Japão. Foi invadida durante a contra-ofensiva Russa e, com o final da guerra, passou a integrar os países da Cortina de Ferro, sob a influência de Moscou.

A guerra terminou, mas a condição de refugiados permaneceu para aqueles que preferiram não voltar à Hungria ocupada pelos russos. Vivendo em condições precárias na Europa destruída pela guerra, Sándor teve outra perda. Sua esposa veio a falecer aos 26 anos, deixando dois filhos pequenos, de dois e três anos. Buscou, então, uma família conhecida para ajudá-lo naquela situação e, juntos, passaram por diversos campos de refugiados até 1949, quando emigraram para o Brasil<sup>37</sup>.

Como uma pessoa, cuja sensibilidade vinha sendo estimulada pelo estudo da música lírica, pôde se deparar com perdas como as que Sándor teve neste curto intervalo de tempo? Não podemos deixar de pensar o quanto tais vivências marcaram e influenciaram a sua maneira de ser.

Pessoas próximas a Sándor descrevem-no como alguém que não fazia concessões. Tal característica pode ser sentida como uma certa “rudeza” no trato pessoal que, por vezes, Sándor deixava transparecer, e que fazia dele uma pessoa seletiva em relação aos que buscavam aproximação. Um exemplo desta particularidade pode ser visto no relato de Maria Luiza Simões sobre o seu primeiro contato, em uma entrevista, com aquele que viria a ser seu companheiro afetivo:

*ele cumprimentou:*

*- O que veio ela fazer aqui?*

*Eu falei:*

*- Sabe, doutor, depois de eu ter a entrevista nós [ela e a sobrinha] vamos passear um pouco na rua Augusta...*

*Então:*

*- Passe bem, vá passear na rua Augusta, volte a semana que vem.*

*Este era o Sándor: tire o lenço, não fume aqui dentro, o que veio fazer a sua sobrinha...e vá embora...vá embora...*

*Isso era o Sándor!...Se a gente agüentava, eu acho que dentro dele ele "dava o passaporte"[Querendo dizer que se ela suportasse esse tipo de tratamento, então poderia ser recebida por ele].*

---

<sup>37</sup> Após a 2ª Guerra Mundial, o Brasil recebeu a terceira leva de imigrantes húngaros. Antes dessa houve a primeira, em 1890, e a segunda após a 1ª Guerra Mundial. Houve ainda uma quarta oportunidade para a imigração húngara após o levante popular contra a ocupação soviética de 1956.

Profissionalmente, ainda na Europa, Sándor trabalhou como médico nos campos de refugiados em que permaneceu. Em texto onde apresenta a calatonia ele relata que:

*num hospital da Cruz Vermelha foram atendidas as mais diferentes queixas na fase pós-operatória, desde membros fantasmas e abalamento nervoso, até depressões e reações compulsivas. Percebeu-se então que, além da medicação costumeira e dos cuidados de rotina, o contato bipessoal juntamente com a manipulação suave nas extremidades e na nuca, com certas modificações leves quanto à posição das partes manipuladas, produzia descontração muscular, comutações vasomotoras e recondicionamento do ânimo dos operados, numa escala pouco esperada (...). Aplicava-se a mesma técnica às pessoas deslocadas que se preparavam para emigração e na população abalada e constrangida, mas desta vez, não em clínicas cirúrgicas, mas em pacientes das áreas psicológica ou neuropsiquiátrica (Sándor, 1972b, pp. 92/93).*

É interessante trazer as palavras do criador da calatonia, que relatam a origem da técnica de trabalho corporal que ele iria aprimorar e difundir no Brasil. De início, chama atenção o fato de ele mencionar o contato com seus pacientes como sendo “bipessoal”, como se fizesse questão de enfatizar um tratamento especial presente em suas consultas, que se davam nas condições severas como a de um hospital de refugiados em um pós-guerra. Outro ponto que vale a pena abordar é a descoberta que ele fez, e que o levaria a formular a proposta de seu método de trabalho corporal. Tal achado se deu através de “manipulações suaves” em determinadas partes do corpo dos pacientes. A imagem de caos que sugere o ambiente de trabalho de um médico nas condições em que Sándor atuou nesse período parece pouco favorável, não só ao tipo de contato pessoal com o paciente, conforme ele propõe, como também para observar as sutilezas decorridas de intervenções chamadas de manipulações suaves. A própria palavra “suave” parece destoar do contexto “hospital de um campo de refugiados”. Porém, a existência da calatonia enquanto método caracterizado por “toques sutis” (Delmanto, 1997, p.15) é a prova de que Sándor pôde constituir um espaço para continuar a exercer a sua sensibilidade mesmo em situações desfavoráveis.



Uma frase atribuída a ele por alguns de seus ex-alunos, dita como se falasse de uma “filosofia” que permeava as atitudes de Sándor, é de que o objetivo da vida é a aceitação total da sobrecarga e a consciência da absoluta insegurança da vida. Nada mais coerente com a história de alguém que conviveu com situações adversas como as que acabamos de relatar e seguiu adiante no seu caminho durante o qual pôde, entre outras coisas, desenvolver iniciativas que fazem parte da psicologia analítica brasileira.

O trabalho que é desenvolvido hoje no Sedes, com base nos ensinamentos de Sándor, apresenta o que podemos considerar uma síntese, fruto deste percurso peculiar descrito até aqui. Tanto o título de um dos cursos de especialização como o nome de uma das revistas publicadas pelo grupo que deu continuidade aos ensinamentos de Sándor falam de conjugação entre corpo e Jung<sup>38</sup>. A origem do chamado “corpo” pode ser facilmente localizada tanto na sua formação universitária, como na sua prática profissional no pós-guerra. Mas e o “Jung”, como chegou a Sándor?

Não sabemos se Sándor leu Jung durante a universidade. É possível especular que sim, dado o intercâmbio cultural e a tradição de formação geral que havia na Europa. Sándor dominava várias línguas estrangeiras, como o alemão, o inglês, o grego, o latim, além do húngaro, sua língua natal. Porém sua formação médica foi em ginecologia e obstetrícia e não sabemos se havia textos de psicologia ou psiquiatria em seu currículo. As informações obtidas a respeito do seu contato com Jung fornecem algumas pistas: a família em que Sándor buscou ajuda, após a perda de sua esposa, era conhecida de seus pais e estava naquele mesmo trem que fugiu da Hungria. Jozseph Buydos, juiz de direito que havia trabalhado com o pai de Sándor, e sua esposa Irene, eram astrólogos e estudiosos de esoterismo e iniciaram Sándor nesse campo. Farah (s.d.) menciona que nessa ocasião Sándor já tinha interesse em psicologia profunda, porém não tivemos confirmação desta informação. No entanto, sabemos que estas áreas do

---

<sup>38</sup> Curso “Psicoterapia de orientação junguiana coligada a técnicas corporais”, “Cinesiologia psicológica – Integração físico – psíquica” e revista *Jung e corpo*.

conhecimento foram estudadas por Jung<sup>39</sup>. Existe ainda uma passagem mencionada nos depoimentos de Geöcze e de Simões, que conta que o grupo húngaro permaneceu em um local referido como “vitrine”, que fazia parte de um prédio abandonado em que ficaram acomodados por algum tempo. Maria Luíza e Agnes lembram que Sándor comentava esse período quando teve “todo o tempo do mundo para ler”, para justificar o fato de ter lido oito vezes um livro de Jung. Além disso, contam que Sándor teria tentado ir para a Suíça por duas vezes nesse meio tempo, tendo sido impedido de entrar no país por não ter passaporte. Tais dados não permitem situar com precisão quando Sándor começou a estudar Jung, porém indicam que nos primeiros anos em que esteve na condição de refugiado (1945-9), já havia um contato do médico húngaro com a psicologia analítica. Foi Jung quem forneceu o embasamento teórico para as reflexões de Sándor sobre as manifestações psíquicas que emergiam de seus pacientes nestes primórdios do que viria a ser a calatonia.

A adesão de Sándor aos postulados junguianos é inquestionável. No entanto, se fôssemos nos deter apenas em seus escritos publicados, a sua inclinação ao psicólogo suíço não fica tão evidente - talvez ‘sutil’ fosse o termo mais adequado em se falando de Sándor. Na “Introdução” do *Boletim de Psicologia* (1972a, pp. 4-10) ele apresenta o relaxamento como “um método de recondicionamento psico-fisiológico” (p. 4) e segue descrevendo “três exemplos marcantes quanto à utilização das idéias ou práticas de tensão e distensão (relaxação)” (p. 5). Após descrever a “psicoterapia biônoma de Schultz” (p. 5), a “terapia comportamental” (p. 6) e a “psicologia profunda” (p.8), afirma que a “terapia orgânica e a comportamentalista podem ser combinadas com criteriosidade prudente, mesmo que as premissas e fundamentações sejam bem diferentes”. Logo adiante continua falando do intercâmbio entre a terapia

---

<sup>39</sup> Toda a psicologia de Jung tem como um dos seus principais pressupostos a existência do inconsciente, o que caracteriza as abordagens da chamada psicologia profunda. Além disso os primeiros estudos psiquiátricos de Jung versam sobre os fenômenos chamados ocultos (Jung, 1902/1993). Nos seus trabalhos podem, também, ser encontradas menções à gnose, por exemplo em publicações sobre alquimia, de 1935-6 (Jung, 1943/1991) e astrologia (Jung, 1950/1984b).

comportamental e a psicanálise, entre as quais, através da “pluralidade nosológica, da pluralidade metodológica e da pluralidade das indicações, poderá haver uma aproximação sem aquela controvérsia confessional que arroga incondicionalmente a exclusividade da razão” (p. 9). Parece que tal postura reflete o objetivo de Sándor, para quem o relaxamento é “um meio condicionador que – conforme nossa experiência comprova - permite que cada um vislumbre aquilo que está destinado a ser e ajuda a que se prepare para cumprir sua incumbência individual como unidade dentro de uma unidade maior” (p. 10). Tal objetivo tem forte semelhança com o conceito junguiano de individuação, apesar do mesmo não estar referido no texto.

Adiante, ainda neste *Boletim* em que apresenta a calatonia, Sándor (1972b) refere que “uma dissertação posterior tratará, em detalhes, da fundamentação teórica” (p. 93). No artigo seguinte, que julgamos ser essa “dissertação posterior”, Sándor (1992c) faz uma revisão da literatura em torno do tema, citando diversos teóricos da psicologia como: Freud, Görres, Hengstmann, Heyer, Jaspers, Jung, Kretschmer, Lerner, Reich, Schultz e Wolberg. Porém, não se observa uma adesão explícita a qualquer destes autores, a não ser no final, quando conclui discorrendo sobre a finalidade do surgimento das imagens calatônicas que, “como Jung diria – constelam as respectivas esferas vivenciadas, as potencialidades” (p. 110). Logo a seguir, menciona o “intercâmbio compensador e complementar (sic) entre o consciente e o inconsciente” (p. 110), que reflete um fundamento importante do pensamento junguiano sobre a dinâmica da psique, sem no entanto existir tal menção. A opção teórica junguiana, para fundamentar a abordagem psicológica da calatonia, aparece mais clara e explicitamente nos artigos que fazem parte desta mesma publicação (Sociedade de Psicologia de São Paulo, 1972), cujos autores<sup>40</sup> compunham o “Grupo dos Sábados”, coordenado por Sándor e voltado para “estudos jungueanos e questões atuais da psicologia em desenvolvimento” (p. 119). Essa diferença na maneira de tratar a opção por uma abordagem teórica nos

---

<sup>40</sup> Os outros autores que contribuem com capítulos deste livro são: Bonilha, L.C., Ferreira, L.M., Mauro, B.H.M., Santis, M.I., Simões, M.L.A. e Yamakami, S.

textos analisados não quer dizer que existia uma vertente teórica do “Grupo de Sábados”, paralela à de seu coordenador. Pelo contrário, esse grupo formado em torno de Sándor buscava, entre outras coisas, o acesso aos conhecimentos que o mesmo detinha sobre os conceitos junguianos. Assim como esse, vários outros grupos buscaram a orientação do dr. Sándor para o estudo da psicologia analítica, demonstrando que mesmo que Sándor fosse sutil na afirmação publicada de sua opção teórica, ela não era segredo para ninguém.

Pode-se dizer que a síntese característica de Sándor representada pelo binômio Jung e corpo já estava delineada quando deixou a Europa, porém o seu percurso profissional em nosso país começou em outra área.

Inicialmente, após sua chegada ao Brasil em 1949, Sándor foi trabalhar como laboratorista na Nitroquímica, sediada em São Miguel Paulista. Não pôde exercer a profissão médica, já que o reconhecimento pelas autoridades brasileiras do seu diploma de médico implicava em exigências que fizeram com que Sándor desistisse de atendê-las<sup>41</sup>. Paralelamente ao seu trabalho na empresa, o imigrante recém chegado teria iniciado diversas atividades junto à comunidade húngara em São Paulo. Seus familiares disseram que ele deu palestras, escreveu artigos no jornal da comunidade, coordenou grupos de escoteiros, encenou peças teatrais, entre outros<sup>42</sup>. Através deste contato, Sándor passou a ser uma referência médica para seus conterrâneos, ainda que não tivesse regularizado sua situação profissional como médico no país. Em meados de cinquenta, já havia instalado sua primeira clínica, localizada na rua Augusta, 1840. Sua atividade neste campo cresceu e se direcionou para a calatonia, ficando cada vez mais caracterizada como uma abordagem psicoterápica.

---

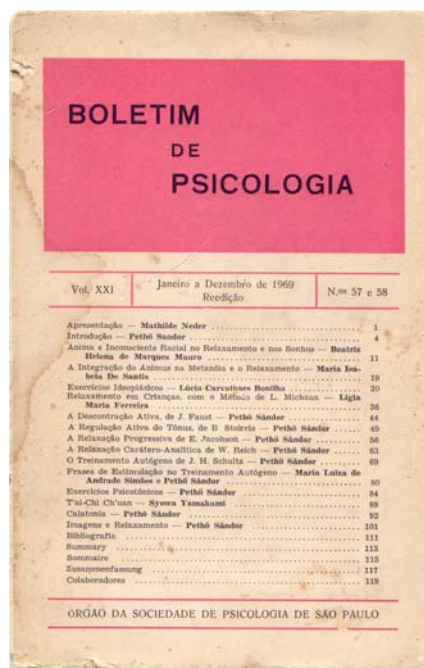
<sup>41</sup> Outros médicos que emigraram para o Brasil na mesma época tiveram muitas dificuldades neste processo, como Enzo Azzi, cujo processo de validação teria levado cerca de vinte anos. O mesmo se deu com Myra y Lopez que só conseguiu postumamente autorização para o exercício da profissão.

<sup>42</sup> Entramos em contato com a Associação Beneficente 30 de Setembro e com a Casa Húngara, instituições da comunidade húngara, para levantar material sobre essas informações, o que não foi possível. Conseguimos localizar os números antigos da Gazeta Húngara, na biblioteca do Mosteiro São Geraldo de São Paulo, dos quais examinamos exemplares publicados nas décadas de 1950 e

No início dos anos sessenta, Sándor já atendia pessoas ligadas à Faculdade de Filosofia Ciências e Letras São Bento, PUC-SP. Algumas de suas clientes, no entanto, queriam estudar e saber mais sobre o que estavam vivenciando no seu trabalho pessoal, dando início à formação dos primeiros grupos de estudo em psicologia analítica coordenados por dr. Sándor.

Ao final da década, “buscando atender às necessidades e solicitações do nosso meio” (Neder,1972a, p. 1), a Sociedade de Psicologia de São Paulo (SPSP) realizou o primeiro curso aberto ao público sobre relaxamento, que contou com 170 participantes, entre estudantes e profissionais da psicologia, medicina, terapia ocupacional, fonoaudiologia, fisioterapia e outros.

O conteúdo deste curso foi publicado no Boletim de Psicologia em 1969 (nº 57 e 58), reeditado em 1972. O único livro publicado com textos de Sándor<sup>43</sup> é, excluindo a apresentação da presidente da SPSP, uma reprodução deste Boletim. Tal informação, no entanto, não aparece na publicação da Vektor.



Consta que existem outros textos de sua autoria, inclusive diversas traduções para o português de textos Jung<sup>44</sup>. Sándor, porém, era contrário à publicação dos mesmos contribuindo para uma imagem de “fechamento” que existia em torno de sua pessoa.

60. Nesses encontramos uma única referência à Pethö Sándor, nas publicações dos dias 8 e 13 de março de 1953 quando ele comunicou sua mudança de endereço para a rua Augusta, 1840.

<sup>43</sup> Sándor, P., Bonilha, L.C., Ferreira, L.M., Mauro, B.H.M., Santis, M.I., Simões, M.L.A. e Yamakami, S. (1974).

A Sociedade de Psicologia de São Paulo, responsável pelas iniciativas acima, tinha como presidente para o biênio 1969-1970 a dra. Mathilde Neder, que era também professora do curso de Teoria e Prática de Psicoterapia Infantil, no 5º ano de graduação do curso de psicologia da Faculdade de Filosofia Ciências e Letras São Bento<sup>45</sup>. Ao avaliar o seu curso, a dra. Neder constatava "o grave problema de insuficiência de informação prévia dos alunos...Após os entendimentos necessários, professores de disciplinas relacionadas assumiram, embora parcialmente, responsabilidade de abordagens prévias, necessárias ao desempenho de nosso programa" (Neder, 1972b: I/II). Em março de 1971, o dr. Pethö Sándor foi contratado pela Fundação São Paulo, para dar aulas na Faculdade de Ciências e Letras São Bento, abordando as disciplinas de Integração Psicofísica e Psicologia Profunda. Nos anos seguintes sua carga horária aumentou para 30 horas semanais, e gradativamente passou a lecionar outras disciplinas como: Teorias e Técnicas Psicoterápicas, Integração Psicofísica e Profilaxia, Reações Neuróticas, Psicologia do Adolescente, TTP Adulto e TTP Adolescente, Sono e Sonho e Reações Conflituais.

Suas atividades na graduação da Psicologia da PUC se estenderam até 1975, conforme atesta sua carta de demissão de 17 de dezembro que teria sido motivada por conflitos internos. Sándor se sentira prejudicado na distribuição da grade horária das suas aulas. Além disso, existia uma certa divergência de cunho político no corpo docente da Faculdade, entre a visão de alguém que deixou o seu país invadido por tropas russas e uma perspectiva de esquerda que predominava em alguns grupos identificados com a luta contra a ditadura militar de direita que governava o país, conforme comentaram pessoas que conviveram com Sándor neste período. Esse episódio não significou, entretanto, o afastamento de Sándor da PUC, já que neste ano de 1975 teve início o Curso de Especialização em

---

<sup>44</sup> Consta que o grupo do Sedes, que segue o trabalho de Sándor, vem reunindo o material produzido por ele com intenção de publica-lo.

<sup>45</sup> A PUC-SP, criada em 1946, teve o seu Instituto de Psicologia criado em 1950, por Enzo Azzi, que criou também, na Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de São Bento dessa Universidade, em

Psicoterapia de Crianças e de Adolescentes<sup>46</sup> nesta instituição, sob a coordenação de Mathilde Neder.

O curso de especialização tinha como objetivo formação teórica e prática a psicoterapeutas de crianças e de adolescentes, e abordava diferentes linhas teóricas da psicologia: análise transacional, gestalt, psicanálise, psicodrama e psicologia analítica. Para essa última o programa contava com dois professores: Maria Isabela de Santis e Pethö Sándor. Inicialmente programado para dois anos, esse prazo de duração foi ampliado para três anos em 1977, quando recebeu sua terceira turma. Na ocasião Sándor já ocupava o papel de sub-coordenador do curso. O seu nome aparece entre os professores até 1980, quando se deu o seu desligamento desta instituição.

A sua passagem pela PUC influenciou a constituição daquele que pode ser considerado um dos principais centros de formação junguiana nas universidades brasileiras. Os cursos de psicologia analítica ministrados na pós-graduação e na graduação da PUC-SP são muito respeitados pela qualidade que seu corpo docente imprime no seu trabalho. Desta instituição saíram muitos profissionais que têm atuação destacada na comunidade junguiana nacional e internacional<sup>47</sup>. E o curso de pós-graduação da PUC-SP foi o primeiro de psicologia analítica, em nível de mestrado e doutorado, que iniciou suas respectivas primeiras turmas em 2003.

Ao deixar a PUC, Sándor passou a se dedicar mais intensamente às atividades no Instituto Sedes Sapientiae, onde já participava em atividades ligadas à psicomotricidade, local em que também havia o curso de Terapia Psicomotora. Esse curso vinha sendo dado na Faculdade de Filosofia Ciências e Letras Sedes Sapientiae desde os anos 60 e após a fusão com a PUC-SP continuou a ser

---

1963, o curso de Psicologia, em seguida à regulamentação da profissão de psicólogo no país. À época da chegada de Sándor na PUC-SP, Enzo Azzi dirigia também a FFCL São Bento.

<sup>46</sup> Informações constam no documento "Planejamento do Curso de Especialização em Psicoterapia de Crianças e de Adolescentes" arquivado na Secretaria Geral de Registro Acadêmico – SEGRAC da PUC-SP.

<sup>47</sup> A coordenadora do Núcleo de Estudos Junguianos do Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia Clínica da PUC-SP, dra. Denise Ramos, estudou com Sándor e fez parte do grupo que lecionou no Curso de Especialização coordenado pela Dra Neder. Entre outras atividades,

lecionado na Faculdade São Bento, assim como se criou uma modalidade de especialização no novo Instituto Sedes Sapientiae. Após alguns anos de existência, esse programa de especialização optou pela orientação junguiana entre as diferentes abordagens psicológicas representadas por seus professores, “uma linha de psicologia profunda que permite compreender o indivíduo naquilo que lhe é mais particular mas, ao mesmo tempo, inserindo-o como ser humano num contexto mais amplo e coletivo” (Instituto Sedes Sapientiae, 1998, p. 61). Em meio a esse processo de reformulação, o curso passou a “contar como professor convidado, com o dr. Pethö Sándor” (Bittencourt, 2001, p. 8).

No curso de Terapia Psicomotora, Sándor criou a disciplina intitulada Cinesiologia Psicológica que em 1984 se tornou um programa independente, de onde se originaram diversas outras atividades, entre elas dois cursos oferecidos pelo Sedes em nível de especialização: Cinesiologia Psicológica – Integração Psicofísica e Psicoterapia Junguiana Coligada a Técnicas Corporais. O primeiro tem entre seus professores o neto de criação de Sándor, János Andeas Geöcze. Parte do grupo ligado a esse curso lançou, em 1996, a revista *Hermes*, com o objetivo de “propiciar um espaço informal para a expressão de novas idéias, interesses e possíveis desenvolvimentos do processo de estudos e trabalho compartilhado no Instituto Sedes Sapientiae” (Curso de Cinesiologia do Instituto Sedes Sapientiae, 1996, p. 5).

O grupo ligado ao outro curso de especialização mencionado vem publicando anualmente, desde 2001, a revista *Jung e Corpo*, ano em que se iniciaram encontros de alunos e ex-alunos e que vem se repetindo anualmente, tendo em 25 de setembro de 2004 ocorrido o IV Encontro “Jung e Corpo”, reunindo cerca de 180 participantes.

Os cursos mencionados, assim como outras atividades atualmente oferecidas pelo Instituto Sedes Sapientiae, foram desdobramentos das atividades

---

atualmente é profa. da PUC-SP, foi vice-presidente da IAAP – International Association for Analytical Psychology, durante o período entre 2001-2004.



que Sándor desenvolvia, tendo sido assumidas ou criadas, após o seu falecimento, por diversos profissionais que mantinham estreita colaboração com ele.

Sándor e sua companheira Maria Luíza Simões possuíam um sítio em Pocinhos do Rio Verde, perto de Poços de Caldas – MG, para onde iam desde o final dos anos 70, quando tomavam o ônibus às sextas feiras à tarde, retornando no domingo, rotineiramente por muitos finais de semana. Igualmente tal trajeto se dava durante os meses de julho e janeiro, nesses, porém, com estadias alongadas. E naquela passagem de 1991 para 92 não foi diferente, exceto pelo fato de Sándor ter notado a presença de Saturno em determinado local de seu mapa astral que indicava profundas transformações para aquele janeiro que se aproximava. Foram para Pocinhos perto do natal e, segundo Maria Luíza, passaram cinco semanas maravilhosas. Sándor estava trabalhando em um texto onde fazia reflexões que relacionavam Santo Inácio e Jung. Na noite de 27 de janeiro foi deitar-se um pouco mais cedo do que era seu costume alegando certo cansaço. No dia seguinte, uma terça feira, Pethö Sándor não atendeu ao chamado de Maria Luiza para o café da manhã. Faleceu vítima de problemas cardiovasculares. Em meio a tristeza e surpresa diante de tal fato, uma frase veio no pensamento de sua companheira: “Quando o coração chora pelo que perdeu, o espírito ri pelo que encontrou”.

Apresentaremos no anexo 3 alguns frutos da sementeira deste pioneiro da psicologia analítica no Brasil.



## Léon Bonaventure



Léon Bonaventure, belga, foi padre, é doutor em psicologia, membro da Sociedade Internacional de Psicologia Analítica, formado pela *École Pratique des Hautes Études*, Paris e pelo Instituto de Filosofia e Psicologia de Louvain onde esteve no final dos anos cinqüenta, quando já havia deixado a batina. Pouco depois esteve em Zurique freqüentando o Instituto C.G.Jung indo, em seguida, para a França fazer seu doutorado na Sorbone (Paula, Alves e Furletti, 2002<sup>48</sup>, p. 4; Kirsh, 2000, p. 195). Lá conheceu Jette Ronning, dinamarquesa cujos pais moravam no Brasil, onde tinham uma empresa farmacêutica. Jette já havia passado pela PUC-SP quando veio para o Brasil em 1964 cuidar da cadeira de psicologia do desenvolvimento a convite de Enzo Azzi, diretor do Instituto de Psicologia da Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de São Bento – PUC/SP. Jette havia se formado em filologia românica pela Universidade de Copenhague e em Psicologia pela Sorbone, onde estudou com Piaget. A prisão de colegas seus durante o início do golpe militar no Brasil no ano de sua chegada fez com que Jette voltasse para a Sorbone para fazer seu doutorado (depoimento pessoal, 5/11/2004).

Casaram-se e em 1967 tomaram o navio com destino a Brasil. Durante o tempo de escala no Rio de Janeiro, Léon teve seu "primeiro encontro com o Brasil

ao visitar a Dra. Nise da Silveira” (Bonaventure, 2001, p. 122), de quem já ouvira falar quando esteve na Suíça como “uma psiquiatra muito considerada pelo próprio Dr. Jung que a tinha elogiado pelo seu grande valor” (op. cit., p. 122). O casal Bonaventure veio morar em São Paulo, onde Jette retomou algumas atividades na PUC-SP junto com o professor Gaudêncio. Interessada em Jung, foi fazer análise no Rio de Janeiro com Carlos Byington, analista formado pelo Instituto C.G. Jung de Zurique.

Léon iniciou sua carreira profissional, como analista junguiano em São Paulo, dando palestras no Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina da USP e na PUC – SP. Em dois meses seu consultório estava lotado, apesar da pouca familiaridade com a nossa língua (depoimento pessoal, 4/11/2004).

Léon Bonaventure investiu em diversas iniciativas para divulgar a psicologia analítica em seu novo país. Em 1972 foi o responsável pelo lançamento do terceiro livro de Jung traduzido para o português, *Fundamentos da Psicologia Analítica*<sup>49</sup>. Essa publicação daria início à tradução, no Brasil, dos dezoito volumes das Obras Completas de C.G.Jung, pela Editora Vozes, sob responsabilidade da comissão formada por Dr. Léon Bonaventure, Dr. Leonardo Boff, Dora Mariana Ribeiro Ferreira da Silva e Dra. Jette Bonaventure.

Em 1975, Léon coordenou a organização das comemorações ao centenário do nascimento de Jung, em São Paulo, patrocinado entre outros pelo Consulado Geral da Suíça em São Paulo. Esse evento representa um marco importante na psicologia analítica no Brasil, pois congregou publicamente, pela primeira vez, em um evento, diversos brasileiros que vinham se dedicando aos estudos da obra de Jung, entre eles um



<sup>48</sup> Entrevista publicada no *Jornal Sonhos nº 18*, cujo arquivo eletrônico foi gentilmente cedido pelo editor Fernando Rocha Nobre

<sup>49</sup> Traduzido por Araceli Elman, com prefácio e introdução de Léon Bonaventure, publicado pela Editora Vozes.

grupo de analisandos de Léon que assumiu a maior parte das palestras do evento.

Nele participaram ainda pessoas ligadas ao Museu de Imagens do Inconsciente, à Casa das Palmeiras. Contou ainda com a participação de Carlos Byington, que foi, então, convidado pelo grupo paulista que fazia análise com Léon, para coordenar seminários de estudos sobre psicologia analítica (Museu de Arte de São Paulo, 1975).

Pouco tempo depois vieram ao Brasil, a convite de Bonaventure, alguns junguianos do Instituto de Zurique, com o objetivo de dar palestras, supervisões e incrementar o contato entre os junguianos dos dois países. O primeiro foi Robert Stein de Los Angeles; em seguida veio o presidente da Sociedade Internacional de Psicologia Analítica – IAAP, Adolph Guggenbühl-Graig de Zurique (Sociedade Brasileira de Psicologia Analítica, 1983).

O grupo de analisandos de Léon havia se ampliado com a entrada de alguns profissionais brasileiros que haviam estudado psicologia analítica no exterior, quando começaram as conversas para a fundação de uma instituição junguiana em nosso país. O projeto inicial de Léon era criar um instituto de formação de analistas aberto a diversos profissionais, o que recebia objeções de Byington que defendia a restrição da função de analista a psicólogos e psiquiatras. Esse conflito acirrou-se de tal forma que tornou impossível a convivência dessas duas lideranças, culminando em um rompimento, com o afastamento de Bonaventure do grupo criado por ele. Esse grupo<sup>50</sup>, sob a liderança de Byington, veio a fundar, em março de 1978, a Sociedade Brasileira de Psicologia Analítica, a primeira instituição brasileira voltada ao ensino e à formação de analistas junguianos reconhecida pela IAAP (Motta, 2003b).

Esse processo de formação da SBPA foi conflituoso e desgastante, tendo deixado marcas profundas nos envolvidos. Possivelmente foi essa uma das

---

<sup>50</sup> O grupo de fundadores da SBPA é composto por: Carlos Amadeu Botelho Byington (RJ), Carlos Roberto Martins Lacaz (SP), Frederico Lucena de Menezes (SP), Glauco José Rizzardo Ulson (SP), Iraci Galiás (SP), José James de Castro Barros (MG), Maria de Lourdes Felix Gentil (SP), Mery Rosembliit (SP), Nairo de Souza Vargas (SP) e Walter Fonseca Boechat (RJ).

motivações para que Bonaventure retornasse para a Bélgica onde permaneceu por alguns anos. No seu retorno para o Brasil, adotou uma postura mais reclusa que mantém até os dias de hoje.

Quando iniciamos esta pesquisa, havia uma expectativa em relação a Bonaventure, por ser ele o único dos que consideramos pioneiro que está vivo. Seria uma oportunidade de poder ouvir parte da história da psicologia analítica no Brasil diretamente de um dos seus protagonistas. Entretanto, a reclusão de Bonaventure ainda permanece e ele não se dispôs a atender a nossa solicitação. A sua alegação se baseou na falta de tempo e de energia de uma pessoa de sua idade para atender a todas as solicitações que chegam para ele. Em relação às perguntas que lhe enviamos, disse que já haviam sido feitas inúmeras vezes, porém ele nunca se dispusera a respondê-las. Solicitou igualmente à sua esposa que não se manifestasse sobre o assunto.

Os poucos dados de que dispomos sobre Bonaventure nos levam a confirmar a sua condição de pioneiro da psicologia analítica no Brasil, porém, não permitem que tenhamos condições de atender aos objetivos que propusemos para esta pesquisa. Podemos, quando muito, especular sobre a pessoa de Bonaventure o que entretanto não condiz com o caráter desta pesquisa. Muito menos estaria de acordo com o respeito que dedicamos por estas pessoas sobre as quais buscamos conhecer um pouco mais para satisfazer nossa curiosidade sobre o nosso tema. Pesa ainda a posição de Bonaventure em não querer abordar o assunto, pelo menos por agora, conforme sua última resposta a uma de nossas solicitações:

*Prezado Sr. Arnaldo,  
A expressão brasileira "Se Deus quiser" tem para mim a mesma  
densidade e profundidade que para o homem brasileiro.  
Eu aprendi com o homem do campo que o pior que se pode fazer é  
querer interferir. Existe um tempo para tudo que simplesmente tem de  
ser respeitado.  
Atenciosamente  
Léon Bonaventure (Comunicação pessoal, 23/11/2004).*

Um pesquisador interessado em pessoas não poderia ignorar tal solicitação. Assim, decidimos que o pioneiro Léon Bonaventure não será contemplado em

nossas considerações finais mesmo que possamos citá-lo quando necessário. Relacionaremos no anexo 4, informações obtidas sobre suas iniciativas em nosso país.

## Capítulo 4

### Algumas considerações

Após discorrer sobre aqueles que consideramos os pioneiros da PA no Brasil é o momento de retomarmos nossas perguntas que deram base para a formulação do objetivo desta pesquisa para verificarmos até que ponto foram contempladas.

Qual é a história da psicologia analítica no Brasil?

Existem estudos/pesquisas nesta área?

Como se deu a constituição desta área em nosso país?

Quem são os seus pioneiros?

Como eles entraram em contato com a PA?

Quais foram suas contribuições para a constituição e o desenvolvimento da PA no Brasil?

Qual era o contexto em que tais contribuições se deram?

Qual é o panorama atual da psicologia analítica no Brasil?

Como o quadro atual da disciplina se relaciona com a contribuição dos seus pioneiros?

A história de uma disciplina não pode ser relatada. Pode parecer pouco estimulante deparar com tal afirmação no início das considerações finais em um trabalho que pretende abordar o tema em questão. Este posicionamento, entretanto, tem como base a compreensão de que a história é uma obra de autoria, sendo o seu autor uma pessoa com vontades, desejos e motivações particulares que estarão impregnados em seu objeto de trabalho. Além disso o historiador existe em um tempo e em um lugar que marcam a sua existência e, conseqüentemente, as suas realizações. Assim, não devemos falar da história da psicologia analítica no Brasil, mas de uma história produzida por este autor, neste ano de 2005, em São Paulo. Temos consciência de algumas características de nosso trabalho, sejam elas limitações ou possibilidades. Não é por outra razão que o mesmo se intitula "Psicologia analítica no Brasil: contribuições para sua história".



Durante a pesquisa que fizemos, constatamos que esse é um campo que recebeu quase nenhuma atenção, seja por parte dos psicólogos junguianos, seja por parte dos historiadores da psicologia, os quais parecem ignorar a existência dessa disciplina em nosso país, uma vez que não incluem em seus trabalhos a perspectiva junguiana entre as escolas de psicologia no Brasil.

Afirmar que a psicologia analítica chegou ao Brasil através da psiquiatria, seria o mais lógico, afinal esse foi o campo de atuação do seu idealizador. De fato, as informações de que dispomos apontam para o trabalho de Artur Ramos, de 1926, onde já constavam referências aos conceitos desenvolvidos por Jung. Sabemos, no entanto, que uma Escola Normal de São Paulo abordava teorias de psicologia da personalidade através de Freud, Adler e Jung já nas décadas de 1930/40 (Lima, 2003, pp. 59-60, em Mastrobuono, 2004, p. 108-9), o que exige uma certa cautela com relação a esse ponto. O nosso objetivo, porém, não buscou apontar para tal tipo de preocupação, apesar de sua pertinência. Nossa intenção foi localizar o momento de constituição desta disciplina como um campo que conjuminasse o estudo, a prática e a disseminação de seu conteúdo vinculados a um ator que pudesse ser caracterizado como sujeito deste conjunto de ações. Foi então que chegamos, de um lado, ao Centro Psiquiátrico Pedro II em Engenho de Dentro na cidade do Rio de Janeiro. Já em São Paulo, de outro lado, as indicações apontaram para a PUC-SP e para a Escola Paulista de Medicina.

O Centro Psiquiátrico Pedro II se constituiu em um importante espaço de pesquisa e atualização de temas voltados ao estudo dos fenômenos da mente, suas perturbações e modalidades de tratamento: abrigou o Laboratório de Psicologia criado por Gustavo Riedel, em 1923, abrindo espaço para a perspectiva psicoterápica em um reduto da psiquiatria, ao mesmo tempo em que absorveu os avanços das terapias biológicas e dos métodos convulsivantes dos anos 1930-40 e, da mesma forma, ali chegaram os recursos da terapêutica ocupacional em meados da década de 40. Ou seja, aportaram e conviveram, nesse centro psiquiátrico, diversas áreas muitas vezes conflitantes entre si, mas que possuíam em comum a atualidade em sintonia com o que de mais atual se produzia de conhecimento em

outros centros de pesquisa no mundo. Pode-se afirmar que essa instituição apresentava, na ocasião, uma característica favorecedora para o exercício da experimentação e da criatividade de seu corpo profissional; além disso, considere-se também o momento pelo qual o Brasil vinha passando, com mudanças importantes, seja na forma de exercício do poder, seja na alteração das bases da economia, seja ainda na construção de um olhar em busca das características brasileiras que se observou na antropologia e nas artes. Foi nesse contexto que germinou o trabalho de Nise da Silveira.

Em São Paulo, nos anos sessenta, muitas das novidades acima descritas já estavam sedimentadas. A psicanálise havia fundado a sua primeira associação em 1927. Já tinha, igualmente, presença efetiva nas universidades, tendo chegado a sua primeira cátedra psiquiátrica, possibilitando alternativas aos futuros psiquiatras que não se satisfaziam com postulados tradicionais dessa área. Conquistado esse espaço institucional, alguns estudantes passaram a também querer conhecer um pouco mais sobre os dissidentes da teoria freudiana.

A segunda metade dos anos sessenta foi tempo de intensa onda de protestos contra a ditadura militar no Brasil. Também se fazia presente o movimento hippie, que trouxe consigo, entre outras coisas, as drogas como forma de libertação e de contato introspectivo, além das perspectivas orientais que abordam os campos do objetivo e do subjetivo de maneira mais integrada que a visão ocidental. Observou-se em sintonia com tais aspectos um movimento de busca do conhecimento pessoal interior. Neste contexto as psicoterapias ganharam popularidade, particularmente as abordagens da psicologia profunda, que trabalham com o conceito de inconsciente.

A PUC-SP já se caracterizava pela diversidade de linhas e abordagens em psicologia e seu curso de graduação, surgido com a regulamentação da profissão de psicólogo, recebeu em seu corpo docente, entre outros, Pethö Sándor, médico húngaro que imigrou para o Brasil, estudioso da psicologia analítica de Jung.

Paralelamente, na Escola Paulista de Medicina um grupo de estudantes de psiquiatria buscava em Jung respostas que a psicanálise parecia não fornecer.

Encontraram Leon Bonaventure, analista belga com formação no Instituto C.G.Jung de Zurique, com quem passaram a se analisar.

As informações levantadas no trabalho que fizemos nos levaram a três pessoas que nomeamos como pioneiros, cuja definição, para esta pesquisa, refere-se àqueles que foram os primeiros a desenvolver ações que resultaram na divulgação e disseminação dos conceitos da psicologia analítica no Brasil, sem que tivessem tomado contato com alguma iniciativa prévia, com os mesmos propósitos, em nosso país.

Dos pioneiros elencados apenas um está vivo e, possivelmente em decorrência de seu próprio percurso na constituição da psicologia analítica no Brasil, optou por não abordar, pelo menos por enquanto, o assunto em questão. Tal posicionamento fez com que mantivéssemos resguardo em relação a Leon Bonaventure, abstendo-nos de aprofundar considerações a seu respeito.

Antes, porém, de continuarmos, valeria a pena saber se os nossos personagens mantiveram contato e estabeleceram algum tipo de relacionamento entre si.

Uma informação a esse respeito já foi mencionada, quando comentamos a chegada de Leon Bonaventure ao Brasil. Em artigo publicado na *Quatérnio*, Bonaventure (2001) conta que teve o seu "primeiro encontro com o Brasil ao visitar a Dra. Nise da Silveira" (p. 122). Tal fato ocorreu em março de 1967. Alguns anos mais tarde, em 1975, aconteceu o evento comemorativo do centenário do nascimento de Jung, quando os dois pioneiros contribuíram significativamente para a sua organização. No mesmo ano Bonaventure (1975) publicou um outro artigo na revista do Grupo de Estudos C.G. Jung, fundado e coordenado por Nise da Silveira, em cujas citações fica claro o reconhecimento e o respeito de Bonaventure pelo trabalho de Nise. Não temos informação, todavia, de menções de Nise sobre o junguiano belga. Igualmente, sobre ele, não constatamos referências feitas por Pethö Sándor, apesar dos dois terem freqüentado a PUC-SP. Cabe lembrar, no entanto, que Sándor pouco publicou.

Segundo depoimentos, Sándor, entretanto, teria sido alvo de comentários por parte de Bonaventure, que considerava o húngaro um psicoterapeuta e teria dito que, se ele e outros profissionais que lecionavam na PUC-SP quisessem ser analistas junguianos, precisariam se analisar. Provavelmente, com o próprio Bonaventure, que se considerava o único, nesta condição, em São Paulo. Tal atitude seria um exemplo de que as relações entre os junguianos de São Paulo tinham caráter diverso daquele estabelecido entre o belga e o grupo carioca, contribuindo para um distanciamento e falta de diálogo entre esses dois pioneiros e seus respectivos grupos. Uma mostra desse quadro é o fato de não constar o nome de Sándor, ou de alguém ligado a ele, na programação do evento em comemoração ao centenário do nascimento de Jung, organizado em São Paulo por Bonaventure.

Apesar disso, algumas pessoas ligadas aos dois pioneiros que atuaram em São Paulo iriam participar, conjuntamente, das primeiras atividades da SBPA, instituição que, como vimos, foi fundada a partir de um grupo de analisandos de Leon. Em uma dessas atividades, Pethö Sándor foi convidado a contribuir com sua participação; no entanto, declinou do convite.

Concluídas essas considerações sobre possíveis interações entre os pioneiros, seguiremos tecendo algumas reflexões sobre o material que coletamos.

Sobre Nise da Silveira encontramos razoável material publicado à disposição, além da colaboração de pessoas que tiveram proximidade com a psiquiatra alagoana. Igualmente, encontramos receptividade e abertura de pessoas que se relacionaram de perto com Pethö Sándor, porém o material disponível publicamente a seu respeito é restrito. Tal discrepância no material encontrado a respeito dos dois pioneiros talvez se justifique em razão de Nise ter vivido até seus 94 anos, enquanto Sandor faleceu mais moço, próximo dos 76 anos de idade. Esse argumento ganha força quando lembramos que boa parte do material biográfico sobre Nise da Silveira foi escrito quando ela estava na casa dos noventa anos. Acreditamos, todavia, que esses pontos perdem intensidade quando levamos em conta outros aspectos desses personagens.

Podemos verificar em Nise uma preocupação em divulgar publicamente o seu trabalho, seja através das instituições que criou, seja também pelas suas publicações, sem deixar de lembrar os eventos públicos como exposições, apresentações, participação em congressos etc. O critério para a composição de seus grupos de estudo não deixa de ser um reflexo dessa postura: "Nise sempre manteve aberto o Grupo de Estudos C.G. Jung. Qualquer pessoa podia freqüentá-lo sem exigências. O meu primeiro contato com ela deu-se através das reuniões do Grupo em sua casa, às quartas-feiras. Nunca havia conversado com ela, apenas assistia em silêncio", relata Mello (2001, p. 17), estudante de engenharia na ocasião e que se tornaria um dos principais colaboradores do Museu de Imagens do Inconsciente. A presença de pessoas sem formação "psi" em um grupo voltado para discussões sobre a doença mental pode parecer estranha; entretanto, os grupos que se formaram em torno de Nise tiveram essa marca da diversidade. Saldanha (2001) apresenta o perfil do Grupo de Estudos e pesquisas do Museu de Imagens do Inconsciente, freqüentado "não somente por profissionais e estudantes da área de saúde, como também por antropólogos, historiadores, artistas, professores, físicos, educadores e interessados nos processos que ocorrem na psique" (p. 21), entre esses "donas-de-casa e doentes mentais" complementa Ramos (2001, p. 30), ao falar também dos freqüentadores do Grupo de Estudos C.G. Jung. É possível que tal diversidade não contribuísse para uma maior aproximação dos colegas médicos, sabidamente apegados ao espírito corporativo. Não devemos esquecer, ainda, que a proposta desenvolvida na STO era considerada como algo de pouco valor pela psiquiatria prevalente nas instituições da área, tanto que não foi por aí que o trabalho sobre imagens do inconsciente ganhou visibilidade. O atributo do trabalho que veio a público de forma mais evidente foi a produção do ateliê de desenho e pintura, graças ao impacto que esse material causou em artistas que tomaram conhecimento das obras produzidas pelos freqüentadores da STO. Esse fato, por outro lado, acabou por enfatizar apenas um aspecto da proposta de Nise, fazendo com que, ainda

hoje, a compreensão do significado do seu trabalho seja restrita, quando se considera a amplitude do seu real alcance.

Em São Paulo, Pethö Sándor dedicou pouca atenção à publicação de suas reflexões. Ele dizia que isso não tinha importância, o que não quer dizer que não escrevesse. Consta que existem diversos textos seus, além dos encontrados no *Boletim de Psicologia* e depois publicados pela Vetor. Essa publicação mostra, inclusive, a sua pouca preocupação com o público, uma vez que deixa de informar a sua origem. Participar dos grupos de Sandor necessitava da sua aprovação, que poderia (ou não) se dar após o interessado aceitar as orientações estipuladas – algo traduzido por Maria Luíza Simões como o processo de “receber o passaporte”. A sua atitude restritiva se fazia notar igualmente em eventos públicos, aos quais, se não estivessem de acordo com suas exigências, Sándor simplesmente não comparecia. Existem exemplos de episódios em que chegou ao local apenas para se retirar em seguida, como no fato de uma mesa redonda, em que os organizadores colocaram câmeras de filmagem para registrar o evento, contrariando seu convidado. Apesar deste tipo de atitude ter contribuído para formar uma imagem polêmica em torno de si, Sándor possuía um grupo numeroso de pessoas que compuseram seus muitos grupos de estudo. Com estes, Sándor mantinha uma relação afetiva e de investimento intelectual, uma forma de relacionamento bastante diferente daquela que cultivava com o público de modo geral.

Para os que tiveram proximidade com Sándor, ficou a tarefa de divulgar mais amplamente o seu trabalho, tanto que foi somente após o falecimento do criador da calatonia que seus colaboradores montaram os cursos de especialização no Sedes. Desses cursos se originaram as revistas *Hermes* e *Jung e Corpo*, voltadas para a publicação de trabalhos alinhados com os ensinamentos de Sándor. Igualmente os textos traduzidos e outros escritos que circulavam apenas internamente nos grupos de estudo estariam sendo reunidos para uma futura publicação do “mestre”, ou sobre ele.

O termo “mestre” reflete um aspecto da relação daqueles que estudaram com Sándor, mostrando que esse relacionamento tinha um caráter próximo do que pode ser chamado de iniciático. Como fundamento desta afirmação basta lembrar que Sándor se dedicou ao estudo de textos esotéricos e outros temas que não receberiam aprovação por parte do universo acadêmico, que privilegia a objetividade. Sabemos que o estudo de temas considerados místicos recebeu a atenção de Jung, o que lhe rendeu severas críticas, apesar de seus esforços em abordar tais assuntos a partir do método de pesquisa empírica baseado em sua prática como psiquiatra e analista e fundado em farta literatura. Parece que a disposição atual dos colaboradores de Sándor vem abrindo caminho para que seu trabalho possa ser mais divulgado e conhecido, transformando assim a imagem, por vezes, controversa que cercou o seu trabalho. Certamente, isso que pode ser julgado como fechamento contribuiu para o fortalecimento do grupo formado por Sándor, fato que hoje permite que suas sementes continuem a ser disseminadas, dando maior possibilidade de acesso ao que ele produziu.

Os conhecimentos produzidos por Sándor têm como base o corpo. Não é difícil situar essa origem dada a sua formação como médico. As indicações de como ele chegou a formular questões que relacionam o corpo com a psique podem ser encontradas no período imediatamente posterior a sua formação acadêmica, quando a Hungria foi invadida pelos russos, episódio que implicou uma mudança radical na vida do médico recém-formado. Sua vida até então era uma vida sem privações materiais e com acesso a uma formação intelectual abrangente, o que incluía o aprimoramento de seus dotes musicais com as aulas de canto, alimentando o projeto de tornar-se cantor de ópera. Outras perdas vieram a seguir: seus pais e sua esposa. Onde se apoiar quando o chão se abre sob os pés?

Sándor dedicou-se a cuidar dos seus e também lançou mão de sua formação médica para prestar assistência aos sofrimentos dos que encontrou nos campos de refugiados em que viveu com a família. Cuidar dos outros não deixa de ser uma forma de tratar das próprias feridas, conforme propõe Groesbeck (1983) ao discorrer sobre o arquétipo do médico-ferido.

Foi durante o período em que viveu como refugiado que Sándor precisou lançar mão de sua criatividade para poder dar conta de todas as solicitações que se faziam presentes em condições de muita carência e extrema precariedade. As opções eram investir nessa alternativa ou sucumbir no vazio aberto pelas perdas vividas. Tocar pacientes desesperados na tentativa de abrandar-lhes a dor, a agitação e a angústia poderia parecer desprovido de eficácia terapêutica. Mas eis que algumas portas se abriram e o toque começou a se mostrar como um instrumento valioso para apaziguar tormentos do pós-guerra. É possível imaginar um caminho curto, quase decorrente, entre o momento de um toque delicado e o início da escuta de seus pacientes. Sándor tinha o ouvido treinado e a sensibilidade aguçada graças à música. Na impossibilidade de exercer a medicina dentro das condições que foram ensinadas na faculdade, a criatividade levou-o ao caminho do possível.

Dentro de um cenário como o que acabamos de descrever, o encontro com o mundo subjetivo dificilmente demora a chegar. Após o falecimento de sua esposa, Sándor reencontrou Jozseph e Irene Buydos, amigos de seu pai, que despertaram nele o interesse pela astrologia e pelo esoterismo. Junto a tais temas se agregou a psicologia profunda, cuja confluência apresentou-lhe Jung como um interlocutor propício. Além dos “fenômenos chamados ocultos”, como se refere Jung (1902/1993) ao estudo que foi objeto da sua tese de doutorado<sup>51</sup>, o psiquiatra de Zurique deu espaço privilegiado ao estudo de imagens produzidas pela psique em suas formulações teóricas, através dos sonhos, delírios e imagens brotadas de uma técnica chamada de imaginação ativa<sup>52</sup>, que consiste em estimular o surgimento de imagens em pacientes para analisá-las dentro do contexto psicoterápico. O método desenvolvido por Sándor, chamado calatonia, consiste exatamente na busca da compreensão das imagens surgidas a partir de um estado de relaxamento provocado por uma seqüência de leves toques em determinadas áreas do corpo. A psicologia analítica de C.G. Jung veio a fornecer

---

<sup>51</sup> O título é “Sobre a psicologia e patologia dos fenômenos chamados ocultos”.

<sup>52</sup> Jung utilizou este termo em 1935 (Samuels, Porter e Plaut, 1988)



uma teoria que permitiu a Sándor uma leitura mais integrada e consistente de sua inusitada prática durante os anos em que viveu na condição de refugiado de guerra, e que veio a aprimorar e conceituar após a sua chegada ao Brasil.

A vinda para o nosso país não foi exatamente uma escolha das famílias Pethö e Buydos. No final dos anos quarenta, o Brasil estava recebendo sua terceira leva de imigrantes húngaros; aquela foi a única alternativa para o grupo, em razão do seu tamanho: era composto por nove pessoas, que fizeram questão de permanecer juntas. Vieram com Sándor seus dois filhos, Sandor e Zsolt, seu irmão Tibor, o casal Jozseph e Irene Buydos, com suas filhas Agnes e Lilá, além de uma empregada. O primeiro emprego de Sándor foi como laboratorista e, apesar de não ter o diploma de médico reconhecido pelas autoridades brasileiras, passou a prestar atendimento a membros da comunidade húngara de São Paulo. Continuou utilizando os recursos de toques corporais que havia experimentado anteriormente, buscando fundamentar sua prática “especialmente no Brasil, onde houve possibilidade de estudar as pesquisas mais recentes (...) ao mesmo tempo [que] acumulou-se bastante material de ordem psicológica, reforçado, aqui no Brasil, por aqueles colegas que adotaram o método, particularmente na psicologia” (Sándor, 1969/1972, p. 93).

No início dos anos setenta Sándor já mantinha diversos grupos de estudo sobre psicologia analítica, dos quais uma participante - que vinha se destacando, tornando-se uma importante colaboradora sua - viria a elaborar o primeiro trabalho acadêmico abordando a prática da calatonia. Santis (1976) dá o título *O discurso não verbal do corpo no contexto psicoterápico* para sua dissertação, defendida no Departamento de Psicologia da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. A autora afirma: “as técnicas de abordagem corporal por nós propostas possuem o denominador comum de levar o paciente a um estado hipnóide”, concluindo que tais técnicas em geral e “o relaxamento calatônico em particular [se colocam] como um instrumento válido para ser utilizado dentro do contexto psicoterápico em um trabalho de profundidade” (op. Cit, p. 143).

Se o rebaixamento do nível de consciência é a porta que se abre para o surgimento de imagens que servem como material de trabalho na técnica desenvolvida por Sandor, é justamente esse o ponto que suscita ressalvas ao seu método. Samuels, Shorter e Plaut (1986/1988) apresentam comentários de Jung sobre riscos psicológicos que os processos de rebaixamento do nível de consciência envolvem: o processo pode se mostrar estéril caso o paciente permaneça preso ao círculo de seus próprios complexos; o paciente pode se iludir com o aparecimento das fantasias e ignorar a exigência destas por um confronto com a consciência; e os conteúdos inconscientes mobilizados, dotados de um nível de energia excessivo, tomariam posse de uma personalidade que não fosse capaz de administrá-los (p. 100). Sant'Anna (2001) comenta que o método de Sándor "é visto com ressalva por alguns profissionais, uma vez que ele permite induzir (...) estados psíquicos desestruturantes" (p. 127), em pessoas que não possuem uma estrutura egóica capaz de abarcar o fluxo de imagens e fantasias promovido pela estimulação corporal. Sándor tinha consciência desta possibilidade na aplicação de seu método, por isso enfatizava que, quando "usado por pessoas não adequadamente preparadas, pode causar resultados negativos, devido a inesperadas comutações neurovegetativas ou pela manipulação irresponsável do estado hipnóide que surge no decorrer usual [do relaxamento]" (1972, p. 4). O perigo de inundação do ego frágil é real, o que fez com que Jung desistisse de dar seguimento a processos analíticos em pacientes que ele avaliava não possuírem uma personalidade compatível com as exigências da análise. Tais considerações são pertinentes e podem ser aplicadas a qualquer método de mobilização de conteúdos inconscientes, não justificando portanto qualquer demérito ao método específico aqui referido.

Em relação à utilização prática da calatonia, diversos trabalhos publicados apontam para resultados positivos obtidos em casos clínicos, como podemos ver em Santis (1976), ou em trabalhos mais recentes com Arcuri (2004), Campos (2004), artigos publicados na revista *Hermes* e ainda Alves (2004), que apresenta seu trabalho na *Jung e Corpo*. Em alguns destes podemos conferir a prática do

método proposto por Sandor (1972) que, segundo ele, “possibilita uma afirmação e apresentação de problemas em forma de imagens, seqüência delas ou cenas” (p. 108). As imagens calatônicas observadas “em séries apóiam a idéia de que representações de todas as categorias de imagens são realmente a linguagem do inconsciente” (op. cit. p. 109).

A afirmação de Sándor expressa semelhança entre a sua proposta e a de Nise com relação à forma de abordar o conteúdo apresentado por seus pacientes. A diferença é que a calatonia propõe a expressão de imagens a partir da estimulação, pelo relaxamento, em pacientes com o ego integrado (não temos conhecimento de trabalho de calatonia com quadros psicóticos), enquanto Nise trabalha com imagens que brotam nos ateliês freqüentados por pessoas com graves distúrbios psicóticos, sem outro estímulo além do material expressivo e da presença do monitor, conforme reitera Nise em vários momentos. Ou seja, se em relação à técnica de toques corporais existe o perigo de estimular material inconsciente além da capacidade de elaboração egóica, no caso do trabalho originado em Engenho de Dentro a questão que se coloca é outra. Ali devem-se criar condições para que a pessoa, que tem a consciência inundada pelo inconsciente sem qualquer controle, desenvolva alguma possibilidade de elaboração do material expresso.

Não sabemos como Sándor chegou à formulação sobre o trabalho com séries de imagens. Pode ser que tenha sido através de Jung ou mesmo em função do trabalho desenvolvido por Nise, embora não tenhamos informações sobre o relacionamento entre ambos. A fundadora do Museu de Imagens do Inconsciente, por outro lado, não deixa dúvidas quanto à origem do seu método, baseado no trabalho que Jung desenvolveu com séries de sonhos, apresentado em *Psicologia e Alquimia* (1944/1991). Como vimos, essa foi a primeira chave que Nise recebeu do autor da psicologia analítica, fornecendo o caminho que foi usado para buscar a compreensão do material produzido pelos freqüentadores da STO.

A segunda chave veio alguns anos mais tarde, quando Nise teve o seu primeiro encontro privado com Jung, ocasião em que lhe recomendou o estudo de

mitologia. Foi através do material mitológico que Nise conseguiu desvendar o conteúdo das séries de imagens sobre as quais vinha se debruçando há anos. O resultado desta conjugação foi a elaboração de um método que permite uma interlocução com o mundo interno de pessoas que vêm sendo sistematicamente ignoradas há séculos em suas formas de expressão, dadas as características absolutamente distintas do discurso racional, que privilegia o uso da palavra como forma de expressão. Tais pessoas, ao receberem o diagnóstico de esquizofrênicas, passam a carregar o peso do prognóstico fechado dos quadros cuja única perspectiva é a evolução mórbida. Como alternativa, o trabalho de Nise apresenta um caminho que rompe com a visão da psiquiatria tradicional, na medida que aponta para uma possibilidade de diálogo com pessoas que apresentam distúrbios psíquicos graves. O trabalho desenvolvido na STO contradiz ainda um importante esteio dos diagnósticos de psicose e esquizofrenia no que diz respeito à capacidade de vinculação afetiva inerentes a esses quadros. Mesmo Freud (1917/1976, p. 520) afirmava a incapacidade para a transferência de portadores de neuroses narcísicas, nome dado por ele aos quadros psicóticos, lembrando que sua técnica é baseada na linguagem verbal e que sua experiência com este tipo de paciente foi restrita.

Diferentemente de Freud, Jung teve sua formação clínica dentro de um hospital psiquiátrico, onde viveu entre 1900 e 1909. A sua busca em tentar compreender os seus pacientes permitiu-lhe observar que a linguagem dos esquizofrênicos possuía estreita correlação com material mitológico, levando-o a formular o conceito de inconsciente coletivo. A carta que recebeu do Brasil em 1954 oferecia para Jung farta comprovação de sua teoria, o que colaborou para despertar o seu interesse pelo trabalho inovador de Nise da Silveira. As duas importantes contribuições de Jung ao trabalho de Nise, que deram consistência conceitual para a prática de Engenho de Dentro, são, por outro lado, aspectos que recebem questionamentos, como o de Sant'Anna (2001) em sua breve exposição sobre o desenvolvimento da psicologia analítica no Brasil. Ele comenta que

*por vezes esse enfoque privilegia uma atitude estética em relação à atividade imagética em detrimento da dimensão terapêutica dessa abordagem (...). Frequentemente parecem ocorrer dois processos paralelos: processos exuberantes das imagens no inconsciente e consciência de certo modo permanentemente inalterada. Os relatos de melhora no estado psíquico dizem respeito mais à diminuição da intensidade do fluxo imagético (...) do que à integração dos conteúdos ativados na crise psicótica... (p. 125).*

Tais ponderações refletem uma das preocupações centrais de Nise sobre o enfoque estético dado às pinturas produzidas na STO. Possivelmente ela tinha consciência de que o caminho pelo qual seu trabalho ganhou visibilidade pública deixou marcas na maneira das pessoas compreenderem a sua proposta. Nise começou mostrando seu trabalho através do que considerou mais precioso na produção da STO, que foram as imagens pintadas pelos pacientes. Foram estas que chamaram a atenção do jovem pintor Almir Mavignier, funcionário burocrático do Centro Psiquiátrico, que pediu transferência para a STO quando Nise estava iniciando suas atividades. Mavignier trouxe o crítico de arte Mario Pedrosa e, após alguns meses de funcionamento, aconteceu a primeira exposição das pinturas feitas no ateliê de terapêutica ocupacional. Apesar de Nise insistir que seu trabalho era a pesquisa científica e não a busca por uma produção artística, é difícil negar o impacto que as imagens causam no observador, sobrepondo-se a qualquer elaboração conceitual ulterior. Essa só pode surgir depois de um trabalho de reflexão aprofundada a partir do que pode ser observado sobre aquelas imagens.

Uma tentativa de leitura do material expressivo pode ser conferido, entre outros, na trilogia dirigida pelo cineasta Leon Hirszman<sup>53</sup> (1986 a, b, c), onde são apresentados os percursos de três pessoas que frequentaram a STO. Os textos de Nise da Silveira, narrados nos filmes, pontuam a história de vida e o histórico

---

<sup>53</sup> Leon Hirszman (1937-87) é um dos principais cineastas do cinema brasileiro contemporâneo. Dele destacam-se duas produções: *São Bernardo* (1973), baseado no romance de Graciliano Ramos e *Eles não usam black-tie* (1981), premiado no Festival de Veneza e seu último filme. A sua trilogia sobre o trabalho do Museu de Imagens do Inconsciente é composta por: a) *Em busca do espaço cotidiano – Fernando Diniz*, b) *No reino das Mães – Adelina Gomes* e c) *A barca do sol – Carlos Pertuis*.

clínico de cada personagem ao mesmo tempo em que enfocam relações com o material mitológico (amplificação) que as imagens pintadas sugerem. Esse exemplo não confirma parte da observação de Sant'Anna quanto à pouca atenção ao percurso terapêutico dos pacientes sob os cuidados de Nise, apesar de concordarmos com a ênfase sobre o aspecto estético que o seu trabalho recebe de modo geral.

Um ponto abordado nas considerações de Sant'Anna (2001) sobre a inalteração da consciência dos pacientes, que extravasam suas imagens por meio da pintura, não é observado nos registros que Hirszman mostra nos seus filmes. Neles podemos verificar depoimentos dos pacientes contendo razoável lucidez sobre suas condições objetivas. O que não encontramos nestes, nem em boa parte do material publicado sobre o trabalho de Nise, são estórias com "final feliz" de pessoas que se curaram e não tiveram recaídas. Não podemos esquecer que, por exemplo, no caso das pessoas retratadas por Hirszman, todas elas chegaram à STO com histórias de longas internações<sup>54</sup>. Além disso, não podemos minimizar a gravidade dos quadros tratados por Nise da Silveira, que apresentam inúmeras dificuldades de convivência com os ditames do "mundo normal".

É fato que tratar destes casos deve implicar uma preocupação no desenvolvimento de ferramentas de convívio dessas pessoas com o coletivo dentro do qual são estigmatizadas. Não que essa não fosse uma preocupação da STO, como mostra, por exemplo, a mudança de nome da seção, que em 1961 passou a se chamar Seção de Terapêutica Ocupacional e Reabilitação (STOR), curiosamente um dos últimos decretos de Jânio Quadros antes de sua renúncia à presidência de República. A STOR ganhou essa nova designação para atualizar uma prática existente em Engenho de Dentro, que buscava investir em movimentos que seus freqüentadores apresentavam em direção ao mundo externo. A STO era composta por diversos núcleos além dos expressivos. Havia: os espaços voltados para atividades sociais; aqueles que envolviam iniciativas culturais e, ainda, outros que

---

<sup>54</sup> Adelina chegou à STO em 1946 já com 9 anos de internação. Carlos Pertuis foi internado em 1939.

focavam a atividade profissional. Foram montadas barracas para a venda de produtos feitos pelos pacientes nas feiras próximas ao Hospital, além do salão de beleza “onde eram usados recursos fortalecedores do ego” (Silveira, 1992, p. 18). Uma outra iniciativa que mostra a preocupação com o mundo externo existente no trabalho de Nise da Silveira é a criação da Casa das Palmeiras, fundada em 1956, com funcionamento nos dias úteis em regime de externato, uma proposta totalmente inovadora no trato de pacientes graves. “A tarefa principal da equipe técnica da Casa das Palmeiras é permanecer atenta ao desdobramento fugidioso dos processos psíquicos que acontecem no mundo interno do cliente através de inúmeras modalidades de expressão. E não menos atenta às pontes que ele lança em direção ao mundo externo, a fim de dar-lhes apoio no momento oportuno” (op. cit. p. 21). A citação retrata a preocupação quanto aos domínios do mundo externo, porém deixa claro o direcionamento do trabalho de Nise, que prioriza os aspectos intrapsíquicos.

O foco no mundo interno revela algo talvez surpreendente para alguém que, como Nise, foi vítima da prisão política e possuía toda uma bagagem marxista com suas noções sobre ideologia e relações de exploração. Apesar dessas vivências, Nise não incorporou uma reflexão política à sua prática, como fizeram muitos como Basaglia<sup>55</sup> na década de sessenta ou, antes ainda, Maxwell Jones<sup>56</sup> no início dos anos quarenta, cujas experiências foram os primeiros passos “daquela que se tornaria a nova psiquiatria institucional comunitária, baseada em pressupostos de caráter essencialmente sociológico” (Basaglia, 1968/1985, p. 110). Pode-se dizer que a polaridade interno-externo não é contemplada de forma igualitária no trabalho desenvolvido dentro da proposta de Nise, resultando em uma certa unilateralidade que acaba por se fazer notar nas suas publicações. Ainda que o discurso político não ficasse evidente em seus textos, a postura política não deixou

---

<sup>55</sup> Franco Basaglia, psiquiatra italiano que, nos anos de 1960, introduziu transformações nas instituições da saúde mental de Gorizia e Trieste (Itália), como parte de um movimento conhecido como psiquiatria democrática.

<sup>56</sup> Psiquiatra inglês que constituiu proposta de comunidade terapêutica voltada ao tratamento de distúrbios mentais.

de estar presente, mesmo quando Nise já contava com idade avançada. Em 1991, com 86 anos, declarou para Passeti (1992): “Eu não aceito o mundo dividido em classes!”.

Ao contrário de Nise, que foi usurpada de seus direitos pelo estado de exceção ideologicamente identificado com a direita, o médico húngaro, Pethö Sándor, foi submetido à situação de refugiado de guerra pelo fato de ter seu país invadido por um exército comprometido com ideais de esquerda. Esse momento em que Sándor esteve em situação absolutamente particular teve significação marcante na sua vida, quando conviveu com privações de diversas ordens, resultando daí as suas primeiras experiências que deram origem à calatonia. A segunda passagem que apontamos como relevante para o seu caminho foi a ida para o Sedes, momento ao qual Agnes se refere como aquele em que Sándor “estourou”, querendo dizer que a partir dessa mudança seu trabalho passou a ganhar uma dimensão mais sólida e estruturada. Apesar de ter tido um período marcante de sua vida determinado por motivações políticas, Sándor também não deu tal conotação à sua proposta terapêutica. Mesmo que sua saída da PUC/SP pudesse ser relacionada a conflitos com setores identificados com a esquerda e sendo ele contrário ao comunismo russo que se impôs na Hungria após a Segunda Guerra Mundial, provocando a sua saída do país, Sándor foi estabelecer a base definitiva do seu trabalho no Instituto Sedes Sapientiae, inaugurado oficialmente em 13 de Junho de 1977, cujo embrião foi a

*junção da abordagem psicológica teórica e prática, com a militância política de esquerda (...) [tendo seus objetivos] assim expressados: o Instituto Sedes Sapientiae pretende constituir-se num instrumento de ação educadora junto à população na luta pela libertação, ao mesmo tempo em que procurará oferecer aos diversificados setores das disciplinas científicas que ocorrem ao Instituto, oportunidade de exercer visão crítica cada vez mais aguçada acerca das injustiças que denunciemos (Sampaio, 1998, p. 69).*

Não sabemos como Sándor se posicionava em relação aos objetivos do Instituto, onde seu trabalho ganhou um importante espaço institucional. Tendo em vista seu passado com o exército russo, poder-se-ia imaginar que não aceitasse o



posicionamento alinhado com o socialismo. Porém, se fosse assim, Madre Cristina, a fundadora do Sedes, não lhe teria aberto as portas.

Esse caminho tem diversos ingredientes para formar um quadro paradoxal: de um lado, Nise presa pela direita, por suas idéias esquerdistas. De outro, Sándor alijado de seu lar pelas tropas russas, fazendo com que condenasse as práticas feitas em nome da esquerda, e que encontrou lugar para desenvolver seu trabalho em uma instituição claramente identificada com ideais socialistas.

Como o trabalho de ambos pode convergir para uma mesma vertente teórica? A proposta da psicologia analítica poderia ser considerada apolítica? Poderia haver uma separação entre ações voltadas para o mundo interno e para o externo, sendo que as primeiras não estariam sob a influência da política, apenas as segundas? Esse não parece ser o ponto, já que traria o pressuposto de que o homem só é político quando suas ações se dão no mundo exterior, sem qualquer relação com o que se passa internamente na sua pessoa. Tal pressuposto, convenhamos, é difícil de sustentar, pois sabemos que não existe uma prática isolada de intenções e resultados, mesmo com a observação de uma dificuldade de equilíbrio na ênfase das ações intra e extra-psíquicas presente, por exemplo, quando analisamos o trabalho de Nise. Apesar do tema ser polêmico - o que, certamente, merece um aprofundamento futuro - não devemos deixá-lo totalmente em aberto.

Castoriadis<sup>57</sup> pode trazer algum subsídio para o possível paradoxo entre o posicionamento político de Nise e Sándor e a prática de ambos, além da eventual dissociação entre externo e interno. Segundo Sader (1983) "o que há nele [Castoriadis] é a retomada radical da questão formulada por Marx, da unidade entre o pensamento e a ação, ou ainda, a reconstituição da unidade perdida entre a filosofia e a política" (p. 8). Criticando a Revolução Soviética e conseqüentemente o marxismo que foi a base desse processo, o pensador grego diz que

---

<sup>57</sup> Cornélius Castoriadis (1922-1997) filósofo e psicanalista grego e um dos fundadores do grupo "Socialismo ou Barbárie", que publicou uma revista com esse nome na França entre 1949 e 1965.

*ao contrário do que pensavam os marxistas (e às vezes o próprio Marx), a "posse da verdade" tomada num sentido "absoluto", portanto mítico, nunca foi e nem é, o pressuposto da revolução e de uma reconstrução radical da sociedade; a idéia de uma tal "posse" não é somente intrinsecamente absurda (implicando a conclusão deste projeto infinito), mas profundamente reacionária, porquanto a crença numa verdade acabada e adquirida em definitivo (e portanto possível por alguém ou por alguns) é um dos fundamentos da adesão ao facismo e ao stalinismo [parênteses no original] (Castoriadis, 1975/2000, p. 54).*

O trecho citado supera uma aparente contradição que pode existir entre direita e esquerda, quando ambas, ao buscar afirmar seu respectivo projeto, tentam se apropriar da "verdade". O mesmo autor supera também a suposta separação entre interno e externo ao propor o seu projeto de autonomia para o sujeito que "encontra em si próprio um sentido que não é o seu e que tem que transformá-lo utilizando-o" (op. cit., p. 130) e tal projeto, "conduz diretamente ao problema político e social ... [pois] não podemos desejar a autonomia sem desejá-la para todos e sua realização só pode conceber-se plenamente como empreitada coletiva" (p. 129).

A partir de Castoriadis podemos reencontrar o ponto de união entre Nise e Sándor, agora despojado de aparentes contradições, já que o conceito de autonomia não se restringe a uma discussão rasa sobre a postura política da direita ou da esquerda, existindo entre as duas a possibilidade de estarem em lugar comum quando pretendem colocar-se como a verdade.

Retomando o ponto comum aos dois pioneiros da PA no Brasil, que encontraram em Jung uma base conceitual satisfatória para a compreensão das imagens analisadas em série, devemos lembrar que, para a psicologia analítica, tais imagens se expressam segundo uma finalidade: o processo de individuação. Tal meta é definida por Jung (1920/1976) como "um processo de diferenciação cujo objetivo é o desenvolvimento da personalidade individual (...). Como o indivíduo não é apenas um ser singular, pressupondo-se também relações coletivas em sua existência, o processo de individuação não leva ao isolamento, mas a uma consistência coletiva mais intensa" (p. 525/6). O paralelo entre Jung e

Castoriadis está na idéia do indivíduo que busca ativamente uma maneira própria de estar no mundo, o que exige um diálogo e um questionamento constantes entre pessoa e coletivo, de modo que ambos possam estar em contínua transformação e desenvolvimento. Mesmo que Jung não tenha dado a mesma ênfase que Castoriadis ao aspecto político da sua proposta, ele não deixa de estar sugerido como implicação do processo de individuação. Pensando desta forma parece mais coerente o percurso político de Nise e de Sándor, que seguem por vertentes diversas e confluem para uma prática baseada em pressupostos comuns, pautados na expressão e na vivência dos caminhos e atributos peculiares de cada um.

Vale notar que a prática profissional dos dois pioneiros é muito coerente com o percurso pessoal que cada um trilhou, até para serem chamados de pioneiros. Este papel, afinal, tem um preço a ser pago, o que pode ser visto no caminho de vida dos personagens que pudemos conhecer com maior profundidade. Vimos que tanto Sándor como Nise têm seus momentos decisivos a partir dos quais assumem suas lutas e seguem em frente para se defrontarem com diversos desafios que poderiam, mas não impedem que ambos realizem cada qual a sua obra.

Não resta dúvida de que as propostas dos dois pioneiros convergem para a psicologia junguiana. Porém as suas respectivas práticas apresentam características peculiares que refletem a criatividade pessoal de cada autor e que não existem em outro lugar, a não ser como decorrências do percurso dos dois pioneiros. Neste sentido, parece possível afirmar que as contribuições pioneiras de Nise da Silveira e de Pethö Sándor não se restringem a introdução e divulgação da psicologia analítica no Brasil. De fato, eles contribuíram com modalidades de aplicação dos conceitos junguianos de forma inovadora. Mais do que isso, o método desenvolvido nos ateliês de Engenho de Dentro e a técnica da calatonia podem ser consideradas legítimas contribuições para uma psicologia analítica brasileira. Não deve ser por outra razão que Lucchesi (2001) apresente ressalvas à designação de junguiana para definir o trabalho de Nise. O que poderia ser

estendido a Sándor. Nada mais justo. Afinal, após analisar o percurso pessoal e profissional de cada um, só nos resta afirmar que Nise é Nise e Sándor é Sándor.

Para finalizar estas considerações resta, ainda, abordar duas das perguntas que balizaram o desenvolvimento de nossas considerações. Assim, veremos ao final, nos anexos 2,3 e 4, informações sobre o trabalho desenvolvido pelos pioneiros que se relacionam com panorama atual da psicologia analítica no Brasil. Além disso consta, no anexo 5, informações complementares sobre a disciplina em nosso país.

## Conclusão

Sexta feira da paixão, dia de sacrifício. Parece ser um bom momento para a difícil tarefa de colocar a mensagem na garrafa e lançá-la ao mar. Isso exige desprendimento, afinal o texto sempre pode estar mais bem acabado ou receber aquela observação que não encontrou lugar adequado para entrar.

Acreditamos que foi possível alcançar parcialmente nossos objetivos. Pudemos definir três pessoas que tiveram um papel importante para a psicologia analítica no país. Conseguimos apontar fatos que contribuíram para que os pioneiros pudessem exercer tal qual. Localizamos, ainda, características pessoais que influenciaram na maneira de agir dos personagens que pudemos conhecer um pouco mais. Ficou a lacuna sobre Léon Bonaventure que, acreditamos, poderá ser preenchida em um outro momento.

Nos levantamentos feitos sobre a contribuição de cada um, ficou evidenciada a importância que as respectivas realizações tiveram para a consolidação da psicologia analítica no Brasil. Faltou, no entanto, uma reflexão sobre o panorama atual da disciplina em nosso país e sua relação com o trabalho dos pioneiros. Apesar dessa constatação optamos por apresentar as informações que levantamos a respeito, mesmo sem o amadurecimento desejado, com o objetivo de oferecer subsídios para o caso de alguém se dispor a levar a empreitada adiante. Não que tenhamos muita pretensão de que isso possa acontecer, afinal tivemos pouco investimento nesta área até agora, o que parece tornar o nosso trabalho um tanto solitário. Tais sentimentos, entretanto, possuem suas contrapartidas que são o caráter de ineditismo que pode existir no trabalho solitário e a esperança que acompanha a despretenção.

Eu já dizia no início deste do prazer em estudar história, sentimento que outros também compartilham. Por isso, mesmo que poucos tenham se dedicado a publicar sobre história da psicologia analítica, existe a esperança de que outros se sintam estimulados a prosseguir neste caminho pois mesmo Nise, que dizia não ter “muita bossa histórica, minha bossa é para o futuro”, admitia que “não se pode

tomar pé de um espaço sem antes conhecer algo da história deste espaço” (Silveira, apud Ramos, 2001, p. 30).

Depois de finalizar o capítulo anterior com a afirmação sobre a importância das pessoas nas realizações da humanidade, gostaria de deixar uma citação final de modo a evitar a tentação de superestimar o nosso papel individual na construção da história:

*Se bem que tenhamos como homens nossa vida pessoal, nem por isso deixamos de ser, em larga medida, os representantes, as vítimas e os promotores de um espírito coletivo, cuja duração pode ser calculada em séculos. Podemos pensar durante toda a vida que seguimos nossas próprias idéias, sem descobrir que fomos os comparsas essenciais no palco do teatro universal (Jung, 1961/1988, p. 88).*

## Referências bibliográficas

- Alberti, V. (1990) *História Oral A Experiência do CPDOC*. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas.
- Alves, A.M.S. (2004). O Trabalho Corporal Aplicado a Pessoas com Síndrome de Down. Em *Jung e Corpo* nº 4. 13-28.
- Antunes, M.A.M. (1998). Algumas reflexões Acerca dos Fundamentos da Abordagem Social em História da Psicologia. Em : Brozek, J e Massimi, M. *Historiografia da Psicologia Moderna*. (pp. 363-374) São Paulo: Loyola.
- \_\_\_\_\_. (2001). *A Psicologia no Brasil: Leituras: histórica sobre sua constituição*. São Paulo: Unimarco/Educ.
- Arantes, M.A. de A. (1998). Madre Cristina. Em *Instituto Sedes Sapientiae, 1977-1997, histórias e memórias*. (pp. 11-12). Mimeo.
- Arcuri, I. (2004). Técnicas Expressivas Coligadas a Trabalho Corporal. Em *Hermes* nº 9. 48-59.
- Basaglia, F. (1985). *A instituição negada*. Rio de Janeiro: Edições Graal. (Originalmente publicado em 1968)
- Bittencourt, M. (2001). Um pouco de história. Em *Jung e Corpo, revista do curso de psicoterapia de orientação junguiana coligada a técnicas corporais*. Nº 1. 7-9.
- Benetton, J. (1991). *Trilhas Associativas*. São Paulo: Lemos Editorial.
- Bezerra, E. (1995). *A trinca do Curvelo: Manuel Bandeira, Ribeiro Couto e Nise da Silveira*. Rio de Janeiro: Topbooks.
- Bonaventure, L. (1975). Contribuição da psicologia analítica a uma psicologia cristã. Em *Quatérnio* nº 4. 7-39.
- \_\_\_\_\_. (2001). Bandeirante do mundo interior desconhecido. Em *Quatérnio* nº 8. 122-123.
- Bueno, E. (1997). *História do Brasil*. 2ª ed. São Paulo: Publifolha.
- Calaça, A. (2001). Nise da Silveira: esboço biográfico. *Quatérnio* nº 8, 201-206.

- Campos, A.M.C.P. (2004). Psicologia Integrativa e Musicoterapia. Em *Hermes* nº9. 14-21.
- Campos, R.H.F. (1998). Introdução à Historiografia da Psicologia. Em J. Brosek e M. Massimi (orgs.) *Historiografia da Psicologia Moderna – versão brasileira*. (pp. 15-19) São Paulo: Edições Loyola.
- Castoriadis, C. (2000). *A instituição imaginária da sociedade (5ª ed.)*. Rio de Janeiro: Paz e Terra. (originalmente publicado em 1975).
- Chauveau, A. e Tétart, Ph. (1999). Questões Para a História do Presente. Em A. Chauveau e Ph. Tétart, *Questões para a História do Presente*. (pp. 7-37) (I.S. Cohen trad.) Baurú: EDUSC.
- Curso de Cinesiologia do Instituto Sedes Sapientiae (1996) *Hermes* nº1. 5
- Delmanto, S. (1997). *Toques sutis, uma experiência de vida com o trabalho de Pethö Sándor*. São Paulo: Sumus.
- Descartes, R. (1999). Discurso sobre o método. Em J. Florido (Coord. Editorial) *Descartes*. (pp. 35-100) (E. Corvisieri trad.). São Paulo: Editora Nova Cultural. (Originalmente publicado em 1637)
- Farah, R. (s.d.). Quem foi Pethö Sándor. Artigo disponível na Internet: <http://www.geocities.com/HotSprings/Resort/8035> [1/10/2004]
- Ferreira, A.B.H. (1988). *Novo Dicionário Básico da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira.
- Frank, R. (1999). Questões Para as Fontes do Presente. Em A. Chauveau e Ph. Tétart, *Questões para a História do Presente*. (pp. 103-117) (I.S. Cohen trad.) Baurú: EDUSC.
- Franz, M. L. von (2003), *Mitos de criação*. São Paulo: Paulus.
- Freitas, Z.N.C. (2001). A Rui Barbosa de saia. *Quatérnio* nº 8, 185-190.
- Freud, S. (1972a). Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. Em *Edição standard brasileira das obras completas Vol VII*. (pp. 135-252). Rio de Janeiro: Imago Editora. (Originalmente publicado em 1905).
- \_\_\_\_\_. (1972b). Prefácio à quarta edição de Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. Em: *Edição standard brasileira das obras completas Vol. VII*



- (pp. 133-4). Rio de Janeiro: Imago Editora. (Originalmente publicado em 1920)
- \_\_\_\_\_. (1974). A história do movimento psicanalítico. Em *Edição standard brasileira das obras completas Vol. XIV*. (pp. 13-81). Rio de Janeiro: Imago Editora. (Originalmente publicado em 1914)
- \_\_\_\_\_. (1974). O inconsciente. Em *Edição standard brasileira das obras completas, vol. XIV*. (pp. 183-245). Rio de Janeiro: Imago Editora. (Originalmente publicado em 1915).
- \_\_\_\_\_. (1976). Transferência. Em *Edição standard brasileira das obras completas, Vol. XVI*. (pp. 503-521). Rio de Janeiro: Imago Editora. (Originalmente publicado em 1917).
- Gioia, S.C. (2004). A razão, a experiência e a construção de um universo geométrico: Galileu Galilei. Em M.A.P.A. Andery et al. *Para compreender a ciência: uma perspectiva histórica*. (pp. 179-191). São Paulo: EDUC.
- Groesbesbeck, C.J. (1983). A Imagem Arquetípica do Médico Ferido. Em *Junguiana nº 1*. 72-96.
- Gullar, F. (1996). *Nise da Silveira*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará.
- Hannah, B. (2003). *Jung Vide e Obra*. (A. Fillmann trad.) Porto Alegre: Artmed Editora.
- Hilgard, E. R., Leary, D. E. e McGuirre, G. R. (1998), A história da psicologia: um panorama e avaliação crítica Em J. Brosek e M. Massimi (orgs.) *Historiografia da Psicologia Moderna – versão brasileira*. (pp. 399-432) (J.A. Ceschin e P.J.C. Silva trad.) São Paulo: Edições Loyola. (Originalmente publicado em 1991).
- Hirzman, L. (1986a). *Imagens do Inconsciente 1 - Em busca do espaço cotidiano, Fernando Diniz*. Funarte. Vídeo.
- \_\_\_\_\_. (1986b). *Imagens do Inconsciente 2 - No reino das mães, Adelina Gomes*. Funarte. Vídeo.
- \_\_\_\_\_. (1986c). *Imagens do Inconsciente 3 – A barca do sol, Carlos Pertuis*. Funarte. Vídeo.
- Instituto Sedes Sapientiae (1998). *Instituto Sedes Sapientiae, 1977-1997, histórias e memórias*. Digitado.

Jung, C.G. (1976) *Tipos psicológicos* (3ª ed.). Rio de Janeiro: Zahar Editores. (Originalmente publicado em 1920).

\_\_\_\_\_. (1981). O eu e o inconsciente. Em *CW. VII.*(parags. 202-406). Petrópolis: Editora Vozes. (Originalmente publicado em 1928).

\_\_\_\_\_. (1984a). A energia psíquica. Em *A dinâmica do inconsciente. CW VIII.* (parags. 1-130). Petrópolis: Editora Vozes. (Originalmente publicado em 1928).

\_\_\_\_\_. (1984b). Sincronicidade: Um princípio de Conexões Acausais. Em *CW VIII.* (Parag. 816-958). Petrópolis: Vozes. (Publicado originalmente em 1950)

\_\_\_\_\_. (1986a). A psicologia da dementia praecox: um ensaio. Em *Psicogênese das doenças mentais. CW III.* (parags. 1-316). Petrópolis: Editora Vozes. (Originalmente publicado em 1906).

\_\_\_\_\_. (1986b). *Símbolos da transformação. CW V. V.* Petrópolis: Editora Vozes. (Originalmente publicado em 1911)

\_\_\_\_\_. (1988). *Memórias sonhos e reflexões.* (10ª ed.) (D.F. da Silva trad.) Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira. (Originalmente publicado em 1961)

\_\_\_\_\_. (1991). Psicologia e Alquimia. Em *CW XII.* Petrópolis: Vozes. (Publicado originalmente em 1944).

\_\_\_\_\_. (1993). Sobre a Psicologia e Patologia dos Fenômenos Chamados Ocultos. Em *CW vol I.* (parag. 1-150). Petrópolis: Vozes. (publicado originalmente em 1902).

Kirsch, T. (2000) *The Junguians.* London: Routledge.

Lucchesi, M. (2001). Cartas a Spinoza. Em *Quatérnio nº 8,* p. 50-1.

Mastrobuono, C.M. (2004). *A psicologia da educação no curso normal de uma escola confessional católica da cidade de São Paulo (1941-1961).* Dissertação de Mestrado, Programa de Estudos Pós-Graduados em Educação, Pontifícia Universidade Católica, São Paulo.

McGuirre, W. (1993). *A correspondência completa da Sigmund Freud e Carl G. Jung.* Rio de Janeiro: Imago.

Melo, W. (2001). *Nise da Silveira.* Rio de Janeiro: Imago.

- Mello, L.C. (2001). Nise da Silveira: a paixão pelo inconsciente. Em *Quatérnio* nº 8. 7-19.
- Montagna, P. (1994). Psicanálise e Psiquiatria, São Paulo. Em *Álbum de família: Imagens, Fontes e Idéias da Psicanálise em São Paulo*. L. Nosek, et.al. (pp. 29-38). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Motta, A.A. (1995). Anotações pessoais de encontro realizado em 9 de junho de 1995.
- \_\_\_\_\_. (1997). *A ponte de Madeira*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- \_\_\_\_\_. (2003a). Freud e Jung: Sexualidade e Conflito. Em *Junguiana* nº 21 (pp. 63-68).
- \_\_\_\_\_. (2003b). *Encontro com os Fundadores*. São Paulo. Vídeo.
- Museu de Arte de São Paulo (1975). C.G. Jung Comemorações do Centenário em São Paulo, comissão executiva. Datilografado.
- Neder, M. (1972 a) Apresentação. Em *Boletim de Psicologia, órgão da Sociedade de psicologia de São Paulo, nº 57 e 58*.
- \_\_\_\_\_. (1972b) *Uma experiência no ensino de psicoterapia infantil*. Tese de doutorado, Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, São Paulo.
- Passetti, E. (1992). *Encontro com pessoas notáveis nº 1*. Fundação Cultural São Paulo. Vídeo.
- Alves, S.P., Furletti, I. e Paula, C.P.A. (2002). Entrevista com Léon Bonaventure. Em *Jornal Sonhos edição nº 18*. Belo Horizonte. Arquivo eletrônico cedido pelo editor.
- Penna, A. G. (1992). *História da psicologia no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Imago.
- \_\_\_\_\_. (2003). Por que História da Psicologia? Em: *Revista do Departamento de Psicologia – UFF, vol. 15, nº 2*. Niterói.
- Perrot, M. (1998). A Força da memória e da Pesquisa Histórica. Em: *Revista Projeto História: Trabalhos da Memória*, vol 17. (pp. 351-360) Revista do Depto. de Estudos Pós-graduados em História, PUC-SP, Nov.

- Pessis-Pasternak, G. (1993). *Será Preciso Queimar Descartes? Do caos à inteligência artificial: quando os cientistas se interrogam.* (M. Alberto, trad.) Lisboa: Relógio D'Água.
- Portelli, A. (2001). História Oral como Gênero. Em: *Revista Projeto História: História e Oralidade*, vol 22. Revista do Depto. de Estudos Pós-graduados em História, PUC-SP, Jun. pp.9-36.
- Ramos, G. (2004). *Memórias de cárcere.* 41ª ed. Rio de Janeiro: Record.
- Ramos, L. (2001). O Grupo de estudos C.G. Jung. Em *Quatérnio nº8.* 29-33.
- Resende, H. (1990). Política de Saúde Mental no Brasil: Uma Visão Histórica. Em *Cidadania e Loucura Políticas de Saúde Mental no Brasil.* (pp. 15-69). Petrópolis: Vozes. 2ª ed.
- Rioux, J. (1999). Pode-se fazer uma história do Presente? Em *Questões para a História do Presente.* (pp. 39-50) (I.S. Cohen trad.) Baurú: EDUSC.
- Rodríguez, M.A.B. (1997) *Corrientes Teóricas en Psicología Social, desde la Psicología Social Experimenta hasta el Movimiento Construcccionista.* Caracas: Universidad Central de Venezuela
- Russel, B. (1957) *História da Filosofia Ocidental.* São Paulo: Companhia Editora Nacional.
- Sader, E. (1983) Prefácio. Em *Socialismo ou barbárie.* São Paulo: Brasiliense. (pp. 7-9)
- Saldanha, V. (2001). Grupo de estudos e Pesquisas do Museu de Imagens do Inconsciente. Em *Quatérnio nº 8.* 21.
- Sampaio, L. (1998). Festa dos vinte anos do Instituto Sedes Sapientiae. Em *Instituto Sedes Sapientiae, 1977-1997, histórias e memórias.* São Paulo. Digitado.
- Samuels, S., Shorter, B., Plaut, F. (1988). *Dicionário Crítico de Análise Junguiana.* Rio de Janeiro: Imago.
- Sandor, P. (1972a) Introdução. Em *Boletim de Psicologia, órgão da Sociedade de Psicologia de São nº 57 e 58,* 4-10.
- \_\_\_\_\_. (1972b) Calatonia. Em *Boletim de Psicologia, órgão da Sociedade de Psicologia de São nº 57 e 58,* 92-100.

- \_\_\_\_\_. (1972c) Imagens e relaxamento. Em *Boletim de Psicologia, órgão da Sociedade de Psicologia de São n° 57 e 58*, 101-110.
- Sandor, P., Bonilha, L.C., Ferreira, L.M., Mauro, B.H.M., Santis, M.I., Simões, M.L.A. e Yamakami, S. (1974) *Técnicas de Relaxamento*. São Paulo:Vetor.
- Sant'ana, M.M. (2001). Nise da Silveira, a reinvenção da psiquiatria. *Quatérnio n° 8*, 207-217.
- Sant'Anna. P.A. (2001). Introduzindo a interlocução: Uma Breve Reflexão Sobre o Desenvolvimento da Psicologia Analítica no Brasil. Em *As Imagens no Contexto Clínico de Abordagem Junguiana: Uma Interlocução Entre Teoria e Prática*. (pp.123-129). Tese Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo.
- Santis, M.I. (1976). *O Discurso Não-verbal do Corpo no Contexto Psicoterápico*. Dissertação Departamento de Psicologia da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.
- Silveira, N. (1982). *Imagens do Inconsciente* 2ª ed.. Rio de Janeiro: Alhambra
- \_\_\_\_\_. (1992). *O mundo das imagens*. São Paulo: Editora Ática.
- Sociedade Brasileira de Psicologia Analítica (1983). Um pouco da história e do espírito da Sociedade Brasileira de Psicologia Analítica. Em *Junguiana, revista da sociedade brasileira de psicologia analítica n° 1*. (pp. 4-7). São Paulo.
- Sociedade de Psicologia de São Paulo (1972). Colaboradores. Em *Boletim de Psicologia, órgão da Sociedade de Psicologia de São n° 57 e 58*, p.119.
- Sokal, M.M. (1998) Abordagem biográfica: a carreira psicológica de Edward Wheler Scripture. Em J. Brosek e M. Massimi (orgs.) *Historiografia da Psicologia Moderna – versão brasileira*. (pp. 315-337) (J.A. Ceschin e P.J.C. Silva trad.) São Paulo: Edições Loyola.
- Tenório, F.G. (1997) *Gestão de ONGs principais funções gerenciais*. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas.
- Wertheimer, M. (1976). *Pequena História da Psicologia*. (2ª ed.) (L. L. de Oliveira, trad.) São Paulo: Editora Nacional. (Original publicado em 1970).

\_\_\_\_\_. (1998). Pesquisa Histórica – Por quê? Em J. Brosek e M. Massimi (orgs.) *Historiografia da Psicologia Moderna – versão brasileira*. (pp. 21-41) (J.A. Ceschin e P.J.C. Silva trad.) São Paulo: Edições Loyola. (Originalmente publicado em 1980).

Woodward, W.R. (1998). Rumo a uma Historiografia crítica da Psicologia Em J. Brosek e M. Massimi (orgs.) *Historiografia da Psicologia Moderna – versão brasileira*. (pp. 61-87) (J.A. Ceschin e P.J.C. Silva trad.) São Paulo: Edições Loyola.

## Referências das imagens

### Introdução

- p. 13. *Lês très riches heures du Duc de Berri*, França, 1400, Museu Conde, Chantilly. Em Maclagam, D. (1989). *Mitos de la creación*. (pp. 91). Debate: Madrid
- p. 15. *Scenographia Systematis Copernicant*, 1543. Em Nova enciclopédia ilustrada Folha, vol.1 (1996). (pp. 226). São Paulo: Publifolha.

### Capítulo 2

- p. 29. Hospital de Burgholzli: banco de imagens de Luiz Paulo Grinberg.
- p. 30. Eugen Bleuler: banco de imagens de Luiz Paulo Grinberg.
- p. 35. Grupo de psicanalistas no Congresso da IPA em Weimar 1913:  
<http://www.accionchilena.cl/images/jung/JUNG-2.JPG>
- p. 38. Prédio construído, na Praia Vermelha, para abrigar o Hospício Pedro II, onde hoje funciona a UFRJ: <http://www.orgulho.ufrj.br/imagens/mapaagenda.jpg>

### Capítulo 3

- p. 52. Nise: <http://cienciahoje.uol.com.br/controlPanel/materia/view/999>
- p. 58. Nise: Em Bezerra, E. (1995). *A trinca do Curvelo: Manuel Bandeira, Ribeiro Couto e Nise da Silveira*. Rio de Janeiro: Topbooks. P. s/nº.
- p. 66. Getúlio Vargas: Em *História Viva Grandes Temas, nº4*. São Paulo: Duetto Editorial. P. 14.
- p. 73. Nise e Jung: [www.museuimagensdoinconsciente.org.br](http://www.museuimagensdoinconsciente.org.br)
- p. 76. Sandor: acervo de Maria Luíza Simões
- p. 78. Selo húngaro de 1941: <http://64.233.161.104/search?q=cache:dFIRQm3t4-AJ:www.exordio.com/1939-1945/paises/hungria.html+Guerra+Hungria&hl=pt-BR>  
em 23/03/2005
- p. 89. Sandor: acervo de Maria Luíza Simões
- p. 90. Leon: *Jornal Sonhos, edição nº 18* (janeiro a abril de 2002). Arquivo eletrônico, gentilmente cedido pelo editor Fernando Rocha Nobre.

p. 91. Ilustração do pôster e capa do folder de divulgação do evento *Carl Gustav Jung 1875-1975*, cedido pela biblioteca do Museu de Arte de São Paulo.

## Anexos

### Anexo 1

#### Situando a psicologia analítica no Brasil, datas e fatos

Década	Ano	Contexto	Psicologia analítica no Brasil
Anterior a 1900	1852	Inauguração do Hospício Pedro II, na Praia Vermelha – RJ.	
	1888	Lei Áurea.	
	1889	Proclamação da República no Brasil.	
	1890	Transformação do Hospício Pedro II em Hospital Nacional de Alienados.	
1900-09	1900	Publicação de "A interpretação de sonhos" de Sigmund Freud.	
	1905		15/02, nascimento de Nise da Silveira em Maceió, AL.
1910-19	1910	Fundação da Associação Psicanalítica Internacional - IPA, em Nuremberg com Jung como 1º presidente.	
	1911	Jung publica <i>Transformações e Símbolos da Libido</i> marcando o seu afastamento com Freud. Criada a Colônia do Engenho de Dentro, RJ.	
	1914	Jung renuncia à da presidência da IPA. Início da 1ª Guerra Mundial.	
	1916		Nascimento de Pethö Sándor na Hungria.
	1917	Revolução Soviética.	
	1918	Fim da 1ª Guerra Mundial.	



1920-29	1922	Fundação do Partido Comunista Brasileiro – PCB. Semana de Arte Moderna em São Paulo.	
	1923	Criação da Liga Brasileira de Higiene Mental por Gustavo Riedel. Surge o Laboratório de Psicologia da Colônia de Psicopatas do Engenho de Dentro, por iniciativa de Gustavo Riedel. Em 1932, tornou-se Instituto de Psicologia do Ministério da Educação e Saúde Pública e em 1937, foi incorporado à Universidade do Brasil.	
	1925	Em abril tem início a Coluna Prestes, que percorreu 25 mil quilômetros por quase todos os estados do país .	
	1926	Washington Luís toma posse como presidente da República.	
	1926		Nise se forma em Medicina.
	1927		10 de fevereiro, falece Faustino Magalhães da Silveira aos 46 anos de idade.
	1927	Fundação da Associação Brasileira de Psicanálise, que deixou de existir em novembro de 1937. Em 5 de junho de 1944 surgiu o Grupo Psicanalítico de São Paulo, dando origem, em 1951, à Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo, primeira filial da IPA no Brasil.	
	1927		Nise vem para o Rio, junto com seu marido, Mário Magalhães da Silveira médico sanitário. Segundo Gullar (1996) Nise afirma ter vindo sozinha para o Rio.

1930-39	1930	Eleições presidenciais dão a vitória a Júlio Prestes. 3/11 acontece a Revolução de 30. Washington Luís é deposto e Getúlio Vargas assume o governo provisório.	
	1932	Revolução Constitucionalista.	
	1933	Fundação da Escola Paulista de Medicina em São Paulo, SP.	Em setembro, Nise da Silveira fez o concurso para psiquiatra da antiga Assistência a Psicopatas e Profilaxia.
	1934	Promulgada a Constituição de 1934.	
	1935	Novembro, Intentona Comunista.	
	1936	5 de março prisão de Luis Carlos Prestes e de sua companheira Olga.	Março, Prisão de Nise, acusada por uma enfermeira de possuir livros comunistas.
	1937	10/11, instauração do Estado Novo, com o fechamento do Congresso.	Junho, Nise sai da prisão. Pouco tempo depois, deixa o Rio, levada por um primo para a Bahia, em função de um boato que iriam prendê-la novamente.
	1938	Instituto de Psiquiatria da Universidade do Brasil.	
	1939	Irrompe a 2ª Guerra Mundial.	
1940-49	1943	Criação do Centro Psiquiátrico Nacional em Engenho de Dentro. Exército Alemão rende-se em Stalingrado – URSS.	
	1944		Nise da Silveira volta a exercer suas funções como psiquiatra no serviço público.
	1945	Tropas russas invadem a Hungria, país alinhado com a Alemanha de Hitler. Final da 2ª Guerra Mundial. Golpe depõe Getúlio Vargas.	

	1946	Presidente Dutra promulga a nova Constituição do Brasil.	Maio, Nise abre a primeira oficina de costura na Seção de Terapêutica Ocupacional – STO, em Engenho de Dentro. Setembro, inauguração do ateliê de desenho e pintura da STO.
	1947		4/02, primeira exposição da STO com 245 pinturas no salão do primeiro andar do Ministério de Educação
	1949		Pethö Sándor chega ao Brasil. Segunda exposição da STO: “9 Artistas de Engenho de Dentro” no MAM-SP, que depois é transferida para o salão nobre da Câmara Municipal do Rio de Janeiro.
1950-59	1950	Getúlio Vargas vence as eleições presidenciais.	Pinturas da exposição “9 Artistas de Engenho de Dentro” participam do 1º Congresso Mundial de Psiquiatria em Paris.
	1952		Fundação do Museu de Imagens do Inconsciente.
	Meados de 1950		Nise se depara com a frase de Artaud: ‘O ser tem estados inumeráveis e cada vez mais perigosos’.
	1954	24 de agosto Vargas se suicida.	Nise se corresponde com Jung.
	1955	Realização de eleições presidenciais, com a vitória de Juscelino Kubistchek. Fundação da International Association for Analytical Psychology – IAAP em Zurique.	Fundação do Grupo de Estudos C.G. Jung.
	1956		23/12, fundação da Casa das Palmeiras.

	1957		Nise inicia seus estudos no Instituto C.G. Jung e sua análise com M.L. Von Franz em Zurique para onde retorna em 58, 61, 62 e 64. 14/06, Nise foi recebida por Jung em sua casa. Conversa sobre o estudo de mitos. 2/09, abertura por Jung da exposição "Esquizofrenia em Imagens" apresentada no II Congresso Internacional de Psiquiatria, em Zurique.
1960-69	1960	Inauguração de Brasília.	
	1961	Jânio Quadros toma posse como presidente e em 25/08/61 renuncia. O vice, João Goulart assume a presidência.	6/08, a Seção de Terapêutica Ocupacional passa a chamar Seção de Terapêutica Ocupacional e Reabilitação – STOR, segundo decreto nº 51.169 de Jânio Quadros.
	1962	Noite da bossa nova em Nova York. Regulamentação da profissão de psicólogo, no Brasil.	
	1964	Em 31/03, Golpe Militar derruba Jango Goulart e Castelo Branco assume o poder. A psicanálise chega a sua primeira cátedra médica, com Darcy Uchoa na Cadeira de Psiquiatria da Escola Paulista de Medicina.	
	1965		Publicação do 1º número da Revista Quatérnio, editada pelo Grupo de Estudos C.G. Jung. Lançamento de <i>Psicologia e Religião</i> , o primeiro livro de Jung traduzido para o português editado no Brasil pela Zahar.
	1967	General Arthur da Costa e Silva assume a presidência do Brasil.	Léon Bonaventure chegando ao Brasil em 22 de março é recebido por Nise da Silveira.

	1968	Assinatura do AI-5, com o fechamento do Congresso e suspensão das garantias constitucionais. Surgimento do Tropicalismo.	Lançamento do livro <i>Jung, vida e obra</i> de Nise da Silveira. Fundação do Grupo de Estudos do Museu de Imagens do Inconsciente.
	1969	General Emílio Garrastazu Médici assume como presidente do Brasil. Festival de Woodstock – EUA.	Oficialização da fundação do Grupo de Estudos C.G. Jung que se reunia informalmente desde 1954
1970-79	1971		Pethö Sándor é contratado para lecionar no curso de psicologia da PUC-SP.
	1974	General Ernesto Geisel é o novo presidente do país. Criação do Instituto Sedes Sapientiae.	
	1975	Início do curso de Especialização em Psicoterapia Infantil e de Adolescentes, pela PUC-SP, com dois anos de duração, sendo que a partir de 1977, passou a ser dado em três anos. Abrange diversas linhas teóricas da psicologia, entre elas, uma área específica dedicada à psicologia analítica. Esse curso funcionou até 1983.	Comemorações do Centenário do Nascimento de C.G. Jung em São Paulo, Rio de Janeiro e Belo Horizonte. Sandor pede demissão da graduação da PUC-SP. Participa do corpo docente do Curso de Especialização em Psicoterapia de Crianças e de Adolescentes entre 1975 e 1980, sendo sub-coordenador do mesmo a partir de 1976. Aposentadoria compulsória de Nise por idade. No dia seguinte Nise se inscreve como estagiária do Museu. Assinatura do contrato para a tradução das Obras Completas de Jung para o português.
	1977	Primeiras greves de trabalhadores do ABC após o golpe de 64. Movimento estudantil sai nas ruas.	Vinda, ao Brasil, de analistas junguianos estrangeiros.
	1978		Fundação da Sociedade Brasileira de Psicologia Analítica – SBPA, primeira instituição brasileira filiada a IAAP
	1979	Extinção do AI-5. General João Baptista Figueiredo é o novo presidente do Brasil. Assinada a Lei da Anistia.	

1980-89	1983		Lançamento da <i>Junguiana</i> , revista da Sociedade Brasileira de Psicologia Analítica.
	1984	Campanha pelas Diretas-Já.	Pethö Sándor inicia o curso de Cinesiologia, no Instituto Sedes Sapientiae (Bittencourt (2001) refere o ano de início da disciplina em 1981, que provavelmente ainda não era um curso independente).
	1985	Tancredo Neves é eleito pelo colégio eleitoral presidente de República e falece sem assumir o cargo. O vice José Sarney é o novo presidente do Brasil.	
	1986		9 de setembro, falecimento de Mário Magalhães.
	1989	Primeira eleição direta para presidente da República após o golpe de 64. O vencedor é Fernando Collor de Mello.	
1990-99	1991		Fundação da Associação Junguiana do Brasil (AJB), aceita, como associação plena pela IAAP em 1997.
	1992	Impeachment de Collor. Assume a presidência o vice, Itamar Franco.	Falecimento de Pethö Sándor.
	1994	Eleição de Fernando Henrique Cardoso para presidente do Brasil, reeleito em 1998.	
	1996		Lançamento de revista <i>Hermes</i> .
	1998		I Congresso Latino-Americano de Psicologia Junguiana – Punta Del Este, Uruguai.
	1999	Projeto "História e Memória" do CFP.	30 de outubro, falecimento de Nise da Silveira aos 94 anos.
2000-05	2000		2000: II Congresso Latino-Americano de Psicologia Junguiana – Rio de Janeiro, Brasil.
	2001		Lançamento da Revista <i>Jung e Corpo</i> .
	2002	Eleição de Luis Inácio Lula da Silva para governar o país.	

2003		<p>Início das primeiras turmas para mestrado e doutorado do Núcleo de Estudos Junguianos, do Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia Clínica – PUC-SP, o primeiro curso de pós-graduação stricto sensu em psicologia analítica, no Brasil.</p> <p>Comemoração dos 25 anos de SBPA.</p> <p>III Congresso Latino-Americano de Psicologia Junguiana – Salvador, Brasil.</p>
2004	São Paulo completa 450 anos de sua fundação.	
2005		15/02 Centenário do nascimento de Nise da Silveira

## Anexo 2

### Produção e iniciativas ligadas a Nise da Silveira

1) INFORMAÇÕES SOBRE PUBLICAÇÕES, HOMENAGENS E INSTITUIÇÕES COLETADAS NO SÍTIO:

<http://www.museuimagensdoinconsciente.org.br/nise/biograf.htm>

#### **Publicações de Nise da Silveira:**

- Em Livros:

1 Ensaio sobre a criminalidade da mulher no Brasil. Tese apresentada à Faculdade de Medicina da Bahia. Imprensa Oficial do Estado, 1926.

2 Jung Vida e Obra

José Álvaro, Editor - atualmente na 10ª edição - 1ª edição em 1968

3 Terapêutica Ocupacional - Teoria e Prática

Edição Casa das Palmeiras, Rio de Janeiro, 1979

4 Os Cavalos de Octávio Ignácio (Organização)

Funarte, 1980 - Fotografia de Humberto Francheschi

5 Coleção Museus Brasileiros Vol. 2 - Museu de Imagens do Inconsciente

Funarte, 1980

6 Imagens do Inconsciente

Editorial Alhambra, Rio 1ª edição outubro de 1981

3ª edição maio de 1987

7 Casa das Palmeiras: A emoção de lidar

Coordenação e prefácio de uma experiência em psiquiatria.

Alhambra, 1986.

8 A Farra do Boi

Numen Editora, 1989

9 Artaud - a nostalgia do mais

Númém Editora, 1989 - Com Rubens Correa, Marco Lucchesi e Milton Freire

10 Cartas a Spinoza

Editora Nome, 1990



11 O Mundo das Imagens  
Editora Ática, 1992

12 Gatos: A Emoção de Lidar  
Léo Christiano Editorial. Rio, 1998

- Textos em periódicos científicos

13 Estado Mental dos Afásicos  
Revista de Medicina, Cirurgia e Farmácia, nº 101, setembro/1944

14 Considerações Teóricas sobre Ocupação Terapêutica  
Revista de Medicina, Cirurgia e Farmácia. Rio de Janeiro, Junho/1952

15 Contribuição aos estudos dos efeitos da leucotomia sobre a atividade criadora.  
Revista de Medicina, Cirurgia e Farmácia, nº 225. Rio de Janeiro, janeiro/1955.

16 Expérience d'art spontané chez des schizophrènes dans un service de  
therapeutique occupationelle - Em colaboração com o Dr. Pierre Le Gallais,  
trabalho apresentado no II Congresso Internacional de Psiquiatria, Zurique 1957.  
Congress Report v.4, p.380-86. 1957. Tradução para o português, Quatérnio, n. 7,  
Grupo de Estudos C. G. Jung, Rio de Janeiro, 1996.

17 C. G. Jung e a psiquiatria  
Revista Brasileira de Saúde Mental, Rio de Janeiro, v. 7 1962-63

18 Simbolismo do Gato. quatérnio, revista do Grupo de Estudos C.G.Jung, n. 1,  
Rio de Janeiro, 1965

19 No Reino das Mães: um caso de esquizofrenia estudado através da expressão  
plástica. Revista Brasileira de Saúde Mental, v. 9, Rio de Janeiro, 1966

20 20 anos de Terapêutica Ocupacional em Engenho de Dentro (1946-1966)  
Revista Brasileira de Saúde Mental, vol. 12 - Rio de Janeiro, 1966

21 Perspectivas da psicologia de C. G. Jung  
Revista Tempo Brasileiro, nº21/22, 1970

22 Herbert Read: Em memória. Revista quatérnio, n. 2, Rio de Janeiro, 1970

23 Dionysos: Um Comentário Psicológico. quatérnio, n. 3, Rio de Janeiro, 1973

24 Deus-Mãe. quaternio, n.4, Rio de Janeiro, 1975

25 Retrospectiva de um trabalho vivido no Centro Psiquiátrico Pedro II, no Rio de Janeiro. Anais do XIV Congresso Nacional de Neurologia, Psiquiatria e Higiene Mental. Maceió, 1979. Vivência - Órgão da Associação Alagoana de Psiquiatria, 1980.

### **Prêmios/Títulos/Homenagens recebidas por Nise da Silveira**

Em 1971 recebe o troféu Golfinho de Ouro do Museu da Imagem e do Som do Estado da Guanabara.

Figura entre as 10 (dez) mulheres do ano em 1973, escolhidas pelo Conselho Nacional de Mulheres do Brasil.

Recebe homenagem do Conselho Regional de Medicina, como representante da área de psiquiatria em 19.12.74.

Recebe o Prêmio Personalidade Global Feminina correspondente ao ano de 1974, conferido pelo jornal O GLOBO e REDE GLOBO DE TELEVISÃO.

Em 1975 recebe a medalha do Estado da Guanabara, conferida pelo Governador Chagas Freitas, por serviços prestados à cidade-estado da Guanabara.

1981, Medalha de Mérito Oswaldo Cruz, na Categoria Ouro, concedida pelo Presidente da República João Batista de Figueiredo e Ministro da Saúde Waldir Mendes Arcoverde. Decreto de 14 de abril de 1981.

Comenda Desembargador Mário Guimarães, outorgada pela Assembléia Legislativa do Estado de Alagoas em 1983.

"Benemérito do Estado do Rio de Janeiro", título concedido pela Assembléia Legislativa do Rio de Janeiro - 1984.

Ordem do Mérito dos Palmares no grau de Comendador, outorgado pelo Governador do Estado de Alagoas, Grão-Mestre daquela Ordem. - 1985.

Comenda Desembargador Mário Guimarães, concedida pela Câmara Municipal de Maceió - 1987.

Condecorada com a Ordem do Rio Branco no Grau de Oficial, pelo Ministério das Relações Exteriores, em 13 de maio de 1987.

Homenagem especial da Sociedade de Medicina e Cirurgia do Rio de Janeiro, em comemoração ao Dia do Médico - 16 de outubro de 1987

Título de Professor "Honoris Causa", da Escola de Ciências Médicas de Alagoas - 4 de março de 1988

Título de Professor "Honoris Causa" pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) em abril de 1988.

Medalha do Mérito da Fundação Joaquim Nabuco de Recife (PE) em 1989.

Sócia Honorária da Sociedade de Medicina de Alagoas, em 1989

Medalha Peregrino Júnior da União Brasileira de Escritores em 1992.

Prêmio Personalidade do Ano de 1992, da Associação Brasileira de Críticos de Arte.

Medalha Chico Mendes outorgada pelo grupo Tortura Nunca Mais, em 1993.

Ordem Nacional do Mérito Educativo no grau de Comendador, pelo Ministério da Educação e do Desporto da Presidência da República em 1993.

Prêmio Hors Concours (gênero ensaio) do Concurso Prêmio Alejandro José Cabassa da União Brasileira de Escritores, em 1994.

Prêmio Carmem da Silva - Colóquio das Mulheres Fluminenses, 1995.

Homenagem do Centro Mario Schenberg de Documentação da Pesquisa em Artes - USP - 1996

Associação Médica do Rio de Janeiro - Dia Internacional da Mulher - 1997

Homenagem da Associação Médica de Alagoas - 1997

Homenagem no II Encontro Nacional de Serviço Social e Seguridade. - Porto Alegre, 2000.

### **Algumas Instituições Criadas a Partir do Trabalho da Dra. Nise da Silveira**

Museu de Imagens do Inconsciente - Rio de Janeiro

Casa das Palmeiras - Rio de Janeiro

Grupo de Estudos C. G. Jung - Rio de Janeiro

Sociedade amigos do Museu de Imagens do Inconsciente - Rio de Janeiro

Association Nise da Silveira  
Images de L'Inconscient - Paris

Museo Attivo delle Forme Inconsapevoli  
Genova (comitato d'onore)

Centro de Estudos Nise da Silveira  
Juiz de Fora - MG

Museu Bispo do Rosário  
Colônia Juliano Moreira (RJ)

Espaço Nise da Silveira  
Núcleo de Atenção Psico-Social - Recife (PE)

Universidade do Porto (Portugal)  
Centro de Estudos Imagens do Inconsciente

Fundação Clube Terapêutico Nise da Silveira  
Salvador (BA)

Núcleo de Atividades Expressivas Nise da Silveira  
Hospital Psiquiátrico São Pedro - Porto Alegre

Associação de Convivência Estudo e Pesquisa Nise da Silveira  
Salvador (BA)

2) TESES E/OU DISSERTAÇÕES RELACIONADAS AO TRABALHO DE NISE DA SILVEIRA, ENCONTRADAS NO DIRETÓRIO DA CAPES.

<http://www1.capes.gov.br/AqDw/frPesquisaTeses.html> (em busca no dia 26/03/2005)

Crítérios: Ano Base >= 1987; Assunto = Nise da Silveira  
Aparecem 5 teses/dissertações:

Almeida, J.M.C. (1993). *A loucura das palavras*. Dissertação. Universidade Estadual de Campinas – Linguística. Orientadores: Maria Fausta Pereira de Castro.

Sato, T.H. (2001). *Práticas psicanalistas em instituição: oficina de arranjos florais*. Dissertação. Universidade de São Paulo – Psicologia Clínica. Orientadores: Tânia Maria José Aiello Vaisberg.

Mariótti, M.C. (1999). *Atividades artísticas e saúde mental em terapia ocupacional*. Dissertação. Universidade Federal do Paraná – Educação. Orientadores: Natalice de Jesus Rodrigues Giovannoni.

Antunes, R.E.F. (2001) *O paciente do "Grupo de Egressos" para a família: uma perspectiva para a enfermagem fundamentada nas representações sociais*. Dissertação. Universidade do Rio de Janeiro – Enfermagem. Orientadores: Célia Antunes Chrysostomo de Souza.

Melhen, S.M.(1998). *A influência de Antonin Artaud sobre o trabalho do ator e diretor Rubens Corrêa*. Dissertação. Universidade do Rio de Janeiro – Teatro. Orientadores: Ângela Mousinho Leite Lopes.

### 3) SÍTIOS NA INTERNET

Pesquisa no Google em 30/12/2004 aponta 4.030 resultados para "Nise da Silveira".

Destacamos:

[www.museuimagensdoinconsciente.org.br](http://www.museuimagensdoinconsciente.org.br)

Com informações, exposições, histórico etc. sobre o trabalho do Museu de Imagens do Inconsciente, criado por Nise da Silveira.

[www.casadaspalmeiras.org.br](http://www.casadaspalmeiras.org.br)

Outro sítio de uma instituição criada por Nise, com informações diversas sobre a proposta de trabalho realizado nessa instituição.

## Anexo 3

### Produção e iniciativas ligadas a Pethö Sándor

#### 1)CURSOS

Diversos cursos em nível de extensão e especialização podem ser encontrados na programação do Instituto Sedes Sapientiae, através do sítio

<http://www.sedes.org.br>

#### 2) PUBLICAÇÕES:

##### **Com artigos de Sándor**

Sociedade de Psicologia de São Paulo (1972). *Boletim de Psicologia*, nº 57 e 58.

Sándor, P., Bonilha, L.C., Ferreira, L.M., Mauro, B.H.M., Santis, M.I., Simões, M.L.A. e Yamakami, S. (1974) *Técnicas de Relaxamento*. São Paulo: Vetor.

##### **Livros que abordam o método de Sándor**

Farah, R.M (1995). *Integração Psicofísica - O trabalho Corporal e a Psicologia de C. G. Jung*. São Paulo: Editora Companhia Ilimitada/Robe.

Delmanto, S. (1997). *Toques Sutis uma experiência de vida com o trabalho de Pethö Sándor*. São Paulo: Sumus Editorial

##### **Revistas ligadas ao trabalho de Sándor**

*Hermes*, publicação anual do curso de Cinesiologia do Instituto Sede Sapientiae lançada em 1996, tendo editado seu número 9 em 2004.

*Jung e Corpo*, publicação anual do curso de Psicoterapia de orientação junguiana coligada a técnicas corporais, lançada em 2001, tendo editado seu número 4 em 2004.

#### 3) TESES E/OU DISSERTAÇÕES RELACIONADOS AO TRABALHO DE PETHÖ SÁNDOR:

Dados obtidos no banco de teses e dissertações do sitio da CAPES:

<http://ged.capes.gov.br/AgDw/silverstream/pages/frPesquisaTeses.html>

Palavra chave em assunto: "Pethö Sándor"

Gabriel, M.S.A. (2001). *Métodos do trabalho corporal: uma proposta sutil*.  
Dissertação. Psicologia Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita  
Filho. Assis. Orientadores: Terezinha Maria Pancini de Sá.

Duran, S.M.G.T. (1997). *O atendimento psicoterapêutico em grupo aos usuários de  
uma unidade básica de saúde pelo método corporal de Pethö sándor: uma  
interpretação na perspectiva da psicologia analítica de C.G. Jung*.  
Dissertação. Universidade de São Paulo - Psicologia Clínica. Orientadores:  
Terezinha Moreira Leite.

Encontramos ainda:

Santis, M.I. (1976). *O Discurso Não-verbal do Corpo no Contexto Psicoterápico*.  
Dissertação Departamento de Psicologia da Pontifícia Universidade Católica  
do Rio de Janeiro.

4) ACADEMIA:

**Títulos:**

Pethö Sándor não possui título acadêmico, entretanto consta sua participação em banca de mestrado em 8/11/1990, tendo recebido título de notório saber pela PUC-SP, considerado especialista em psicologia analítica, título este dado apenas e especificamente para participação nesta banca de mestrado defendido no Programa de Estudos Pós-Graduados em Educação: Psicologia da Educação para o trabalho:

Lothiois, M.G.R.F. (1990). *A escola reconsiderada a partir do discurso de alunos*.  
Dissertação. Pontifícia Universidade Católica – Educação.

5) SÍTIOS NA INTERNET

Pesquisa no Google: 01/03/2005

**Palavra chave: "Pethö Sándor"**, constam 60 menções, grande parte delas, mencionando trabalhos relacionados à Integração Psicofísica e a Calatonia, com publicações e cursos em diversas áreas como: Terapia Ocupacional, Psicopedagogia e Psicologia.

Dos sítios pesquisados, recomendamos:

<http://www.geocities.com/HotSprings/Resort/8035>

<http://www.conscienciakorporal.com.br/calatonia.htm>

**Palavra chave: calatonia**, constam 520 referências algumas, porém, não se relacionam a Pethö Sándor.

**Palavra chave: "toques sutis"**, constam 605 referências, algumas, porém, não se relacionam a Pethö Sándor.

## 6) EVENTOS

São realizados pelos respectivos grupos responsáveis pelos cursos de especialização do Instituto Sedes Sapientiae:

Encontro Anual "Jung e Corpo"

Encontro Anual "Grupo da Cinesiologia"



## Anexo 4

### Informações sobre Léon Bonaventure

#### 1) PUBLICAÇÕES

##### **Livros**

Bonaventure, L. (1996). *Psicologia e Vida Mística*. Petrópolis: Vozes.

Bonaventure, L. (1999). *A Cultura da cherimóia e de seu híbrido, a atemóia*. Brasil: Ed. Nobel.



Conteúdo: publicação pioneira com informações práticas sobre a cultura da cherimóia - considerada pelos incas como o fruto dos deuses, e seu híbrido, a atemóia.

##### **Artigos publicados no Brasil**

Bonaventure, L. (1975). Contribuição da psicologia analítica a uma psicologia cristã. Em *Quatérnio nº 4*. 7-39.

\_\_\_\_\_. (2001). Bandeirante do mundo interior desconhecido. Em *Quatérnio nº 8*. 122-123.

##### **Traduções**

Membro da comissão responsável pela tradução das Obras Completas de C.G. Jung, publicada pela Editora Vozes.

##### **Coleção**

“Amor e Psique”, publicada pela Editora Paulus, tem como coordenadores: Dr. Léon Bonaventure, Pe. Ivo Storniolo e Dra. Maria Elci Spaccaquerche.

## 2) INSTITUIÇÕES

Apesar de não estar entre os fundadores da Sociedade Brasileira de Psicologia Analítica – SBPA, Léon Bonaventure teve papel relevante no processo de sua constituição.

## 3) SÍTIOS NA INTERNET

Pesquisa no Google, em páginas da web, com a palavra chave “Léon Bonaventure” mostra 42 resultados, no dia 27/03/2005, que trazem informações sobre as publicações mencionadas acima, menções de entrevistas com Léon etc.

## Anexo 5

### Informações sobre o panorama atual da PA no Brasil

#### 1) INSTITUIÇÕES DE PSICOLOGIA ANALÍTICA FILIADAS A IAAP

##### Associação Junguiana do Brasil - AJB

Fundada em 1991 como uma dissidência da SBPA, foi filiada a IAAP em 1995 durante o XIII Congresso Internacional da IAAP, em Zurique, passando a associação plena em 1997, quando pôde iniciar cursos para formação de analistas. Tem sede em São Paulo, onde também funciona um dos seus Institutos. Além desse, possui outros cinco: em Campinas, Minas Gerais, Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul e Paraná.

Realiza Simpósios anuais desde 1992.

Maiores informações no sítio: [www.ajb.org.br](http://www.ajb.org.br)

##### Sociedade Brasileira de Psicologia Analítica - SBPA

Fundada oficialmente em 1978, teve seu grupo aceito pela IAAP no ano anterior, durante o VII Congresso Internacional da IAAP, em Roma. Tem sede em São Paulo e uma afiliada regional no Rio de Janeiro. Edita a revista *Jungiana*, desde 1983.

Realiza, ainda, anualmente desde a sua fundação, o encontro "Moitará".

Maiores informações pelo sítio: [www.sbpa.org.br](http://www.sbpa.org.br)

#### 2) OUTRAS INSTITUIÇÕES E GRUPOS QUE DESENVOLVEM ATIVIDADES LIGADAS A PSICOLOGIA ANALÍTICA

Levantamento de instituições de PA no Brasil, feito no III Congresso Latino-Americano de Psicologia Junguiana (2003), acrescido de outras informações.

##### **Bahia:**

Instituto Junguiano da Bahia:

Alameda Bons Ares, 15 – Brotas, Salvador. F. (71) 356 1645

[www.ijba.com.br](http://www.ijba.com.br)

Grupo e Estudos coordenado por Hermenegildo Oliveira dos Anjos,

[herme@uol.com.br](mailto:herme@uol.com.br)

Clínica Psique

fone (71) 356 0606 com Silzen, Lucy ou Adenárias

Grupo de Estudo na Faculdade Bahiana de Medicina e Saúde Pública  
[www.fundeci.com.br](http://www.fundeci.com.br)

### **Ceará**

Sociedade do Pensamento Junguiano: Rua Paula Ney, 732 – Aldeota, Fortaleza  
<http://fla.matrix.com.br/jung//>

### **Distrito Federal**

Sociedade Brasileira de psicologia Profunda: Ed. Liberly Mall – Bloco B – s/202,  
Brasília. Fone (61) 315 9375

### **Espírito Santo**

Grupo de estudos junguianos do Núcleo de psicologia Clínica – Departamento de  
Psicologia – UFES. Contato: [kathy@npd.ufes.br](mailto:kathy@npd.ufes.br)

### **Paraná**

Núcleo de Psicologia Analítica Nise da Silveira, Londrina. Contato:  
[sonialvaz@hotmail.com](mailto:sonialvaz@hotmail.com)

Symbolon Estudos Junguianos, Curitiba.  
<http://www.symbolon.com.br/>

### **Rio de Janeiro**

Cântaro das Artes, Rua Maria Amália, 591/306 ss – Tijuca, Rio de Janeiro  
Obs.: Formação em Arteterapia junguiana, supervisão e atendimento clínico.

Casa das Palmeiras: Rua Sorocaba, 800 – Botafogo, Rio de Janeiro.  
Fone: (21) 2266 6465  
[www.casapalmeiras.org.br](http://www.casapalmeiras.org.br)

Obs.: Instituição fundada por Nise da Silveira,  
Atendimento

Instituto Rubedo: rua Visconde de Carandaú, 31 – Jardim Botânico, Rio de Janeiro  
Fone: (21) 2511 4859  
[www.rubedo.psc.br](http://www.rubedo.psc.br)

Museu de Imagens do Inconsciente  
Rua Ramiro Magalhães, 521  
Engenho de Dentro - CEP 20730-460  
Rio de Janeiro - Brasil  
Telefax (21) 3111 7465  
<http://www.museuimagensdoinconsciente.org.br/>

## **Rio Grande do Sul**

Centro de Atendimento em Terapias Humanas Existencial e Família - CATHEF: rua Bento Gonçalves, 2221 – sala 404, Caxias do Sul  
OBS.: Grupo de estudos

## **Rondônia**

Grupo de estudo em Porto Velho: coordenação Elisabete Christofolletti  
Endereço(s) de email(s):  
[christofolletti@enter-net.com.br](mailto:christofolletti@enter-net.com.br)  
[betechristofolletti@ibest.com.br](mailto:betechristofolletti@ibest.com.br)

## **São Paulo - Capital**

FACIS/IBEHE – Faculdade de Ciências da Saúde/Centro de Ensino Superior de Homeopatia  
Rua Bartolomeu de Gusmão, 86  
Fone: (11) 5084 3141  
<http://www.facis-ibehe.com.br>

Himma – Estudos em psicologia imaginal  
Coordenação: Marcus Quintaes e Santina Rodrigues  
Endereço: Av. Domingos de Moraes, 2777 - cj 72/73.  
Vila Mariana - cep 04035-001 - São Paulo - SP  
Fone: (11) 5549 0613h  
[himma\\_saopaulo@terra.com.br](mailto:himma_saopaulo@terra.com.br)  
Obs.: Grupo de estudos voltados a autores pós-junguianos.

Instituto Sedes Sapientiae  
Endereço: Rua Ministro Godói, 1484, perdizes  
São Paulo – SP. Cep: 05015-900.  
Fone: (11) 3866 2730  
<http://www.sedes.org.br>

Instituto de Psicologia da USP (IPUSP)  
- Laboratório de Estudos da Personalidade – LEP  
Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Laura Villares de Freitas [lep@usp.br](mailto:lep@usp.br)  
Av. Prof. Mello Moraes, 1721 – Bloco D. Telefone: (11) 3091-4172

Opus Psicologia e Educação: rua dr. Mário Cardim, 198 – Vila Mariana, São Paulo  
Prof. Dr. Alberto Pereira Lima  
Fone: (11) 5539 0574  
[www.opuspsicologia.com.br](http://www.opuspsicologia.com.br)

Philemon: rua Benjamim Egar, 66 – 6º and. – São Paulo  
Fone: (11) 3088 6511  
Obs.: Grupo de estudo com coordenação de Amnérís Maroni

PUC/SP – COGEAE  
Cursos de especialização e extensão  
<http://cogae.pucsp.br/>

PUC/SP – Núcleo de Estudos Junguianos do Programa de Estudos Pós-Graduados  
em Psicologia Clínica  
Coordenação: Profa. Dra. Denise Gimenez Ramos  
[www.pucsp.br](http://www.pucsp.br)

### **São Paulo – Interior**

Instituto de psicologia Junguiana – Bauru e Região: av. Rodrigues Alves, 8-4 s.  
404, Bauru.  
Fone: (14) 234 6833/ 223 2326

Instituto de Psicologia Analítica – Bauru  
Fone: (14) 223 3938

Centro de Estudos Junguianos – Universidade de Marília: av. Higino Muzzi Filho,  
Marília  
Fone: (14) 421 4000  
[www.unimar.br](http://www.unimar.br)  
Obs.: Projeto de ateliê e pintura em hospital-dia

Grupo de estudos: rua Silva Jardim, 58 – Piracicaba  
Fone.: (19) 3422 0552  
Obs.: grupo focado na proposta de Pethö Sándor, coordenado por Marlene Ribeiro

Encontros Junguianos de Santos

e-mail: [rimadiniz@uol.com.br](mailto:rimadiniz@uol.com.br)

Fone.: (13) 3234 9468 (Elisabeth)

Obs.: Este grupo, coordenado por Rita Diniz, funciona desde 1997 e mantém atividades como palestras, grupos de estudos, supervisão etc.

Eranos: Santos

Fone.: (13) 3289 7489

[www.eranoshpg.com.br](http://www.eranoshpg.com.br)

Obs.: cursos, grupo de estudos e supervisão junguiana

Grupo de estudos: São José do Rio Preto.

Contato: Inês Zanetti

Fone.: (17) 231 2729

### 3) PUBLICAÇÕES EM PORTUGUÊS

Obras Completas de C.G.Jung, publicada pela Editora Vozes.

Coleção "Amor e Psique" publicada pela Paulus Editora, com 75 títulos de diversos autores da psicologia analítica.

[www.paulus.com.br](http://www.paulus.com.br)

Existe, ainda, farta literatura da área publicada em português. Indicaremos alguns sítios com levantamento bibliográfico:

<http://www.salves.com.br/jbooks.htm>

<http://www.symbolon.com.br/bibliografia1.htm>

Com resenhas:

<http://www.sbpa.org.br/resenhas.aspx>

<http://www.ajb.org.br/livraria.html>

4) TESES E/OU DISSERTAÇÕES EM PSICOLOGIA ANALÍTICA ENCONTRADAS NO DIRETÓRIO DA CAPES, (em busca no dia 20/02/2005)

[http://www.capes.gov.br/capse/portal/conteudo/10/Teses\\_Dissertações.htm](http://www.capes.gov.br/capse/portal/conteudo/10/Teses_Dissertações.htm)

Crítérios: Ano base >= 1987; Assunto = psicologia analítica

Aparecem 72 teses/dissertações \*

Critérios: Ano base  $\geq$  1987; Assunto = psicologia junguiana  
Aparecem 13 teses/dissertações \*

\* Para verificar informações sobre teses e dissertações, incluindo resumos, acessar o sítio acima.